



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANA KRISTIA DA SILVA MARTINS

**MAPAS AFETIVOS TÁTEIS: VIVÊNCIAS URBANAS NÃO VISUAIS NA CIDADE
DE FORTALEZA**

FORTALEZA

2015

ANA KRISTIA DA SILVA MARTINS

MAPAS AFETIVOS TÁTEIS: VIVÊNCIAS URBANAS NÃO VISUAIS NA CIDADE DE
FORTALEZA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Processos de Mediação, Trabalho, Atividade e Interação Social.

Orientadora: Profa. Dra. Zulmira Áurea Cruz Bomfim

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

M341m Martins, Ana Kristia da Silva.

Mapas afetivos táteis: vivências urbanas não visuais na cidade de Fortaleza
/Ana Kristia da Silva Martins. – 2015.

161 f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de
Humanidades, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em
Psicologia, Fortaleza, 2015.

Área de Concentração: Ciências humanas.

Orientação: Profa. Dra. Zulmira Áurea Cruz Bonfim.

1.Deficientes visuais – Fortaleza(CE) – Atitudes. 2.Deficientes visuais –
Fortaleza(CE) – Aspectos psicológicos. 3.Vida urbana – Fortaleza(CE) – Aspectos
psicológicos. 4.Afeto(Psicologia).

5.Psicologia ambiental – Fortaleza(CE). I. Título.

CDD 305.9081098131091732

ANA KRISTIA DA SILVA MARTINS

MAPAS AFETIVOS TÁTEIS: VIVÊNCIAS URBANAS NÃO VISUAIS NA CIDADE DE
FORTALEZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Processos de Mediação, Trabalho, Atividade e Interação Social.

Orientadora: Profa. Dra. Zulmira Áurea Cruz Bomfim

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Zulmira Áurea Cruz Bomfim
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Sylvia Cavalcante
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

Profa. Dra. Bader Burihan Sawaia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Profa. Dra. Marcia Maria Tavares Machado
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À minha amiga e grande incentivadora Zulmira Áurea Cruz Bomfim, que por coincidência ou capricho da vida também é minha orientadora. Todas as palavras não seriam suficientes para demonstrar meu amor pela pessoa que tanto incentivou e estimulou meu crescimento nos últimos 10 anos, fazendo-me alguém muito melhor.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, companhia permanente em todos os momentos de angústia, dificuldades criativas, falta de acessibilidade a ferramentas digitais... Agradeço Àquele que não me desamparou em nenhum momento e fez-me acreditar que seria possível concretizar mais um dos meus sonhos acadêmicos.

À minha irmã Kristiane que mesmo longe me auxiliou nas etapas da seleção do mestrado e hoje mais perto se tornou minha fiel formatadora de trabalhos, produtora de apresentações e revisora da parte visual de minhas produções, além de estar sempre presente nas horas de angústia. Minhas palavras são pobres para expressar sua importância em minha vida e neste trabalho. Você sempre foi os meus olhos e graças a sua ajuda hoje eu tenho asas.

Aos meus pais Aluizio e Marlene que sempre acreditaram em mim e apoiaram minhas decisões, mesmo sem concordar totalmente com cada uma delas.

A minha orientadora Profa. Zulmira Bomfim, por seu método valioso de pesquisa que fundamentou a base desta pesquisa, por suas ricas contribuições e intervenções na elaboração desta dissertação, mas principalmente por sua paciência e amizade.

Às professoras Sylvia Cavalcante e Bader Sawaia, pelas preciosas sugestões realizadas durante o Exame geral de conhecimento, e juntamente com a professora Márcia Machado estarem disponíveis para mais uma vez avaliar e enriquecer este trabalho com seus comentários.

À Elinalva, que abriu as portas de sua escola para mim e ao João Bosco que sempre me auxiliou no contato com os sujeitos da pesquisa.

A cada uma das pessoas que colaboraram com este estudo respondendo ao instrumento de pesquisa, muitos se tornaram amigos, e foi um prazer aprender e trocar experiências com cada um.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos concedida.

Aos vários bolsistas da Secretaria de Acessibilidade da UFC, nas pessoas da bibliotecária Cleo Santos e da coordenadora Profa. Vanda Leitão, que me acompanharam nas várias horas de escaneamento do material bibliográfico, além de dividir comigo essa árdua tarefa.

Aos meus colegas de mestrado, com os quais foi maravilhoso dividir inquietações, partilhar ideias e aprender dentro e fora da sala de aula.

À Maria Zelfa, que foi mais do que uma colega de orientação, mas uma verdadeira amiga, presente tanto para ouvir queixas e prantos, quanto para sentar e auxiliar na construção deste trabalho.

À minha avó Chaga por ter cuidado de mim e alimentado a minha fome de comida boa, estimulando a minha criatividade com seus bolos de chocolate.

Ao meu querido Edney por sua paciência em me ouvir intermináveis vezes falar as mesmas coisas sobre as angústias de escrever este trabalho e por ter acreditado em mim até mesmo quando eu não conseguia. Hoje posso agradecer as palavras doces e duras, pois todas serviram de estímulo.

A minha amada Soraya sou grata pelas orações e pelo encorajamento para perseverar na busca pela realização de meus sonhos.

A minha amiga Juliana Oliveira agradeço por me fazer sentir uma pessoa menos louca, ouvindo atentamente cada devaneio meu com a maior seriedade.

Por fim também agradeço àqueles que estiveram ao meu lado em parte dessa jornada e foram tão importantes em meus passos iniciais, mas que as circunstâncias levaram para longe, sem que eu possa negar-lhes a gratidão pelo apoio e amor que recebi: César Filho, Demia e Júlio César.

Em mais um dia de trabalho acadêmico a ciência pede respostas, enquanto meu coração quer bater em ritmo de poesia. O cérebro enfraquece, pois o peito enamorado bombeia forças para onde quer e agora decidiu bloquear a tal lógica.

Argumentos, contra-argumentos, fatos, pedidos, súplicas e nada. O intelecto vai perdendo espaço para o infante coração que resignado dança em versos sua euforia.

Travesso menino sambista. Agita os braços, as pernas e a cabeça. Segue em uma cadência alegre e jovial. Danem-se os prazos e compromissos! Como aquietar esta criança que abrigo se agora ele decidiu que está na hora da festa?

Desisto de me conter, Também sinto vontade de dançar! Toda a luz que consigo avistar reflete o entusiasmo dos afetos adormecidos. E de repente nada mais dorme aqui dentro. Consciência, razão, ciência, teorias, leis, saudade, esperança, amor, raiva, desespero, medo, alegria e tantos desconhecidos íntimos dão as mãos e bailam juntos uma linda quadrilha.

Vida, morte, certezas e enganos misturam-se em serena festa. Cada pedaço de mim sacode-se em busca de ar. A confusão é intensa, mas deliciosa. Nada define este novo estado, porque não há necessidade de precisá-lo.

A festa de cores, odores, sons, gostos e texturas embriaga os convivas. Sem regras, sem limites, experimento o encontro da compaixão com a indiferença; do medo com a empolgação, da alegria com o cansaço; da ousadia com a morte; da vida com a ciência; de mim com o que deixaram em mim...

(Ana Kristia Martins em 22/04/14)

RESUMO

Este trabalho objetivou conhecer a forma como pessoas com deficiência visual sentem, pensam e agem na cidade de Fortaleza. A deficiência foi abordada como uma construção social e não apenas como uma limitação sensorial. Com base nos aportes teóricos da Psicologia social e ambiental compreende-se o homem como ser histórico, social e ativo que interrelaciona-se com seu entorno sócio-físico transformando-o e sendo por ele transformado. O estudo questionou o impacto das vivências urbanas das pessoas com deficiência visual como afetos potencializadores ou despotencializadores de sua ação na cidade. A teoria da afetividade e o conceito de estima de lugar orientaram a compreensão da relação dos indivíduos com a cidade, apontando inclusive para a escolha da metodologia de investigação. A partir da aplicação do Instrumento Gerador dos Mapas Afetivos (Bomfim, 2003) propôs-se a construção de imagens táteis da cidade utilizando-se materiais para modelagem e montagem, tais como algodão, canudos, barbante, massa de modelar dentre outros. Foram consultadas 37 pessoas com deficiência visual total e parcial de ambos os sexos. Os resultados indicaram a construção de quatro imagens de Fortaleza: Insegurança, Contraste, Destruição e Agradabilidade. As más condições de acessibilidade arquitetônica e atitudinal em Fortaleza foram enfatizadas como elementos que trazem mais insegurança aos participantes do que a violência e a criminalidade, gerando medo de deslocar-se pela cidade. Apesar da elevada incidência de sentimentos despotencializadores os respondentes também identificaram pontos positivos em suas experiências, os quais estão ligados principalmente ao gosto pelos locais públicos como praias e shoppings; pelos lugares de intimidade, integrantes das vivências cotidianas dos participantes e pela convivência social com pessoas próximas e com os demais habitantes da cidade. Conclui-se que a riqueza de informações obtidas a partir de referências não visuais permite uma compreensão integral da cidade, ainda que a pesquisa tenha evidenciado que o público consultado tem leituras e necessidades específicas quanto ao ambiente urbano, que não são supridas em Fortaleza, visto que a estima de lugar despotencializadora obteve mais respostas do que a estima de lugar potencializadora.

Palavras-chave: Deficiência visual. Mapas afetivos. Ambiente urbano. Potência de ação.

ABSTRACT

This paper aims to study the way visually impaired people feel, think and act in the city of Fortaleza. The impairment has been considered as a social subject and not only as a sensorial restriction. Based on the theoretical inputs of social and environmental Psychology, this work considers the individual as a historical, social and emotional being, who establishes a relationship with his/her physical and social environment, transforming it and being transformed by it. This study questions the impact of the urban experiences from visually impaired people as emotional intensifiers (or not) of their actions in the city. The affective theory and the concept of esteem of place have guided the comprehension of the individuals' relationship with the city, inclusively guiding us in the choice of the study methodology. By applying the generator instrument of affective maps (Bomfim, 2003), we proposed the construction of tactile images of the city, using molding and assembly materials, such as cotton, straws, strings, play dough and others. Thirty-seven visually impaired people with complete and partial blindness, from both genders, were consulted. The results indicated the construction of four images of the city of Fortaleza: Insecurity, Contrast, Destruction and pleasantness. The bad conditions on architectural and attitude accessibility in Fortaleza were emphasized as elements that cause much more insecurity to the contestants than the violence or the crime rate, causing a fear of moving through the city. Despite of the high occurrence of disempowering feelings, the respondents also identified positive aspects on their experiences, which are especially connected with the taste for public places, such as beaches and shopping malls; and for intimacy places, that are part of the contestants' daily experiences and with social living with close friends and other inhabitants of the city. The study concludes that the abundance of information which was gotten by the non-visual references allows us to have a full understanding of the city, even though the research had highlighted that the contestants have specific comprehensions and needs in relation to the urban environment, that are not fulfilled on Fortaleza, since the negative esteem of place has obtained more answers than the positive esteem of the place.

Keywords: Visual impairment. Affective Maps. Urban environment. Power of action.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Materiais utilizados na pesquisa.....	60
Figura 2 – Imagem tátil do IGMA nº. 11.....	78
Figura 3 – Imagem tátil do IGMA nº. 20.....	79
Figura 4 – Imagem tátil do IGMA nº. 37.....	80
Figura 5 – Imagem tátil do IGMA nº. 01	82
Figura 6 – Imagem tátil do IGMA nº. 25	83
Figura 7 – Imagem tátil do IGMA nº. 10	84
Figura 8 – Imagem tátil do IGMA nº. 22	85
Figura 9 – Imagem tátil do IGMA nº. 19.....	88
Figura 10 – Imagem tátil do IGMA nº. 35.....	90
Figura 11 – Imagem tátil do IGMA nº. 30.....	91
Figura 12 – Imagem tátil do IGMA nº. 33.....	93
Figura 13 – Imagem tátil do IGMA nº. 31.....	94
Figura 14 – Imagem tátil do IGMA nº. 12.....	96
Figura 15 – Imagem tátil do IGMA nº. 28.....	97
Figura 16 – Imagem tátil do IGMA nº. 04.....	99
Figura 17 – Imagem tátil do IGMA nº. 06.....	101
Figura 18 – Imagem tátil do IGMA nº. 09.....	103
Figura 19 – Imagem tátil do IGMA nº. 13.....	104
Figura 20 – Imagem tátil do IGMA nº. 15.....	105
Figura 21 – Imagem tátil do IGMA nº. 29.....	106
Figura 22 – Imagem tátil do IGMA nº. 05.....	109
Figura 23 – Imagem tátil do IGMA nº. 34.....	110
Figura 24 – Imagem tátil do IGMA nº. 16.....	111

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Síntese do processo de categorização voltado para a elaboração do mapa afetivo da cidade.....	62
Quadro 2 – Imagens de insegurança de Fortaleza segundo os participantes.....	77
Quadro 3 – Imagens de insegurança.....	77
Quadro 4 – Imagens de contraste de Fortaleza segundo os participantes.....	86
Quadro 5 – Imagens de contraste.....	87
Quadro 6 – Imagens de destruição de Fortaleza segundo os participantes.....	100
Quadro 7 – Imagem de destruição.....	100
Quadro 8 – Imagens de agradabilidade de Fortaleza segundo os participantes.....	107
Quadro 9 – Imagem de agradabilidade.....	108
Quadro 10 – Sentimentos dos participantes ao transitarem sozinhos em Fortaleza...	114
Quadro 11 – Principais referências utilizadas pelas pessoas com deficiência visual para se deslocarem na cidade.....	118

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição da amostra por faixa etária e sexo.....	68
Gráfico 2 – Participantes de acordo com a acuidade visual.....	69
Gráfico 3 – Distribuição dos participantes por escolaridade.....	70
Gráfico 4 – Distribuição de participantes por atividades realizadas.....	71
Gráfico 5 – Distribuição da amostra por atividade profissional.....	73
Gráfico 6 – Local de origem dos respondentes.....	73
Gráfico 7 – Renda dos participantes em salários mínimos.....	74
Gráfico 8 – Participantes que realizaram treinamento em Orientação e Mobilidade.	75
Gráfico 9 – Imagens da cidade de Fortaleza.....	76
Gráfico 10 – Principais meios de transporte dos participantes.....	112
Gráfico 11 – Frequência com a qual os participantes deslocam-se sozinhos.....	113
Gráfico 12 – Finalidade do deslocamento.....	115
Gráfico 13 – Preferências dos respondentes em relação à cidade.....	116
Gráfico 14 – Locais de interesse de moradia dos participantes.....	120
Gráfico 15 – Motivação dos participantes para morarem em outra cidade.....	121
Gráfico 16 – Fatores que aumentam a potência de ação dos sujeitos.....	122
Gráfico 17 – Fatores que reduzem a potência de ação dos respondentes.....	123

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	TATEANDO A CEGUEIRA: UM PERCURSO DE CONSTRUÇÃO SOCIAL E SENSORIAL.....	21
2.1	Aspectos gerais da deficiência.....	21
2.2	Definição da Deficiência Visual.....	25
2.3	A construção da cegueira como deficiência ao longo da história.....	27
2.4	Deficiência visual e reabilitação.....	33
2.5	A deficiência visual e o direito á mobilidade urbana.....	37
3	AFETIVIDADE E EXCLUSÃO NA CIDADE.....	40
3.1	Conhecendo a cidade: o conceito de percepção ambiental.....	40
3.2	A afetividade como categoria de estudo da relação pessoa-ambiente.....	43
3.3	Segregação espacial na cidade.....	47
4	TOCANDO E RETOCANDO A CIDADE: APREENSÃO DOS AFETOS A PARTIR DE ELABORAÇÕES TÁTEIS.....	53
4.1	Instrumento gerador dos mapas afetivos.....	57
4.2	Categorias de análise.....	63
4.3	Participantes da pesquisa.....	64
4.4	Aplicação do instrumento.....	64
4.5	Locus da pesquisa: a cidade de Fortaleza.....	66
5	BURILANDO SENTIMENTOS: IMAGENS AFETIVAS DE FORTALEZA...	68
5.1	Caracterização da amostra.....	68
5.2	Imagens táteis e mapas afetivos de Fortaleza.....	76
5.2.1	<i>Imagem de insegurança</i>	77
5.2.2	<i>Imagem de contraste</i>	86
5.2.3	<i>Imagem de destruição</i>	100
5.2.4	<i>Imagem de agradabilidade</i>	107
5.3	Mobilidade dos participantes.....	111
5.4	Como os cegos apropriam-se da cidade.....	116
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
	REFERÊNCIAS.....	130
	APÊNDICES.....	136

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	137
APÊNDICE B – INSTRUMENTO GERADOR DOS MAPAS AFETIVOS.....	138
APÊNDICE C – MAPAS AFETIVOS.....	143
APÊNDICE D – MATERIAIS DA PESQUISA: FOLHA TÁTIL.....	157
ANEXOS.....	158
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....	159

1 INTRODUÇÃO

A ausência da visão pode proceder de diferentes causas e ter início em diversos momentos da vida, desde a cegueira congênita, quando a criança nasce com a deficiência visual, até a perda progressiva da visão como uma das consequências do envelhecimento. As inúmeras causas que provocam a deficiência visual, como patologias, violência e acidentes de trânsito, e a forma como tal fenômeno instala-se, seja instantaneamente ou ao longo de um determinado período, o que o caracteriza como perda progressiva, provocam consequências psicológicas diversas para os sujeitos acometidos. Kastrup (2010) afirma que uma lesão visual é uma experiência simultaneamente emocional, social, cultural e cognitiva devido aos seus impactos e a necessidade de reorganização exigida, tanto do próprio indivíduo quanto daqueles que lhe são próximos.

A história anterior, o suporte social, fatores econômicos, bem como as políticas públicas disponíveis e a forma como o indivíduo avalia-se, interferem diretamente sobre sua forma de enfrentar e compreender a deficiência visual, seja esta congênita ou adquirida. Como diria Vigotsky (1997), cada pessoa tem maneiras idiossincráticas de lidar com suas limitações e os obstáculos e barreiras por elas impostas. Segundo ele alguns indivíduos conseguem transformar seus defeitos em talentos e superar as dificuldades, enquanto outros sucumbem as suas debilidades e ao sentimento de incapacidade, havendo ainda uma série de variações possíveis entre o sucesso ou o fracasso total.

Inúmeros estudos no campo da psicologia abordam a questão da deficiência visual, explorando temas diversos tais como a saúde mental das pessoas com cegueira adquirida (SEQUEIRA & SILVEIRA, 2002), as reações psicológicas à perda da visão (BARCZINSKI, 2001), a relação entre corpo e cognição de pessoas com deficiência visual (MORAES, 2007), a inclusão escolar da pessoa com deficiência visual (LIRA & SCHLINDWEIN, 2008), o redirecionamento da atenção após a perda da visão (KASTRUP, 2008), aspectos políticos e cognitivos envolvidos na audiodescrição¹ (DAVID, HAUTEQUESTT & KASTRUP, 2012), para citar apenas alguns exemplos.

Para algumas pessoas a ausência da visão implica em uma mudança que demanda sua adaptação a uma nova forma de estar no mundo, enquanto para outros, que nasceram cegos, representa a única forma conhecida de relacionar-se com seu entorno.

¹ Recurso de descrição de imagens, que permite às pessoas com deficiência visual ter acesso a exibições de filmes, peças de teatro, programas de televisão, fotografias e eventos.

Diversas são as concepções difundidas acerca dos cegos, abrangendo diferentes ideias sobre as formas de compreender, de tratar, do que eles são capazes de fazer ou não, de sua forma de perceber os objetos e reconhecer as pessoas. A este respeito Amiralian (1997) ressalta a constante presença das comparações entre cegos e videntes, destacando a normatização imposta pela visualidade, a qual se torna hegemônica determinando uma forma de compreender a cegueira com base na carência. Corroborando esta idéia Kastrup, Carijó e Almeida (2009, p. 117) afirmam que quando a visão é tomada como sentido de referência “[...] a diferença nos sistemas cognitivos de cegos e videntes converte-se irremediavelmente numa deficiência. A condição da cegueira torna-se então uma condição de inferioridade.”.

Salienta-se que esta perspectiva comparativa presente em algumas pesquisas e teorias acerca das capacidades cognitivas, sociais e mesmo emocionais dos cegos, ratifica atitudes presentes entre os leigos, sejam eles videntes ou não. Os próprios deficientes visuais costumam avaliar sua forma de perceber o mundo como insuficiente, devido tanto ao julgamento socialmente disseminado, o qual também é incorporado pelos próprios cegos, quanto pelas barreiras impostas diariamente ao seu desenvolvimento, uma vez que ele habita em um ambiente construído para aqueles que enxergam.

Assim se percebe que a deficiência não consiste simplesmente na ausência de um sentido ou membro do corpo, mas está intimamente relacionada com os padrões de avaliação e exigências impostas aos sujeitos. Faz-se necessário destacar ainda a relevância das condições oferecidas para que tarefas e funções sejam desempenhadas pelos indivíduos, considerando-se que pessoas diferentes apresentarão demandas por instrumentos diferentes para alcançar os mesmos objetivos, o que não significa que uma forma de desempenhar determinada atividade seja melhor do que a outra.

Ao se apontar para a utilização de referências não visuais para compreender a pessoa cega, não se trata de negar sua característica de não enxergar, mas de relevar suas demais potências, observando o emprego dos sentidos existentes na construção de relações com seu entorno. Faz-se necessário também atentar para a complexidade representada por cada indivíduo, que é composto por inúmeros aspectos que ultrapassam a ausência ou presença da visão.

Assim a psicologia precisa, através de seus estudos e práticas, promover uma nova compreensão da cegueira e da pessoa cega, não validando sua inferioridade e deficiência, mas aprofundando o conhecimento acerca de suas características de modo integral, sem a supervalorização de um aspecto ou outro. Essa reformulação demanda, como afirma Martim-Baró (1996), modificar o enfoque teórico e prático, descrevendo assim o papel do psicólogo:

[...] ele deve ajudar as pessoas a superarem sua identidade alienada, pessoal e social, ao transformar as condições opressivas do seu contexto. Aceitar a conscientização como horizonte não exige tanto mudar o campo de trabalho, mas a perspectiva teórica e prática a partir da qual se trabalha. (MARTIM-BARÓ, 1996, p. 7)

Em sentido social e político, os deficientes visuais são cidadãos como todos os outros, fazendo, portanto, jus a todos os direitos humanos e liberdades individuais asseguradas pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). Entre esse conjunto de garantias inclui-se a acessibilidade aos meios físico, social, econômico e cultural, à saúde, à educação, à informação e à comunicação.

É importante mencionar também entre os direitos básicos do cidadão, o direito à mobilidade ou direito de ir e vir, que no Brasil é assegurado pelo Art. 5º da Constituição Federal (BRASIL, 1988). A efetivação deste direito, contudo, depende da qualidade das vias públicas, como calçadas, travessias, disposição do mobiliário urbano, entre outros, que favorecem ou não, o deslocamento de pessoas com diferentes necessidades.

As edificações e demais construções humanas, ao inscreverem-se em padrões específicos, não contemplam a diversidade das necessidades humanas, pressupondo a adequação individual aos bens e serviços oferecidos. Esta inadequação é não apenas percebida, mas também vivenciada e sentida por aqueles que interagem com estes espaços.

Cada situação de incapacidade experimentada é simultaneamente uma vivência racional e afetiva, gerando uma compreensão sobre o mundo e a sociedade, que mesmo não sendo traduzida e revelada por meio da linguagem verbal subjaz ao indivíduo.

Há uma íntima relação entre o homem e o seu entorno social e físico, sendo este mais do que mero cenário das vivências do primeiro, e sim uma parte integrante de sua vida. A cidade, como espaço construído pela ação humana é um espelho dos valores, necessidades e compreensão de mundo de uma coletividade, expressa através de suas construções, movimentos, prioridades e comportamentos.

A posição de quase absoluta exclusão ocupada pelas pessoas com deficiência (PCDs) desencadeou a desconsideração de suas necessidades no planejamento e edificação das cidades, mesmo assim é crescente o número de pessoas, que apesar de suas limitações físicas e/ou intelectuais, têm participado ativamente da vida social pública. O cenário global é atualmente marcado pela presença e luta das PCDs pela garantia de seus direitos em prol do seu reconhecimento como seres humanos em condições de igualdade com os demais.

Santos e Chalhub (2012) reconhecem a grande variedade de estudos em Psicologia Ambiental investigando a relação do entorno sobre o comportamento de crianças,

adolescentes e idosos, mas chamam a atenção para a carência de referências que auxiliem os planejadores de espaços a serem utilizados por pessoas com deficiência (PCDs). Estes autores reconhecem a importância da aproximação entre pesquisa e planejamento dos espaços internos e externos, visando à melhor qualidade de vida e conforto das pessoas que irão fazer uso daqueles ambientes.

Tratando-se especificamente do acesso à cidade, muitos são aqueles que, apesar de suas limitações, desafiam todas as barreiras que lhes são impostas saindo de suas residências em busca de educação, trabalho, instituições de saúde, lazer e cultura. Essa ação das PCDs sobre o ambiente produz efeitos objetivos e subjetivos, impactando tanto aqueles cidadãos “sem deficiência” que os encontram nas ruas, como os poderes públicos, mas acima de tudo, transformando seus sentimentos e emoções em relação à cidade em que vivem.

A ausência da visão não impede que a pessoa interaja com o ambiente que a rodeia, mas exige que sejam criadas outras formas de reconhecimento dos estímulos externos. Não se trata de compensar um sentido ausente com o maior desenvolvimento dos demais, mas de criar uma forma singular de contato com o mundo.

Kastrup (2008) enfatiza que o risco da teoria da compensação da visão com base no uso dos demais sentidos reside em pensar que os cegos conhecem o mundo da mesma forma que os videntes, mudando-se apenas o canal perceptivo, o que não é verdade. Cada sentido possui sua forma peculiar de captar os estímulos externos fornecendo informações intercambiáveis ao cérebro, mas distintas entre si e não equivalentes.

Assim se evidenciou a relevância de investigar a forma como as pessoas com deficiência visual sentem e compreendem a cidade de Fortaleza, escolhida como lócus desta pesquisa. Nos estudos iniciais da pesquisadora sobre Psicologia Ambiental, ainda durante a graduação, como bolsista do Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental da Universidade Federal do Ceará (LOCUS-UFC), surgiu a inquietação sobre a qualidade da relação estabelecida entre as pessoas com deficiência e o ambiente urbano. Como psicóloga, ao acompanhar a inclusão laboral de pessoas com todos os tipos de deficiência, observou-se que a dificuldade de deslocar-se na cidade é uma barreira ao exercício da cidadania de pessoas com deficiência física e visual, que reagem de formas variadas diante de tais obstáculos, reiterando o desejo de investigar tal temática.

A acessibilidade universal para pessoas com deficiência já era uma preocupação existente desde o projeto Vida no Campus iniciado em 2006 pelo LOCUS-UFC, através das denominadas Oficinas de acessibilidade, nas quais os participantes eram convidados a transitar pelo espaço com vendas nos olhos, muletas e cadeiras de rodas ou ainda realizar

alguma atividade com a boca vedada. Nestas oficinas buscava-se sensibilizar a comunidade quanto às necessidades das pessoas com deficiência e a falta de acessibilidade da própria universidade e da cidade, quando a oficina foi realizada em uma das praças do centro da cidade de Fortaleza (VIEIRA et al, 2009).

Cada pessoa desenvolve percepções singulares acerca dos lugares pelos quais transita e permanece, o que não seria diferente tratando-se de pessoas com deficiência. Estas percepções estão carregadas de sentimentos e emoções que revelam muito sobre a relação estabelecida entre homem e ambiente. Assim o objetivo desta pesquisa é conhecer a cidade a partir das experiências afetivas e cognitivas de seus habitantes, tomando-se como amostra pessoas com deficiência visual. A escolha do público-alvo deu-se em razão da alta frequência da limitação visual entre os brasileiros, bem como por esta privação sensorial alterar diretamente a compreensão do espaço.

Além disso, é fundamental destacar o fato da própria pesquisadora ser pessoa com deficiência visual adquirida, que ao longo de 9 anos transitou diariamente, após a perda da visão, pelas avenidas da capital cearense. Importante ressaltar que a deficiência visual e as próprias experiências pessoais da autora/pesquisadora na cidade não reduzem a legitimidade deste estudo, ou tornam seus resultados previsíveis, pois a condição de cegueira não converte seu portador automaticamente em um conhecedor da realidade enfrentada pelas demais pessoas com tal deficiência, nem torna menor a necessidade da pesquisa de forma responsável, engajada e contextualizada, como nos alerta Martín-Baró (1996, p.8) “[...]devemos voltar nossa atenção para esse contexto, sem presumir que o fato de fazermos parte dele torna-o suficientemente conhecido, ou que nele viver o converte automaticamente no referente de nossa atividade profissional.”.

Assim, tem-se como objetivo geral deste trabalho conhecer a forma como pessoas com deficiência visual agem, sentem e pensam a cidade de Fortaleza. Os objetivos específicos incluem: avaliar que fatores favorecem e dificultam o processo de apropriação do espaço público para os deficientes visuais; e conhecer os sentimentos e emoções de pessoas com deficiência visual em relação a sua cidade.

Para acessar a afetividade, sentimentos e emoções, foi aplicado o instrumento gerador dos mapas afetivos (BOMFIM, 2010) que foi escolhido como método por conduzir a respostas que atenderiam aos objetivos do estudo. Trata-se de um questionário realizado a partir da elaboração de uma imagem de certo ambiente. A construção da imagem visa estimular a manifestação dos sentimentos e de emoções do sujeito quanto ao espaço sugerido, enquanto as questões posteriores permitem a explicitação dos mesmos. Vale ressaltar que esta

metodologia não fora anteriormente aplicada a pessoas com deficiência visual, sendo a sua extensão a este público também um objetivo específico desta pesquisa.

No primeiro capítulo serão apresentados os tipos de deficiência visual e seus padrões de classificação, bem como recortes da forma como as pessoas com deficiência visual foram compreendidas e tratadas pela sociedade em diferentes períodos. Aborda-se também o conceito de exclusão e suas consequências sobre o sujeito. Outro tema é o conceito de reabilitação, focando sobre o processo de orientação e mobilidade.

No segundo capítulo trata-se sobre a relação do corpo com a cidade ao longo da história e a forma como este é afetado pelo ambiente, entendendo-o como indissociável de seus pensamentos. A Psicologia Ambiental é discutida como responsável pelo estudo da interrelação entre o homem e seu entorno, tomando a afetividade, com base na psicologia social, como uma categoria para a compreensão destes processos.

O método utilizado na pesquisa, assim como suas transformações até chegar ao instrumento final; o público alvo, os aspectos éticos e as estratégias para a aplicação do questionário, são temas do terceiro capítulo. No quarto capítulo são apresentados os resultados encontrados e a discussão dos mesmos à luz do referencial teórico exposto.

Por último, nas considerações finais são apontados possíveis desdobramentos deste trabalho e suas contribuições para a temática abordada.

2 TATEANDO A CEGUEIRA: UM PERCURSO DE CONSTRUÇÃO SOCIAL E SENSORIAL

“Se a cegueira não fosse vista como um déficit, mas sim como uma característica, os cegos poderiam transitar livremente pelas ruas e calçadas, que contariam com estruturas acessíveis.”

(Fabiana Bonilha)

“Eu não vejo. É o que dizem. Nunca vi a cor de nada.

Na verdade, não sei bem o que é uma cor, não sei nem o que é uma cor, já que nunca vi.

As pessoas dizem – escuto muito bem – que não acreditam no que não veem. Ou que só acreditam vendo. [...]

Eu acredito no que toco, na textura das coisas. Eu acredito no que escuto, na música das coisas.

Eu prefiro minhas cores imaginadas, do jeito que as sonho, de acordo com as formas que toco e as notas do que ouço.”

(Clarice Freire)

2.1 Aspectos gerais da deficiência

A Organização das Nações Unidas – ONU estima que cerca de 10% da população mundial apresente algum comprometimento físico e/ou intelectual classificado como deficiência², o que equivale a um total aproximado de 650 milhões de pessoas. Em termos quantitativos este contingente populacional seria o suficiente para ocupar duas vezes os Estados Unidos, o terceiro país mais populoso do globo, mas apesar desta representatividade numérica, as pessoas com deficiência têm dificuldade para desfrutar plenamente de seus direitos.

O aumento crescente da violência, as condições insalubres e de escassez em que grande parte da população mundial vive, além da precariedade nas condições sanitárias e sistemas de saúde, tanto no âmbito profilático quanto interventivo, bem como carência de informações adequadas são alguns dos fatores que fazem com que, ainda segundo a ONU, aproximadamente 80% das pessoas com deficiência habitem nos denominados países emergentes.

A saúde também é afetada por fatores ambientais, tais como água potável e saneamento, nutrição, pobreza, condições de trabalho, clima, ou acesso a atendimento de saúde. Como a Comissão sobre Determinantes Sociais da Saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS) tem alegado, a desigualdade é uma das

² Fonte: <<http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-e-as-pessoas-com-deficiencia/>>

principais causas dos problemas de saúde, e portanto, da deficiência (20). O ambiente pode ser mudado para melhorar a saúde, evitar incapacidades, e melhorar os resultados finais para as pessoas com deficiência. Tais mudanças podem ser implementadas pela legislação, por mudanças nas políticas públicas, pela construção da capacidade de agir, ou por desenvolvimentos tecnológicos que gerem: Acessibilidade do desenho do ambiente construído e do transporte; Sinalização para beneficiar pessoas com deficiências sensoriais; Acesso aos serviços de saúde, e reabilitação, educação, e suporte a vida independente; Maiores oportunidades de trabalho e emprego para pessoas com deficiência. (OMS, 2012, p.4).

Assim a incidência de deficiências amplia-se em termos percentuais se consideramos apenas o conjunto formado pelas pessoas mais pobres do mundo, elevando-se para um total de 20%, ou seja, uma em cada cinco, das pessoas que vivem em piores condições de saúde, saneamento, educação, alimentação, entre outras, apresentam alguma deficiência.

A OMS (2012) defende a relação direta entre deficiência e desenvolvimento, devido à inter-relação entre deficiência e pobreza. Apresentar uma deficiência aumenta a probabilidade de pobreza, bem como a pobreza amplia a probabilidade de adquirir, desenvolver ou nascer com uma deficiência. A maior dificuldade de acesso à educação, saúde e emprego, por exemplo, constituem barreiras que conduzem as pessoas com deficiência e suas famílias a enfrentar mais desvantagens econômicas e sociais que o resto da população, por reduzirem sua competitividade no mercado de trabalho e seu acesso a renda (OMS, 2012, p. 10).

São inúmeros os fatores que ratificam a relação entre deficiência e pobreza, justificando porque ambas costumam apresentar-se associadas. A má nutrição durante a gravidez e a escassez de recursos médicos adequados durante o período pré-natal, parto e puerpério, bem como a ausência de aconselhamento genético, são fatores que colaboram para o maior número de deficiências congênitas. A desnutrição, baixo peso ao nascimento, falta de acesso à água potável e saneamento básico, condições insalubres de trabalho e de vida, segundo O Relatório Mundial sobre a Deficiência OMS (2012), são fatores que potencializam a incidência de deficiências entre os mais pobres. Esta probabilidade foi comprovada através de uma pesquisa realizada em 56 países em desenvolvimento, a qual indicou que os mais pobres apresentavam condições de saúde inferiores aos mais ricos (OMS, 2012).

Por outro lado, a OMS (2012) aponta que crianças com deficiência têm mais dificuldade de acesso à educação, o que implica em uma menor qualificação para o trabalho. A qualificação insuficiente ou mesmo ausente, somada ao preconceito e às barreiras à mobilidade, distanciam as pessoas com deficiência do mercado de trabalho, deixando-as em desvantagem em relação aos demais concorrentes. Além disso, a deficiência pode estar

associada a problemas de saúde que demandam tratamento permanente e/ou a incapacidades que exigem acompanhamento externo contínuo para a realização das atividades de rotina, o que aumenta o custo de vida para aqueles que possuem tais necessidades.

O preâmbulo da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência também destaca a associação entre pobreza e deficiência, avaliando a existência de impactos negativos da primeira condição sobre a última, bem como evidenciando a ocorrência de desvantagens oriundas da deficiência, as quais foram construídas socialmente. A definição a seguir, representa em linhas gerais a ideia central defendida por este documento, elaborado em parceria com a sociedade civil:

“Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de natureza física, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade com as demais pessoas.” (ONU, 2006, p. 27). A deficiência, conforme este conceito é deslocada do indivíduo para a relação deste com a sociedade, uma vez que o fator que a determina não é meramente a existência de uma alteração orgânica, antes a impossibilidade de realizar atividades utilizando-se os recursos materiais e sociais disponíveis é destacada como elemento de exclusão, ressaltando-se também que além de não facilitarem o acesso e a interação social em igualdade, as relações sociais e as condições do ambiente podem dificultar e até impedir o pleno desenvolvimento dos indivíduos com alguma deficiência.

A pobreza, a discriminação, a não representação pública, a não participação, a falta de acessibilidade arquitetônica e comunicacional, a reduzida oferta de emprego e educação, entre outros, são alguns elementos que evidenciam a exclusão vivenciada pelas PCDs, gerando a necessidade da garantia legal específica de seus direitos e a criação de políticas públicas que assegurem a oferta de recursos para sua inclusão social nas áreas, educacional, laboral, de saúde, de lazer, cultural e outras.

Contudo é preciso reconhecer que nem todas as pessoas com deficiência enfrentam as mesmas dificuldades, formando assim um grupo heterogêneo.

As generalizações sobre as “incapacidades” ou sobre as “pessoas com deficiência” podem enganar. As pessoas com deficiência possuem diversos fatores pessoais com diferenças em termos de gênero, idade, status sócio-econômico, sexualidade, etnia, ou herança cultural. Cada uma delas tem suas preferências e respostas pessoais para lidar com a deficiência (47). Embora a deficiência seja associada a privações, nem todas as pessoas com deficiência são igualmente desprovidas. (OMS, 2012, p. 32).

No Brasil, segundo o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em 2010, cerca de 23,9% da população apresenta pelo menos um tipo de

deficiência, sendo a deficiência visual a mais prevalente entre os tipos investigados (visual, auditiva, motora e intelectual), afetando 18,6% dos brasileiros. Vale explicar que este percentual inclui todas as pessoas que declararam possuir comprometimento visual, seja ele severo, moderado ou leve. O grupo de pessoas que afirmaram ser cegas corresponde a 1,6% da população.

No Nordeste do país as estatísticas superam a média nacional, situação esta encontrada em 2000 e mantida após o transcurso de uma década. Atualmente, cerca de 26,63% dos moradores da referida região afirmam possuir pelo menos uma deficiência. No Ceará os dados são ainda mais elevados, contabilizando-se uma percentagem de 27,69% de pessoas com deficiência, estatística esta superada apenas nos estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba³. Isto corresponde a dizer que mais de ¼ dos cearenses possuem algum comprometimento sensorial, motor e/ou intelectual.

A presença de indivíduos com características físicas e intelectuais limitantes não é um fenômeno recente, nem peculiar a uma determinada sociedade. Ao longo do tempo, as diversas civilizações legaram à posteridade representações e atitudes adotadas para com aqueles sujeitos considerados diferentes. A mesma característica pode ser interpretada de formas diversas, indo a extremos como a atribuição de incapacidade presumida, a indiferença, ou a consideração como vantagem. Sem a pretensão de esgotar o tema ou fazer um amplo recorte histórico e cultural, tem-se que no século XX o segmento das pessoas com deficiência ganhou visibilidade em consequência do contingente de combatentes da 2ª Guerra Mundial que regressaram da batalha com sequelas irreversíveis. A conservação destes ex-soldados como pessoas inativas seria excessivamente oneroso aos cofres públicos, o que exigiu a criação de alternativas para sua reintegração ao mercado de trabalho, repercutindo também na integração de pessoas com deficiências congênicas ou adquiridas fora dos campos de batalha (KASSAR, 2011; OMS, 2012).

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, foi o primeiro marco legal na garantia de direitos a todos os seres humanos, independentemente de suas idiosincrasias. Em 1981 a ONU promoveu o ano internacional das pessoas com deficiência, a fim de incitar a criação de planos de ação que favorecessem a igualdade de oportunidades, a reabilitação e a prevenção de deficiências.

O movimento de pessoas com deficiência, familiares e profissionais da área, também forçou a transformação do tratamento conferido às PCDs, observando-se o

³Fonte: <http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/enfoque-economico/EnfoqueEconomicoN23_27_02_2012.>

surgimento, a *priori* de convenções, tratados, planos e demais documentos internacionais ratificados pelo Brasil que impulsionaram a elaboração de políticas, programas e ações voltadas para o atendimento e a melhoria da qualidade de vida desse público (KASSAR, 2011).

No Brasil a Constituição Federal de 1988 marcou o reconhecimento da igualdade e da dignidade humana, referente a todos, cabendo à lei nº 7.853/1989 disciplinar especificamente, entre outros temas, sobre o apoio às pessoas com deficiência, sua integração social, e sobre a instituição de uma coordenadoria nacional para a integração das PCDs. Esta lei posteriormente foi regulamentada pelo Decreto nº 3.298/1999, que dispõe sobre a política nacional para a integração da pessoa com deficiência, consolida as normas de proteção e dá outras providências. O decreto 5.296/04, que regulamenta as Leis nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, dentre as quais as PCDs, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências, juntamente com as referidas leis constituem mais elementos legais de garantia dos direitos das pessoas com deficiência. Em 2008 a ratificação da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e de seu protocolo facultativo sob a forma de Emenda Constitucional ampliaram o escopo de leis específicas a deliberar sobre os direitos e liberdades individuais das PCDs.

2.2 Definição da Deficiência Visual

De um modo bastante simples, pode-se afirmar que a deficiência visual caracteriza-se pela ausência parcial ou total do sentido da visão. A carência parcial de visão é denominada baixa visão, enquanto a perda total deste sentido é classificada como cegueira. No Brasil, em termos legais, a deficiência visual é definida pelo 5º artigo, inciso I, alínea c, do decreto 5.296/2004, nos seguintes termos:

[...] deficiência visual: cegueira, na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60º; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores[...] (BRASIL, 2004).

Existe ainda a distinção entre deficiência visual congênita e adquirida, sendo a primeira referente aos casos em que a criança nasce com a acentuada perda visual ou a

desenvolve nos primeiros meses de vida. Entre os cegos congênitos não há registros de memórias visuais, o que os diferencia daqueles que apresentam deficiência visual adquirida, cuja modificação do referencial perceptivo provoca maior sensação de perda conforme aponta Kastrup (2008).

As definições até aqui expostas baseiam-se essencialmente em critérios biomédicos, todavia Vigotsky (1997) ressalta a existência de duas categorias de deficiência. A deficiência primária está associada às características orgânicas do indivíduo e as disfunções físicas do corpo, enquanto a deficiência secundária é proveniente das consequências psicossociais da deficiência. O autor ressalta a indissociabilidade destes aspectos, pois as relações sociais podem agravar, manter ou atenuar as limitações físicas. Segundo ele, o problema da deficiência não está nela ou no sujeito, mas na sociedade. Ainda que o sofrimento seja vivenciado pelo sujeito, ele é gerado a partir de trocas intersubjetivas estabelecidas socialmente (SAWAIA, 1999, p. 100).

De modo semelhante Moraes (2010) questiona os conceitos de "eficiência" e "deficiência", tais como estão postos, apontando a necessidade de tomar-se o contexto como elemento fundamental na compreensão da distribuição de eficiências e deficiências entre as pessoas. Conforme salienta a autora, uma pessoa não é deficiente em si mesma, uma vez que tal condição é forjada a partir de práticas incapacitantes do sujeito. Esta autora afirma ainda que a compreensão da deficiência visual e de suas implicações deve englobar uma análise biopsicossocial, onde a participação e reflexividade dos atores envolvidos são tomadas em conta, adotando-se o contexto social, as ações autoiniciadas, a criatividade, as narrativas das pessoas cegas e com baixa visão como agentes na compreensão da deficiência. Assim o conceito de deficiência é dinamizado e desvinculado do indivíduo como símbolo do preconceito e da exclusão.

A compreensão da deficiência de um modo articulado entre fatores biológicos e sociais tem espaço e representação através da Classificação Internacional da Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) elaborada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e aprovada pela 54ª Assembléia Mundial de Saúde em 22 de maio de 2001. Esta classificação constitui um complemento à Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde (CID 10), que privilegia os aspectos etiológicos e descritivos das patologias e é utilizada com frequência na elaboração de diagnósticos. Tanto a CID 10 quanto a CIF tomam as estruturas orgânicas como referência, mas enquanto a primeira relaciona as deficiências às doenças ou as aponta como causa para os atendimentos nos serviços de saúde, a CIF associa disfunções físicas às condições de saúde nas quais emergiram.

A CIF centra-se não apenas sobre os estados de saúde da pessoa, mas também sobre os estados relacionados à saúde. Organiza-se a partir de componentes associados à funcionalidade e incapacidade, por um lado, e sobre os componentes ambientais por outro. A funcionalidade engloba os sistemas orgânicos, estruturas corporais, bem como atividade e participação social, tendo a incapacidade como restrição em algum desses aspectos. Os componentes ambientais provocam uma grande variabilidade na relação entre disfunções físicas, atividade e participação social, fazendo esta classificação mais ampla quanto à compreensão das limitações, potencialidades e necessidades dos sujeitos. Os fatores ambientais podem ter impacto facilitador ou limitante para o indivíduo, devendo considerar-se tanto elementos físicos, quanto sociais e atitudinais.

A OMS (2012) define a deficiência como um fenômeno complexo, dinâmico, multidimensional e questionável, apontando a transição da compreensão da deficiência como algo individual, a ser definida clinicamente, para uma visão na qual ela é um fenômeno estrutural, socialmente concebido. Os autores deste documento internacional alertam para a importância de que o modelo médico e o social sejam adotados simultaneamente, de modo que tanto as limitações biológicas, quanto os fatores contextuais (ambientais e pessoais) sejam considerados.

Ressalta-se assim que a mera descrição quantitativa da acuidade visual de uma pessoa não é suficiente para determinar sua posição social, os papéis que irá ocupar socialmente, seu nível de apropriação cultural, entre outros. As condições econômicas, a participação da família no desenvolvimento e/ou recuperação do sujeito após a descoberta da deficiência, o acesso à educação de qualidade, a disponibilidade de recursos de saúde, a forma como a pessoa lida com sua deficiência, entre inúmeros outros fatores, influenciam a qualidade de vida e as realizações de cada pessoa com deficiência.

2.3 A construção da cegueira como deficiência ao longo da história

O objetivo aqui é fugir de um olhar naturalizante da deficiência, o qual a situa no corpo disforme ou dito anormal de alguém. Existem mecanismos sociais e históricos que compõem o cenário que formata a compreensão sobre a deficiência, conforme ressalta Omote (1994).

Goffman (1975) afirma que a sociedade divide as pessoas em categorias, estabelecendo critérios específicos para enquadrá-las. Com base nestas categorias, geram-se expectativas quanto aos seus atributos e comportamentos, os quais possivelmente são

destoantes da realidade, criando um abismo entre identidade social virtual e identidade social real dos indivíduos. Enquanto a primeira representa as expectativas geradas sobre um membro de uma determinada categoria, a última é constituída pelas características que o sujeito de fato apresenta. Algumas dessas características levam a uma recategorização do sujeito em uma posição social inferior, particularmente aquelas incompatíveis com a concepção de como um representante de determinado grupo deveria ser, agir ou parecer.

Um atributo que desqualifica o seu portador é compreendido por Goffman (1975) como um estigma, todavia ressalta que tal conceito não pode ser compreendido isoladamente, mas apenas de modo relacional. O estigma, como característica de desvalorização depende de um contexto social que assim o represente.

Restringindo a análise para o campo das pessoas com deficiência visual, temos conforme aponta Omote (1994) que a compreensão da cegueira como inferioridade não é universal, mas socialmente construída por um grupo, geograficamente situado, em um momento histórico específico.

Espinosa (apud Chauí, 1983) critica a ideia da inferioridade dos cegos baseada em uma suposta alteração na essência dos mesmos. A cegueira é considerada por ele como uma maneira diferente de existir que, portanto não inferioriza a pessoa. Nas palavras da autora:

Na carta n.º 21, a Blyenbergh, Espinosa considera que é um absurdo dizer que um cego é imperfeito ou menos perfeito do que um vidente. O cego seria imperfeito se a visão fizesse parte de sua essência e ele estivesse privado dela. Ora, a cegueira não é ausência de visão, mas uma forma diferente de existir. A essência é sempre singular e nunca chegaremos a ela se procedermos por comparação. (CHAUÍ, 1983, p. 15).

Kastrup, Carijó e Almeida (2009) destacam que a visão foi transformada em um sentido hegemônico, capaz de controlar os demais sentidos. Os autores afirmam que a visão domina sobre os demais sentidos porque ela tem a capacidade de sintetizar os estímulos recebidos por eles, totalizando-os, sendo comum entre os videntes que a visão submeta o tato, a audição, o olfato e o paladar a exercer funções de meros auxiliares ou coadjuvantes na percepção. Mesmo as pessoas não videntes, estão em contato direto com referências visuais, fazendo com que esta pareça ser a forma normal de estar no mundo, desqualificando as demais possibilidades. A partir desta perspectiva, Kastrup, Carijó e Almeida (2009) afirmam que a diferença entre os sistemas cognitivos de cegos e videntes é convertida em deficiência, conferindo à cegueira um status de inferioridade.

As representações acerca da cegueira ao longo da história e em diferentes culturas são agrupadas por Belarmino (2004) em dois grandes grupos. Por um lado a deficiência visual é compreendida como castigo sobrenatural, desgraça pessoal e/ou familiar, devendo o sujeito

permanecer à margem da sociedade, e no outro extremo é atribuído ao sujeito privado da visão, poderes sobrenaturais de enxergar o futuro e ver além dos limites físicos. Veiga (1946) em suas memórias resgata este fato, criticando principalmente a posição diferenciada na qual o cego é categorizado. Dessa forma ele enfatiza que a pessoa com deficiência visual tem defeitos e qualidades como os demais, não estando revestido de pureza ou maldade absoluta.

Privados historicamente da educação fornecida aos demais, e desconhecendo formas de produção de capital para sua subsistência, Belarmino (1997) esclarece que os cegos durante a Antiguidade e a Idade Média podiam ser divididos, em relação ao seu modo de vida, em 5 grupos. O primeiro segmento era composto por aqueles mais abastados que sobreviviam de suas rendas previamente conquistadas ou herdadas, enquanto outros mendigavam publicamente, outros exerciam atividades ligadas à música. Havia ainda aqueles que, segundo a autora, eram vendidos pelos familiares como escravos para realizar trabalhos pesados, ou viviam confinados em instituições asilares por toda a vida.

Na era cristã os princípios de amor ao próximo, piedade e caridade motivaram a criação de instituições, ligadas à igreja, para abrigar e prestar assistência às pessoas com deficiência. O objetivo dessas organizações era suprir suas necessidades básicas, pois os mesmos eram vistos apenas como peso social, ora tidos como pecadores padecendo o castigo divino, ora tidos como instrumentos para aperfeiçoamento moral dos demais por meio da caridade.

Bianchetti (1998) aponta que as pessoas com deficiência saíram das mãos dos inquisidores (igreja católica e protestante) e passaram a ser responsabilidade dos médicos, o que mesmo representando um avanço, manteve a condição de desigualdade. No século XVI a concepção teológica cedeu lugar à compreensão organicista da deficiência, como inata e incapacitante, havendo poucas intervenções possíveis.

Somente no século XVIII, na França, foram realizadas as primeiras iniciativas em prol de modelos pedagógicos voltados para a educação de pessoas com deficiência. Este pensamento tratava as pessoas como seres capazes de aprender, fossem quais fossem suas limitações (BIANCHETTI, 1998).

No século XX multiplicaram-se ao redor do mundo as instituições para cegos, desta feita voltada para sua educação e profissionalização (BELARMINO, 1997). Todavia a posição reservada para os mesmos permaneceu cristalizada através da capacitação para exercer atividades inferiores na cadeia produtiva, que incluíam prioritariamente trabalhos manuais, tais como empalhador de cadeiras, produtor de vassouras, massoterapeuta, ou ainda

telefonista e operador de câmara escura, restringindo as possibilidades de integração social da pessoa com deficiência visual (GOLIN, 2003).

Golin (2003) aponta que no caso das pessoas com deficiência visual as barreiras no acesso à educação dificultam o posterior ingresso no mercado de trabalho, devido à falta de capacitação. A educação é um direito inalienável e universal, que tem a capacidade de garantir ao sujeito a viabilidade de outros direitos, como trabalho e renda. A Constituição Federal (1988) assegura em seu artigo 6º, a educação como um dos direitos sociais dos cidadãos brasileiros, contudo a diferença entre o nível educacional das pessoas com e sem deficiência demarca a desigualdade de acesso dos primeiros a tal direito. Segundo dados do censo 2010, a taxa de alfabetização média dos brasileiros sem deficiência é de 90,6%, sendo de 81,7% entre aqueles com pelo menos uma deficiência (BRASIL, 2012a). Vale salientar que na região Nordeste do país a diferença entre os dois grupos é de 11,7%, sendo a maior variação dentre as regiões brasileiras, demonstrando uma maior desigualdade entre os dois grupos da população, 81,4% para as pessoas sem deficiência e 69,7% para as pessoas com deficiência, sendo também as menores médias brasileiras para ambos os segmentos (BRASIL, 2012a).

Apesar da garantia legal de emprego, no Brasil, estabelecida no Art. 7º da CF/88 e efetivada pela Lei 8.213/91, a qual estabelece em seu artigo 93, que as empresas com mais de 100 empregados devem reservar de 2 a 5% de seus postos de trabalho para pessoas com deficiência, ainda é baixo o número de pessoas com deficiência incluídas no mercado de trabalho. Na semana de referência, na qual foi realizado o censo de 2010, dentre as pessoas com mais de 10 anos que estavam ocupadas apenas 23,6% eram pessoas com deficiência. Existe ainda uma diferença de gênero, quando se trata da percentagem de pessoas ocupadas. Na população de PCDs com mais de 10 anos de idade, 57,3% dos homens estavam trabalhando, enquanto apenas 37,8% das mulheres nas mesmas condições estavam ocupadas (BRASIL, 2012a).

Parpinelli (1997) destaca que a inserção da pessoa com deficiência no mercado de trabalho depende da superação de inúmeras barreiras:

- a) as atitudes pessoais do indivíduo, que pode demonstrar dependência excessiva;
- b) descrédito dos familiares a respeito da capacidade de seu membro com deficiência trabalhar;
- c) preconceito da comunidade que considera que as PCDs devem ser supridas financeiramente pelo governo, em vez de trabalhar;
- d) desconhecimento dos empregadores sobre sua capacidade de trabalho;

- e) receio dos empresários de que a produtividade das PCDs seja inferior;
- f) falso julgamento das empresas de que o trabalho ou o ambiente laboral poderiam gerar mais riscos de acidentes e danos às pessoas com deficiência;
- g) suposição dos patrões de que para a inclusão seriam necessárias adaptações demasiadamente onerosas.

A separação das pessoas em categorias distintas, conforme o estigma que as identifica, segundo Omote (1994) favorece ainda mais a segregação social. Formam-se instituições, grupos e especialistas para atender às demandas particulares de cada subgrupo marginalizado. Estes especialistas têm a função de assistir àqueles considerados incompletos, de acordo com suas faltas. Assim estes profissionais e instituições validam o conceito de deficiência, subscrevendo os limites e possibilidades dos indivíduos a partir de sua condição física.

Outra questão a ser problematizada é a distorção construída entre resposta ao tratamento social e consequências inerentes ao estigma. No caso de uma pessoa com uma deficiência sensorial ou física que se mostra excessivamente retraída, expansiva ou revoltada com a vida, por exemplo, tais qualidades são associadas diretamente à deficiência, sem análises sociais e subjetivas mais profundas. Contudo esta percepção acerca de uma característica como estigma não permanece exterior ao indivíduo, podendo ser também por ele incorporada e utilizada como parâmetro em seu julgamento de si mesmo e dos demais (GOFFMAN, 1975).

Martins (2006) menciona a luta entre as aspirações dos indivíduos e os estigmas impostos na construção de sua subjetividade. Ao mesmo tempo em que se potencializam as incapacidades oriundas da cegueira, tornam-se invisíveis as condições sociais e culturais que engendram discriminação e exclusão, baseada em critérios biológicos.

Para compreender os efeitos da deficiência visual na construção da subjetividade do indivíduo e na sua forma de perceber e relacionar-se com o mundo a sua volta, é preciso considerar as condições psicossociais, culturais, econômicas e históricas nas quais ele vive. Estes elementos situacionais influenciarão diretamente as crenças que o indivíduo estabelecerá acerca de si mesmo e acerca dos outros (OMOTE 1996).

Ross (1998) enfatiza o componente social da deficiência, afirmando que as concepções comuns compartilhadas acerca deste tema influenciam as relações estabelecidas com sujeitos assim classificados, afetando diretamente sua formação identitária:

Isso significa que não é a distinção física ou sensorial que determina a humanização ou desumanização do homem. Suas limitações ou ilimitações são determinadas

social e historicamente. O homem não tem prefixada sua natureza, seu ser, sua consciência e sua liberdade. "O que é o homem está relacionado com sua manifestação objetiva e subjetiva, ou seja, com o que produz e a maneira como produz socialmente" (Marx e Engels, 1987: 27-28). É através do trabalho que o homem produz suas capacidades e necessidades, constituindo-se como homem e superando as forças iniciais do seu equipamento biológico. (ROSS, 1998).

Os efeitos da cegueira sobre a vida de uma pessoa precisam ser compreendidos para além da simples implicação em ausência de visão. Belarmino (2004) afirma que a filosofia tradicional identificou a construção de modos distintos de estar/perceber/organizar o mundo circundante, baseados em condicionamentos biológicos, psicológicos, socioculturais, ambientais e espaciais. Não há um sentido que substitua integralmente a visão, por isto a interação multissensorial permeia a percepção dos deficientes visuais, de modo a possibilitar-lhes mais elementos para a compreensão do ambiente que lhes rodeia.

Ross (1998) acrescenta que os preconceitos difundidos socialmente acerca das pessoas com deficiência influenciam diretamente a autoimagem destes indivíduos, que constroem uma concepção distorcida acerca de suas capacidades. Veiga (1946), por exemplo, destaca a sensação de inferioridade que sentia perante seus companheiros videntes, tanto pela falta de gestos e expressões semelhantes que, conforme acreditava, diferenciavam-no dos outros, quanto pela representação que considerava que tinham a seu respeito.

O tratamento de determinadas diferenças como deficiências estabelece os critérios para inferiorização de grupos, os quais por sua vez validam práticas de exclusão. Considerando-se que a identidade, conforme aponta Ciampa (1987) é constituída socialmente e que o indivíduo incorpora características que lhe são atribuídas por aqueles com quem interage, percebe-se a influência da alteridade na autopercepção do sujeito.

A estigmatização reduz a integralidade humana a algumas de suas qualidades, que são destacadas conforme propósitos específicos de diferenciação em relação a outros grupos, o que leva a uma simplificação do sujeito. Tal categorização fomenta um reconhecimento parcial frente a interações que distorcem o real sustentando julgamentos depreciativos. Há um sofrimento socialmente produzido, mas vivenciado individualmente, o qual entranha-se no sujeito, gerando predicados, que por vezes ampliam ainda mais os estigmas, movendo assim o processo de exclusão/inclusão na dialética entre o singular e o social.

A cegueira isoladamente não determina a identidade dos indivíduos, tornando-os dóceis, dependentes, isolados, tímidos ou impondo-lhes qualquer outra característica (AMIRALIAN, 1997). Isto não significa que a deficiência visual não provoque impacto sobre a vida das pessoas, mas que não há linearidade nos processos emocionais deflagrados por ela. Kastrup, Carijó e Almeida (2009) destacam que a cegueira traz afecções e conexões

específicas, dificuldades, capacidades, deficiências e potências peculiares, que compõem um corpo, um modo de perceber, movimentar-se, comunicar-se e viver, além de definir um novo domínio cognitivo e um novo mundo, recriado a partir da reorientação do campo de conexões.

Sawaia (1999) explicita a importância de conhecer-se o sofrimento gerado pela exclusão, a fim de dar visibilidade ao sujeito que concentra em sua vida cotidiana, em sua subjetividade e comportamentos, as marcas das desigualdades presentes na sociedade em um macrocontexto, o qual se reflete na intimidade das emoções e vivências experimentadas individualmente. O caráter pessoal do sofrimento fez com que ele fosse por vezes ignorado, apesar de suas repercussões. Assim, a autora enfatiza a importância de atentar-se para as emoções geradas por esta exclusão, ressaltando também o aspecto social e político deste sofrimento:

Perguntar por sofrimento e por felicidade no estudo da exclusão é superar a concepção de que a preocupação do pobre é unicamente a sobrevivência e que não tem justificativa trabalhar a emoção quando se passa fome. Epistemologicamente, significa colocar no centro das reflexões sobre exclusão a idéia de humanidade e como temática o sujeito e a maneira como se relaciona com o social (família, trabalho, lazer e sociedade), de forma que, ao falar de exclusão, fala-se de desejo, temporalidade e de afetividade, ao mesmo tempo que de poder, de economia e de direitos sociais. (SAWAIA, 1999, p. 99).

2.4 Deficiência visual e reabilitação

A relevância atribuída à visão influencia diretamente a maneira como o ser humano constrói suas relações espaciais e sociais, agindo diretamente sobre sua cultura, comportamento e pensamento, propiciando a formação de uma linguagem com inúmeros termos relativos a este campo perceptual. Assim, têm-se atualmente uma cultura visuocêntrica, na qual as formas de registro escrito, as comunicações, parte do acervo cultural, as atividades, os meios de transporte e as estruturas arquitetônicas são planejados para o uso com base na visão. Isto faz com que as demais formas de agir sejam julgadas inadequadas, provocando a necessidade da chamada reabilitação, termo que pressupõe a falta de uma habilitação anterior do sujeito, tomado assim com base em sua incapacidade de usufruir dos bens e serviços disponíveis. Contudo a falta de um termo que substitua “reabilitação” fez com que ele fosse empregado neste texto.

Ainda que o olfato, o paladar, o tato e a audição tenham sido considerados como sentidos inferiores, cada um deles possui um papel fundamental na construção de imagens do mundo e de pensamentos e emoções. A realidade ultrapassa os limites visuais, oferecendo-se à percepção em uma ampla variedade de estímulos.

A perda da visão, contudo, amplia a necessidade da utilização das demais referências sensoriais para a realização das tarefas do cotidiano, o que não acontece de modo natural e instantâneo. A incapacidade sobressai-se devido a uma valorização de habilidades pontuais, que dividem a pessoa em componentes parciais, cujo foco é a falta.

Moraes (2010) reporta-se a Moser (2000) para ressaltar que mesmo as práticas de reabilitação costumam pautar-se sob um modelo de normalidade, contra o qual as pessoas com deficiência são avaliadas, o que as identifica a partir da falta, da incapacidade de preencher os requisitos necessários à totalidade percebida como o “corpo saudável” e, portanto eficiente.

A OMS (2012) afirma que o termo reabilitação tem sido atribuído a procedimentos bem variados, referindo-se tanto a intervenções para melhorar a função corporal, quanto a medidas mais abrangentes de promoção da inclusão do sujeito.

O objetivo da reabilitação é fazer com que o indivíduo alcance e mantenha a capacidade de realizar atividades e participar da vida social, interagindo de modo satisfatório com seu ambiente. Para isto são adotadas estratégias que visam assegurar a:

- a) prevenção da perda funcional;
- b) redução do ritmo de perda funcional;
- c) melhora ou recuperação da função;
- d) compensação da função perdida;
- e) manutenção da função atual.

Os resultados esperados com a reabilitação são a melhora e modificação nas funções do indivíduo, facilitando a sua interação com seu entorno e conseqüentemente o aumento de sua qualidade de vida.

Tratando-se da reabilitação de pessoas com deficiência visual é preciso questionar o papel da visão para o sujeito. Embora a sociedade seja visuocêntrica, como defende Belarmino (2004), sendo os referenciais e modos de vida validados e construídos a partir da visão, enfatizando-se o uso deste sentido como prioritário na percepção e relação com o ambiente, é preciso evitar tal paradigma, conforme destaca Kastrup (2010):

Por fim, devemos evitar o risco do visuocentrismo. Devemos estar cientes que cegos e videntes têm diferentes maneiras de perceber e estar no mundo, sem que a maneira vidente seja a mais espontânea, natural ou correta. O cego não possui uma percepção inferior, mas distinta da nossa. (KASTRUP, 2010, p.42).

Quando se adota como referência a perspectiva do vidente, as inabilidades dos cegos irão sobressair-se, cabendo à compensação sensorial ocupar o papel de aspecto positivo

na percepção destes, dizendo-se que as pessoas privadas da visão têm audição mais aguçada ou tato mais sensível que os demais (KASTRUP, CARIJÓ & ALMEIDA, 2009, p. 120).

Kastrup (2010) aponta que a perda da visão pode ter um efeito de totalização da subjetividade, ou seja, a pessoa passa a ser percebida apenas por esta falta, principalmente por aqueles que enxergam (p.34). Por outro lado existe a sensação de perda da própria identidade e do acesso ao mundo gerado naqueles que são acometidos pela cegueira em momentos posteriores do desenvolvimento, havendo a necessidade de reinventar formas de relacionar-se consigo, com os outros e com o ambiente que o cerca. Neste sentido Vigotsky (1924/1997) destaca que a cegueira é mais do que um defeito ou debilidade, mas também uma oportunidade para a manifestação de capacidades, uma vez que ordena novas formas de organização psíquica.

Uma das principais perdas do indivíduo acometido pela cegueira refere-se à capacidade de percepção espacial, o que afeta diretamente sua habilidade para deslocar-se com autonomia e segurança. Isto ocorre devido à descrença inicial nos sentidos remanescentes, que anteriormente foram subjugados (BASTO & GAIO, 2010).

David et al (2009) consideram que a especificidade da pessoa com deficiência visual ao se deslocar pela cidade, está relacionada com a carência de dados perceptivos provenientes do ambiente. Os autores afirmam que ao passo que os videntes atualizam constantemente suas referências de distância entre os objetos e seu corpo, possibilitando um movimento organizado, os cegos baseiam-se na audição, tato e propriocepção para orientar seus movimentos. Entretanto o despreparo dos ambientes para fornecer referências e estímulos não visuais, dificulta o deslocamento com segurança e autonomia das pessoas com deficiência visual. A este respeito Kastrup, Carijó e Almeida (2009, p. 121) afirmam:

É certo que existem limitações diversas. Uma das maiores dificuldades do cego é sua percepção do espaço, seu deslocamento na cidade e nos espaços públicos, nem sempre dotados de boas condições de acessibilidade. A referência básica no tato e a quase inexistência de percepção à distância (apenas a audição atende a este requisito) faz com que sua situação seja de grande vulnerabilidade. Em primeiro lugar, trata-se de vulnerabilidade física, que diz respeito à exposição freqüente a acidentes – um mero orelhão pode causar um grande dano.

A fim de facilitar o deslocamento, a apropriação espacial e os relacionamentos sociais da pessoa com deficiência visual, existe um conjunto de técnicas denominadas Orientação e Mobilidade (OM). A OM visa através da estimulação dos sentidos remanescentes estabelecer maneiras para que o deficiente visual desloque-se no ambiente com autonomia, segurança e eficácia (BASTO & GAIO, 2010). Segundo Ferraz e Filgueiras

(2010) a capacidade de deslocamento da pessoa com deficiência visual depende do conhecimento do meio circundante (orientação, da habilidade para se movimentar, mobilidade) e do desejo de transitar. As autoras destacam que a partir das percepções olfativas, táteis e auditivas o indivíduo avalia a distância relativa dos objetos do meio que o cerca, construindo com base nesses estímulos o seu mapa mental.

O uso da bengala longa é uma das formas indicadas para que a pessoa cega usufrua seu direito de transitar no espaço público, todavia esta atividade pode não ser tão fácil e confortável como se objetiva. A adaptação ao uso de tal forma de mobilidade depende da aquisição de alguns conceitos:

Para que a aprendizagem destas técnicas aconteça, a pessoa cega deve desenvolver conceitos referentes ao ambiente como esquema corporal; natureza dos objetos (fixos ou móveis); natureza do terreno; natureza dos sons e odores; formar conceitos para orientação, como lateralidade, direcionalidade e curso dos objetos em movimento. É necessário que a pessoa cega aprenda conceitos que serão úteis para a eficiência da mobilidade como: tempo e espaço, volta, contorno, aproximação e afastamento dos objetos. (BASTO & GAIO, 2010, p.122).

No processo de reconhecimento espacial Okamoto (2002) ressalta a importância da implicação de todo o corpo no processo de apropriação. Enfatiza a necessidade de uma participação direta do ser em sua integralidade (corpo e mente), assim como fazem as crianças, utilizando-se todos os sentidos para interagir com o meio.

Abandonando uma perspectiva reducionista das capacidades humanas, nota-se a potencialidade da existência de uma interação pessoa-ambiente não mediada pela visão, na qual outras características físicas, tais como odores, ruídos, gostos e texturas sobressaem-se. Com base em estratégias próprias os indivíduos cegos tornam-se aptos para responder às estimulações externas.

A reabilitação é um direito das pessoas com deficiência, sendo descrita no Art. 15 do decreto 3.298/99, como o desenvolvimento das potencialidades da pessoa com deficiência a fim de facilitar sua atividade laboral, educativa e social. O parágrafo 1º do Art. 17, acrescenta ainda que:

Considera-se reabilitação o processo de duração limitada e com objetivo definido, destinado a permitir que a pessoa com deficiência alcance o nível físico, mental ou social funcional ótimo, proporcionando-lhe os meios de modificar sua própria vida, podendo compreender medidas visando a compensar a perda de uma função ou uma limitação funcional e facilitar ajustes ou reajustes sociais. (BRASIL, 1999).

A OMS (2012) considera que a reabilitação é composta por 3 elementos: medicina de reabilitação; terapia e tecnologias assistivas. A medicina de reabilitação contribui com a

identificação do diagnóstico, tratamento de condições de saúde, redução de deficiências, prevenção e tratamento de complicações. À terapia cabe buscar restabelecer e compensar a perda funcional, bem como evitar ou retardar a perda de funcionalidade nas diferentes áreas da vida da pessoa. Os profissionais responsáveis pela terapia são terapeutas ocupacionais, técnicos de órteses e próteses, fisioterapeutas, psicólogos, auxiliares técnicos e em reabilitação, assistentes sociais e fonoaudiólogos. As ações terapêuticas incluem:

- a) treinamento, exercícios e estratégias de compensação;
- b) educação;
- c) apoio e aconselhamento;
- d) modificações no ambiente;
- e) disponibilização de recursos e tecnologia assistiva.

A tecnologia assistiva corresponde a qualquer item, parte de equipamento ou produto, mesmo que este seja adaptado ou modificado, empregado para o aumento, manutenção ou melhoria da capacidade funcional da pessoa com deficiência (OMS, 2012). No caso da deficiência visual, temos como exemplo de dispositivos de tecnologia assistiva bengalas brancas, soroban⁴, lupas, dispositivos oculares, audiolivros e softwares para ampliação e leitura de tela para computador, celular e *tablet*, por exemplo.

2.5 A deficiência visual e o direito à mobilidade urbana

Conforme mencionado anteriormente, o deslocamento autônomo é um dos aspectos mais prejudicados pela ausência da visão. Já em seu preâmbulo, a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, em sua alínea v, destaca a importância da acessibilidade física como direito a ser assegurado pelos estados para com seus cidadãos. A seguir os Art. 9º e 20º tratam especificamente da acessibilidade física e comunicacional no primeiro e do direito à mobilidade no segundo.

A Lei 12.587/12, que institui as diretrizes da Política Nacional de Mobilidade Urbana, define em seu Art. 4º, inciso II: “mobilidade urbana: condição em que se realizam os deslocamentos de pessoas e cargas no espaço urbano” (BRASIL, 2012b). Günther (2003) afirma que a mobilidade, enquanto exploração é fundamental ao desenvolvimento e bem-estar humano. Segundo ele, à medida que uma criança, por exemplo, desenvolve suas capacidades motoras, expande suas áreas de exploração em busca de recursos progressivamente mais

⁴ Dispositivo semelhante ao ábaco, com peças e linhas, utilizado para fazer contas. No Brasil auxilia o ensino da matemática para deficientes visuais.

complexos. A atividade de mover-se no espaço aumenta o tamanho e o controle sobre o espaço pessoal, da mesma forma que inversamente, a redução da mobilidade, restringe-os (GÜNTHER, 2003). A mobilidade é importante para que a pessoa possa ter acesso a bens, serviços e informações, sendo um direito fundamental.

Ao tratar de mobilidade das pessoas com deficiência visual faz-se indispensável mencionar a questão da acessibilidade, que conforme a definição da Lei 10.098 de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a acessibilidade de pessoas com deficiência, pode ser assim entendida:

Acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos transportes e dos sistemas e meios de comunicação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida; (BRASIL, 2000, Art.2º).

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), através da NBR 9050 de 2004, definiu os padrões necessários para que mobiliários, edificações, espaços e equipamentos urbanos sejam considerados acessíveis a todas as pessoas, sejam estas, pessoas com deficiência, idosos ou pessoas com mobilidade reduzida, contudo estas normas não são plenamente cumpridas. A falta de condições adequadas reduz as possibilidades de livre deslocamento, com autonomia e segurança das pessoas que são mais vulneráveis às condições do ambiente, pois ampliam os riscos de acidentes, à medida que dificultam interações satisfatórias entre usuários e estruturas urbanas.

A possibilidade de deslocar-se no ambiente público garante ao sujeito o acesso ao exercício de sua cidadania, pois a mobilidade é uma condição para usufruir de equipamentos tais como escolas, hospitais, clubes e outros. Sem a disponibilidade de pisos táteis⁵; sinais sonoros⁶; avisos táteis ao redor de telefones públicos, pois a bengala informa de obstáculos situados no nível baixo, desprotegendo o nível superior do corpo, o trânsito na cidade torna-se deveras complicado. Além destes ainda há a obstrução de calçadas, que assim não servem como caminhos de passagem segura, ampliando as barreiras ao deslocamento de todos.

Outro conceito importante é o de desenho universal. Acerca do mesmo a Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência, traz em seu Art. 2º a seguinte definição:

Desenho universal" significa o projeto de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados, na maior medida possível, por todas as pessoas, sem que seja necessário um projeto especializado ou ajustamento. O "desenho universal" não

⁵ Pisos com marcas em relevo que permitem ao deficiente visual orientar-se.

⁶ Que demarcam o tempo em que o semáforo permite a passagem de pedestres.

deverá excluir as ajudas técnicas para grupos específicos de pessoas com deficiência, quando necessárias. (2006).

O objetivo é que todos possam usufruir de modo equitativo dos mesmos espaços, de acordo com as suas necessidades. Não se trata de adaptar os ambientes para pessoas com deficiência, mas de buscar a construção de espaços que possam ser acessados por todos simultaneamente.

3. AFETIVIDADE E O PROCESSO DE EXCLUSÃO E INCLUSÃO NA CIDADE

“Nas grandes cidades, no pequeno dia-a-dia
 O medo nos leva tudo, sobretudo a fantasia
 Então erguemos muros que nos dão a garantia
 De que morreremos cheios de uma vida tão vazia
 [...]
 Um dia super, uma noite super, uma vida superficial
 Entre as sombras, entre as sobras da nossa escassez
 Um dia super, uma noite super, uma vida superficial
 Entre cobras, entre escombros da nossa solidez”
 (Humberto Gessinger)

3.1 Conhecendo a cidade: o conceito de percepção ambiental

Lynch (1998) ressalta que os elementos móveis da cidade (pessoas e suas atividades) são tão importantes quanto os elementos imóveis (estrutura física) da mesma. O autor defende que o ambiente não é percebido pelo sujeito de modo neutro, sofrendo a influência de aspectos sensoriais, dos objetivos do indivíduo e de suas memórias. Ele aponta a existência de duas formas de conhecimento sobre os ambientes, sendo o primeiro, conhecimento locativo, que se refere aos elementos estruturais, os quais permitem à pessoa deslocar-se; e um conhecimento não locativo, ligado ao significado do ambiente para a pessoa, relacionado às suas experiências subjetivas.

Vale salientar que Lynch (1998) define o processo de atribuição de significado ao espaço, como bilateral, pois embora existam sinais objetivos a serem observados, cabe ao sujeito selecionar, organizar e dotar de sentido aquilo que percebe.

Okamoto (2002) enfatiza que o uso dos sentidos está perdendo importância devido a obsessão pelo rigor científico, fazendo com que a riqueza perceptual restrinja-se ao conjunto dos cinco sentidos convencionais: olfato, paladar, tato, audição e visão, salientando mais uma vez a valorização do último como elemento principal de contato com o mundo.

A visão, assim como os demais sentidos, possui características peculiares, ela capta configurações, formas, cores e constrói imagens das relações entre os objetos no ambiente. Devido a sua propriedade de apreender informações à distância, a visão, conforme aponta Okamoto (2002) destaca-se como elemento de segurança para o homem, que está apto para perceber ameaças com um maior nível de antecipação. Segundo este autor mais de 80% das informações transmitidas ao cérebro do ser humano são provenientes da visão. Contudo

Kastrup, Carijó e Almeida (2009) contestam esta afirmação, segundo a qual os cegos teriam acesso a menos de 20% do mundo, propondo que os objetos não possuem existência prévia, independente da relação cognitiva de apreensão estabelecida com o homem.

As características do aparelho sensorial de cada espécie são compartilhadas por seus membros, por isso Tuam (1983) afirma que é mais fácil para uma pessoa compreender a forma como outro homem percebe o mundo do que como um cachorro, pois este possui receptores sensoriais com propriedades específicas, que, apesar de apresentar menor acuidade visual, detém maior capacidade de recepção e diferenciação de estímulos olfativos.

Vigotsky (1991a) descreve a percepção humana como um mecanismo complexo, no qual os elementos físicos são tanto identificados quanto categorizados. Além das formas, ele destaca a capacidade de atribuir sentido e realidade àquilo que é percebido:

Um aspecto especial da percepção humana - que surge em idade muito precoce - é a percepção de objetos reais. Isso é algo que não encontra correlato análogo na percepção animal. Por esse termo eu entendo que o mundo não é visto simplesmente em cor e forma, mas também como um mundo com sentido e significado. (p. 37).

A percepção é uma função elementar que com o desenvolvimento da fala e da manipulação de instrumentos modifica-se constituindo uma das funções psicológicas superiores, diferenciando-a da percepção dos outros animais (VIGOTSKY, 1991a). A associação entre percepção e signos está presente na memória mediada, na qual signos auxiliam o processo de recuperação das lembranças. As associações entre signos e recordações são estabelecidas pelo homem conforme suas necessidades, por meio de técnicas indiretas. Esta capacidade de recordar baseada em signos fornece condições de igualdade de acesso ao mundo a pessoas com deficiência visual, que embora não usufruindo das mesmas percepções, compartilham os códigos de comunicação.

O mundo, tal como é percebido pela criança, passa a ser nomeado, categorizado e descrito por meio da fala, que por sua vez relaciona-se de modo arbitrário com o objeto que representa, dada a associação cultural entre palavra e objeto. Após este estágio inicial em que a fala é empregada para rotular a percepção, ela adquire uma nova função e passa a desempenhar um papel de síntese da percepção (VYGOTSKI, 1991a). Assim se estabelece uma cultura visuocêntrica, na qual as formas de registro escrito, as comunicações, parte do acervo cultural, as atividades, os meios de transporte e as estruturas arquitetônicas são planejados para o uso com base na visão.

Entretanto, ainda que o olfato, o paladar, o tato e a audição tenham sido considerados como sentidos inferiores, cada um deles possui um papel fundamental na

construção das várias imagens do mundo e dos pensamentos e emoções humanas. Como afirma Günther:

O espaço físico igualmente é multifacetado. A percepção dos cenários físicos não somente passa por múltiplos sentidos (visão, audição, etc.), mas registra múltiplos estímulos ao mesmo tempo. Entretanto, dificilmente, responde-se ou se é atingido por apenas um aspecto deste ambiente físico, mas por sua gestalt, composta por múltiplos estímulos. (GÜNTHER, 2003, p. 274).

Apesar dessa diversidade de estímulos, a concepção visuocêntrica predominante faz com que aqueles que não se utilizam da visão como sentido de referência sejam submetidos a condições desiguais de acesso à cidade e a seus equipamentos em geral, uma vez que tais estruturas são construídas baseando-se no uso da percepção visual como meio de contato e captação da realidade.

O homem como um ser ativo, social e histórico, constrói-se a partir de suas relações objetivas com o ambiente social e físico que o rodeia, devendo considerar-se também as condições históricas, culturais, econômicas que permeiam sua existência. Não é possível dissociar objetividade e subjetividade, pois à medida que o ser humano interage com o mundo, ambos são alterados. Dessa forma pode-se pensar na influência que os grandes centros urbanos tem sobre a subjetividade de seus habitantes, ao afetar diretamente seus modos de vida, criando simultaneamente limites e possibilidades, que são lidos e interpretados de formas diversas por seus moradores, pois cada um faz sua própria leitura do mundo como afirma Damásio (2000, p. 406):

O cérebro é um sistema criativo. Em vez de refletir fielmente o ambiente que o circunda, como seria o caso com um mecanismo engendrado para o processamento de informações, cada cérebro constrói mapas desse ambiente usando seus próprios parâmetros e sua própria estrutura interna, criando, assim, um mundo único para a classe de cérebros estruturados de modo comparável.

Damásio ratifica por intermédio de uma descrição neurobiológica as idiosincrasias existentes entre os homens, também relacionadas a sua história e matrizes culturais e sociais. Tomando-se por base uma abordagem transacional da relação pessoa-ambiente, conforme apresentam Aragonés e Américo (1998) compreende-se que homem e ambiente implicam-se mutuamente, formando uma totalidade de acordo com o contexto e a cultura. Nessa perspectiva o espaço não é estático, mas construído socialmente e subjetivamente levando-se em consideração o tempo e a cultura.

3.2 A afetividade como categoria de estudo da relação pessoa-ambiente

Calvino (2000) afirma que as cidades não são formadas por sua estrutura física, nem por suas edificações, mas sim pelas histórias individuais e coletivas que condensa em suas paisagens, nas quais os objetos inanimados armazenam em si o passado. Corroborando esta afirmação Sawaia (1995) declara que a cidade, bem como os elementos que a constituem portam em si histórias, desejos, carências e conflitos. Em suas próprias palavras, tem-se:

A cidade, a rua, o prédio, a porta representam modelos de subjetividade enquanto portadores de história, desejos, carência e conflitos. Cada cidade, bairro, rua, até mesmo cada casa, tem um clima que não advém, exclusivamente, do planejamento urbano e da geografia, mas do encontro de identidades em processo - identidades de homens e de espaços. Esse clima perpassa diferentes entidades: eu, corpo, espaço doméstico, etnia, arquitetura. Dessa forma, os espaços construídos formam discursos e manipulam impulsos cognitivos e afetivos próprios. (SAWAIA, 1995, P. 21).

Sawaia (1995) declara que cidade e homem compartilham a mesma subjetividade e a mesma materialidade, pois os processos vitais de ambos se entrecruzam rompendo as barreiras entre subjetividade e objetividade.

Bomfim (2003), partilhando a concepção acima de que o ambiente precisa ser analisado a partir da dialética subjetividade/objetividade, apresenta a afetividade como categoria de análise que permite a superação das dicotomias entre pessoa e ambiente, subjetividade e objetividade, valorizando o conteúdo emocional da experiência humana. Para isso baseia-se na teoria das emoções, conforme descrita por Levi S. Vigotsky, psicólogo russo, que descreve a emoção como uma função psicológica superior, intrinsecamente relacionada com as demais, tais como pensamento, memória, vontade e linguagem, destacando assim o caráter social e cultural dos sentimentos e emoções, além de conectá-los com a experiência total do indivíduo. Em suas palavras:

Referimo-nos à relação entre intelecto e afeto. A sua separação enquanto objetos de estudo é uma das principais deficiências da psicologia tradicional, uma vez que esta apresenta o processo de pensamento como um fluxo autônomo de "pensamentos que pensam a si próprios", dissociado da plenitude da vida, das necessidades e dos interesses pessoais, das inclinações e dos impulsos daquele que pensa. Esse pensamento dissociado deve ser considerado tanto um epifenômeno sem significado, incapaz de modificar qualquer coisa na vida ou na conduta de uma pessoa, como alguma espécie de força primeva a exercer influência sobre a vida pessoal, de um modo misterioso e inexplicável. (VIGOTSKY, 1991b, p. 6).

Embora sua obra Teoria das Emoções, produzida entre 1931 e 1933 tenha permanecido inacabada devido ao seu falecimento, tal tema perpassa toda a obra do autor em questão, conforme afirmam Machado, Facci e Barroco (2011). Vigotsky equipara os elementos

afetivos aos cognitivos, destacando a importância de ambos para o funcionamento do psiquismo, bem como sua interdependência. Ele afasta-se de uma concepção puramente biológica dos sentimentos e emoções, ressaltando também seu caráter histórico-cultural. Walsiner (2012) descreve que os sentimentos humanos são culturalmente organizados a partir da mediação semiótica dos signos, ao passo que estes sentimentos constroem sentido para o mundo e para às relações estabelecidas com ele. As emoções conectam realidade imediata e imaginação, assim como permeiam os pensamentos realistas, sendo indispensáveis na esfera cognitiva do pensamento e no movimento criativo (MACHADO, FACCI & BARROCO, 2011).

Damásio (2000) supõe que embora consciência e emoção sejam fenômenos distintos, ambos estão intimamente ligados, pois quando a consciência está ausente, a emoção também o está. Ele considera que assim como a emoção, a consciência relaciona-se com a sobrevivência. O autor acrescenta ainda que razão e emoção não podem ser separadas, pois ambas interagem, conforme indicam estudos com pacientes que tiveram lesões cerebrais em regiões associadas às emoções e que como consequência perderam a capacidade de tomar decisões racionais, como faziam anteriormente, embora sua memória e seu raciocínio lógico permaneçam intactos. As emoções apóiam o raciocínio, principalmente quanto a questões pessoais e sociais que envolvem conflitos e riscos. Nas palavras de Damásio: “As lesões neurológicas sugerem simplesmente que a ausência seletiva de emoção é um problema. Emoções bem direcionadas e bem situadas parecem constituir um sistema de apoio sem o qual o edifício da razão não pode operar a contento” (DAMÁSIO, 2000, p. 62).

Referência fundamental para Vigotsky, o filósofo Baruch de Espinoza defende a indivisibilidade entre corpo e alma, sendo, portanto considerado um filósofo monista. Segundo suas proposições corpo e alma são duas manifestações da mesma substância, geradora de todas as coisas, pois é a causa primeira de tudo (GLEIZER, 2005). Assim alma e corpo constituem uma organização de partes relacionadas entre si, exprimindo cada um a seu modo o mesmo evento (CHAUÍ, 1983). Deleuze (2002) esclarece a concepção de Espinosa acerca do corpo, sendo este um corpo em movimento e em relação. O corpo não se encontra estático, tampouco isolado e sua concepção acerca do corpo depende tanto do movimento das partículas que o compõem, como da capacidade de afetar e ser afetado pelos demais corpos que o cercam.

Pensamento e extensão são dois atributos da mesma substância que agem produzindo novos modos de natureza distinta, mas indissociável dado o paralelismo causal que os concebeu. Os modos, por sua vez, referem-se a tudo aquilo que não possui existência

em si mesmo, dependendo de um outro para ser gerado. Esta dependência existencial faz com que os modos sejam limitados, o que ocorre por meio de outras manifestações da substância expressas em modos de mesmo atributo, a saber, pensamento ou extensão (Espinosa, 1996).

Espinosa denomina a essência do homem de *conatus*, a qual corresponde ao movimento interno do corpo e ao nexu interno das idéias na alma (CHAUÍ, 1983). O *conatus* é a tendência do ser para perseverar em sua existência, o poder para expandir-se e realizar-se integralmente e enfrentar os obstáculos a sua existência (Chauí, 1983). Esta autora descreve, segundo as idéias de Espinosa, que o *conatus* de cada ser pode aumentar ou diminuir a partir de causas externas, já que as coisas finitas estão em interação causal com as demais.

A paixão consiste em deixar-se vencer por todas as causas que agem negativamente sobre o *conatus*, enquanto a ação equivale a apropriar-se de causas que atuam positivamente sobre a sua força. Na ação o poder do ser alma/corpo incorpora o exterior, e na paixão ele não consegue agir com tal poder. Assim Espinosa chama as ações de causas adequadas e as paixões de causas inadequadas, pois enquanto as primeiras aumentam a potência do ser para perseverar em sua existência, as últimas atuam de modo inverso (ESPINOSA, 1996). Assim, desejo é a tendência do *conatus* para procurar meios de aumentar a sua potência.

Deleuze (2002) enfatiza a indissociabilidade proposta por Espinosa entre um corpo e os demais, confundindo exterior e interior, integrando-os como partes distintas de uma unidade. Este autor destaca que na filosofia de Espinosa uma das características do corpo e do pensamento é a capacidade de afetar e ser afetado:

Concretamente, se definirmos os corpos e os pensamentos como poderes de afetar e de ser afetado, muitas coisas mudam. Definiremos um animal, ou um homem, não por sua forma ou por seus órgãos e suas funções, e tampouco como sujeito: nós o definiremos pelos afetos de que ele é capaz. Capacidade de afetos, com um limiar máximo e um limiar mínimo, é uma noção freqüente no pensamento de Espinosa. (DELEUZE, 2002, p. 129).

Assim Deleuze aponta que baseado no conhecimento dos afetos, podemos identificar mais semelhanças entre um cavalo de lavoura e um boi, do que entre um cavalo de lavoura e outro tipo de cavalo. Como essa semelhança não baseia-se em funções ou mesmo em espécie, isso justificaria a compreensão de que as pessoas com deficiência visual tem mais em comum com outros sujeitos com condições sociais semelhantes do que com outros sujeitos cegos.

Os afetos são as afecções do corpo que aumentam ou reduzem a sua potência de ação, bem como as idéias dessas afecções, destacando a união entre esses dois modos (corpo e alma)(CHAUÍ, 1983). As afecções do ente, por sua vez, são atributos que permitem conhecer

a essência ou a existência do mesmo. Tem-se deste modo que uma afecção que não faça variar a potência de ação não é um afeto, concluindo-se que nem todas as afecções são afetos, embora todos os afetos sejam afecções (GLEIZER, 2005). O aumento da potência de ação é denominado alegria, enquanto a sua redução é chamada de tristeza, ainda segundo Gleizer (2005).

Ao questionar a relação da pessoa com a cidade, problematiza-se a implicação de seu corpo e mente na cidade a partir das afecções geradas na extensão humana, compreendendo que os afetos não estão localizados na alma, separadamente do corpo, pelo contrário parte-se da concepção da unidade entre os dois modos humanos.

A carência de acessibilidade no ambiente urbano gera constrangimentos, barreiras e limites ao pleno desenvolvimento do corpo e da mente, e assim de parte da natureza humana, que segundo Espinosa(1996) há de perseverar na própria existência de expansão e liberdade.

Sant-Anna (2010) declara que segurança e acessibilidade são fatores que influenciam diretamente a relação da pessoa com seu entorno, interferindo em suas relações sociais e na forma como ela utilizará o espaço, alterando assim sua qualidade de vida.

Desta forma é possível inferir a relevância da afetividade no processo de avaliação, ação e transformação humana sobre os espaços e mobiliários urbanos, sem que isto inferiorize tais condutas devido a sua não neutralidade. Bomfim (2003) sugere ainda que os afetos não afastam o homem da racionalidade, mas propiciam-lhe experimentar uma “racionalidade ético-afetiva na cidade”, a qual possibilita a criação de espaços de ação coletiva.

Assim, propôs a construção de um instrumento cujo objetivo é acessar os sentimentos e emoções do sujeito em relação à sua casa, bairro, cidade ou outro espaço escolhido pelo pesquisador. A articulação de sentidos construída pelo cientista após a elaboração das respostas do sujeito é denominada Mapa Afetivo (BOMFIM, 2003; 2010).

Esta metodologia baseia-se nos mapas cognitivos de Lynch, mas avança na busca da revelação dos sentimentos e emoções do indivíduo. Segundo sua autora, os mapas afetivos são recursos indicados para intervenções psicossociais, pois deflagram sentimentos de modo sintético, aproximando-os da realidade cotidiana. O sujeito pode não estar consciente destes sentimentos em relação a seu entorno, mas enquanto responde ao instrumento gerador dos mapas afetivos tem a oportunidade de refletir sobre suas respostas. Neste processo de construção dos mapas afetivos, tanto sujeito quanto investigador são convidados à reflexão, o que faz deste método simultaneamente um instrumento de pesquisa e de intervenção. Ao

propor a investigação da afetividade do sujeito quanto ao ambiente, o mapa afetivo busca ultrapassar as dicotomias entre subjetividade e objetividade:

Eles são orientadores das estratégias de ação e avaliação dos níveis de apropriação (pertencer ou não pertencer a um lugar), apego (vinculação incondicional a um lugar) e de identidade social urbana (conjunto de valores, representações, atitudes que tomam parte da identidade do indivíduo no lugar). Como síntese dos afetos, eles também apontam o nível de implicação do indivíduo no lugar. Dado seu caráter representacional e criativo, são recursos de acesso à dialética subjetividade/objetividade na cidade (BOMFIM, 2003, p.212).

Propõe-se, portanto a utilização dos mapas afetivos como método de investigação dessa afetividade, dado o seu objetivo e resultados por eles alcançados em outras pesquisas (ALENCAR, 2010; BOMFIM, 2003; FERREIRA, 2006), sugerindo-se um desdobramento deste método, segundo será apresentado no próximo capítulo.

3.3 Segregação sócio espacial na cidade

Os avanços tecnológicos têm transformado os padrões de vida da sociedade, criando a cada dia novas necessidades, ampliando assim os níveis de consumo. A velocidade com que produtos tornam-se obsoletos e a iminência da fabricação de novos bens movimentam a economia, geram empregos e justificam a implantação e manutenção da oferta de inúmeros outros serviços complementares. Atualmente as cidades são o palco principal destes processos sociais, econômicos e culturais desencadeados pelo modelo capitalista vigente.

Como fruto desta ideologia, focada na geração de lucros, no privilégio individual em detrimento do coletivo e no consumo, percebe-se o crescimento acelerado e sem planejamento dos centros urbanos, os quais atuam como aglutinadores das diversas estruturas da vida social. Neste processo de adaptação dos meios urbanos às demandas do sistema financeiro, as cidades acumulam barreiras que distanciam seus habitantes entre si, além de não garantir as condições necessárias para assegurar a qualidade de vida de seus moradores.

Pol (1996) aponta que a despersonalização das cidades; a excessiva quantidade de informações que o cidadão não é capaz de dominar; a manipulação das massas por meio da mídia; a organização do espaço em desacordo com as necessidades de seus habitantes; bem como a rapidez das mudanças, que obrigam as pessoas a reorientar-se no espaço urbano constantemente, constituem obstáculos para que os cidadãos apropriem-se do seu entorno. A falta de identificação com o meio urbano inviabiliza a existência de uma relação sujeito-sociedade, em oposição à díade sujeito-objeto, a qual conduz as relações do homem urbano

com seus pares e com os ambientes. Assim surgem outros problemas comumente observados nas cidades, tais como a violência, a insegurança, a anomia, a degradação ambiental, entre outros.

As cidades, enquanto forma de organização humana coletiva, não representam um fenômeno histórico recente, ainda que sua organização atual seja composta por elementos peculiares, que demarcam a cultura e os modos de vida contemporâneos. Rolnik (1994) descreve que as cidades, como espaço fixo de habitação e trabalho, tiveram origem a partir da produção de excedentes. O acúmulo de produtos a serem consumidos posteriormente permitiu que os moradores das cidades fossem consumidores e não mais produtores de gêneros agrícolas, dedicando-se então a outras atividades. Por outro lado ela enfatiza que é nas cidades que é incrementada a tecnologia que aumentam a produtividade da terra.

Sennett (2003) faz uma análise das diversas estruturas urbanas existentes, desde a antiga Atenas dos gregos até a Londres e a Paris do início do século XX, centrando-se sobre as construções arquitetônicas e relacionando-as diretamente com os modos de vida da população e a maneira como cada grupo concebia o próprio corpo e os corpos daqueles considerados diferentes, seja por sua classe social, gênero, etnia, religião, atividade laboral, ou outra categoria distinta.

Bianchetti (1998) lança um olhar especial acerca da representatividade do corpo, indicando que as concepções que o cercam, bem como as exigências que lhe foram impostas ao longo da história atendem às necessidades das classes sociais dominantes. Acerca deste tema este autor propõe que as diversas formas como os homens trataram o corpo revestem-se de irracionalidade, à medida que em determinados contextos ele foi e continua sendo fragmentado, separado em partes constituintes, enquanto o outras vezes hiper ou hipo valorizado. Outro item a ser considerado é a padronização imposta ao corpo, que deve encaixar-se em modelos estabelecidos socialmente sob pena do ostracismo social, tendo em conta ainda a variabilidade destes padrões ao longo do tempo.

Tais transformações quanto às exigências feitas ao corpo relacionam-se com o modo como o homem satisfaz suas necessidades em cada período histórico, ou seja, que elementos e atividades utilizou e realizou para constituir-se e subsistir. Assim ele define que a diferença entre os homens e o tratamento conferido àqueles considerados diferentes também se configuram socialmente, e são demarcados pelas condições históricas de cada tempo.

Sennett (2003) aponta as significativas mudanças sociais encenadas em cada período, evidenciando a superioridade assumida por certos indivíduos, baseados em sua condição física. Por muito tempo a superioridade do sexo masculino justificou-se devido à

temperatura corporal, a qual se acreditava mais alta entre os homens gregos, o que lhes garantia o livre acesso a polis, sendo inclusive desnecessário o uso de roupas, destinadas às mulheres que possuíam temperatura corporal inferior, e pelo mesmo motivo estas também deveriam restringir-se a ocupar os espaços domésticos, configurando então uma segregação espacial à medida que estas não poderiam deslocar-se livremente pela cidade como os cidadãos gregos. Além disso, a nudez exposta dos cidadãos gregos era objeto de admiração e simbolizava a sensação de segurança desfrutada pelos mesmos ante a proteção de sua cidade, o que os diferenciava dos bárbaros nômades que não usufruíam de abrigo seguro.

Na sociedade ateniense os escravos também eram marginalizados, pois o trabalho reduzia sua quantidade de calor corporal. Os cidadãos gregos deveriam dedicar-se às atividades intelectuais, ao ócio, à política e ao exercício da retórica nas grandes assembleias, demarcando o limite entre tarefas práticas, destinadas aos escravos, e tarefas teóricas, sob responsabilidade dos cidadãos. Esta divisão social exemplifica em uma escala micro a separação entre mente e corpo, segundo indica Bianchetti (1998), segregação esta remanescente em nossos dias. Rolnik (1994) afirma que as cidades são tanto uma forma de organizar o território quanto uma relação política, na qual todos os cidadãos estão intrinsecamente engajados, sabendo-se que todos os cidadãos participam da vida pública, ainda que esta participação restrinja-se ao cumprimento das regras impostas.

Acerca dos romanos, um dos elementos que os distinguiam dos bárbaros, segundo a concepção dos próprios latinos, era a sua higiene corporal, alcançada através dos banhos públicos nas termas, construção muito popular entre este povo. No decorrer da história outros sinais físicos, como a circuncisão dos judeus também embasaram práticas de segregação.

As características atribuídas ao corpo, conforme aponta Sennett (2003), relacionam-se de forma interdependente com a ocupação espacial. Em Veneza, no século XVI, os judeus foram obrigados a residir em moradias isoladas, constituindo guetos, pois os cristãos temiam qualquer tipo de contato com os corpos destas pessoas que consideravam portadores de doenças venéreas que podiam contaminá-los de forma misteriosa. Assim mais uma vez supostas explicações biológicas, ou a ausência de informações satisfatórias nesta área, foram utilizadas como justificativa para a segregação de alguns grupos.

Nos séculos XV e XVI, judeus e meretrizes foram obrigados a usar sinais distintivos, forjados arbitrariamente para simbolizar sua diferenciação em ambientes públicos. Sennett (2003) indica que essas duas categorias de pessoas deviam portar sinais ou peças de roupas amarelas que representariam sua condição peculiar diante dos cristãos e das demais

mulheres, comparando este fato às demais insígnias empregadas pelos representantes de profissões diversas a fim de serem diferenciados entre si.

Na Idade Média a atividade mercantil concentrava-se nos centros urbanos, que assim como os castelos feudais, eram murados e possuíam reservas de comida. Contudo o comércio exigia um constante deslocamento, o que impelia a uma não vinculação espacial. Neste período, a economia, ao lado da igreja e do estado, passou a desempenhar um papel de influência nos rumos da sociedade. Assim os cristãos viam-se divididos entre as transações comerciais, a busca de lucros e o desejo de ajudar ao próximo. Além de palco das atividades comerciais, as cidades também eram o local onde as comunidades religiosas exerciam a caridade, nos asilos, conventos e hospitais, nos quais eram acolhidas viajantes, doentes desconhecidos e insanos, crianças abandonadas, pessoas sem teto, cuja vulnerabilidade impedia de assumirem sozinhos uma posição ativa dentro da economia urbana.

De um modo geral Sennett (2003) afirma que o conflito entre o desejo de livre ação no espaço urbano, deflagrado nas transações comerciais, e o sentimento de solidariedade presente nas instituições religiosas, onde as pessoas sentiam-se protegidas marcaram as cidades modernas.

O aumento crescente do individualismo atuou de modo inversamente proporcional sobre as redes de solidariedade existentes nas cidades, havendo a necessidade de ações de intervenção estatal organizada, como afirma (BAUMAN, 2006, p. 02): “Ao contrário das redes protetoras pré-modernas, aquelas criadas e administradas pelo Estado eram deliberada e cuidadosamente planejadas, ou desenvolviam-se espontaneamente a partir dos grandes esforços construtivos que caracterizaram a fase "sólida" da modernidade.”.

As negociações e a busca por novos mercados, desde a Idade Média provocavam deslocamentos entre os comerciantes, mas atualmente a tecnologia e os meios de transporte progressivamente mais velozes, implicam em uma mobilidade ascendente, conforme aponta Bauman (2001). Este autor afirma que instituições como a família e o trabalho perderam sua força e o indivíduo encontra-se demasiadamente livre, usufruindo de uma autonomia desconhecida em outros momentos. Contudo essa autonomia e liberdade implicam na responsabilização individual do sujeito por suas escolhas e as consequências delas decorrentes.

Neste contexto de uma modernidade líquida, segundo Bauman (2001) destaca-se a relevância de um homem flexível, adaptável às transformações tecnológicas, e apto a consumir. O indivíduo deve adaptar-se constantemente aos novos tipos sociais, aos mais recentes modelos de conduta, seguindo os padrões em vigor em cada momento. Mesmo assim

as cidades por todo o mundo aumentam a cada dia o seu número de habitantes, além de ser palco e tema de diversos estudos.

Ao situar o princípio dos estudos sobre o ambiente urbano Frattari (2009) demarca as contribuições da escola de Chicago (1915-1940) na busca de oferecer alternativas aos inúmeros problemas gerados pela industrialização e conseqüente urbanização, que culminaram com grande crescimento populacional desordenado. Ela também menciona os estudos desenvolvidos pela sociologia francesa, destacando que ao tratar-se de pesquisas acerca das cidades brasileiras enfatiza-se a desigualdade social, a marginalização de grupos em oposição à qualidade de vida desfrutada por alguns com maior renda.

A vulnerabilidade social reverbera na exclusão habitacional, através da estigmatização de zonas urbanas, de acordo com sua ocupação. Rolnik (1999) afirma que as áreas ocupadas pelas habitações dos pobres são normalmente aquelas com características ambientais de maior fragilidade e periculosidade, além da dificuldade de acesso, o que caracteriza um urbanismo de risco. A priori este risco é individual, pois se refere à possibilidade de desabamentos, falta de saneamento e desconforto habitacional, contudo as áreas providas de boa estrutura urbana padecem por constantes assédios do mercado imobiliário, pelos congestionamentos e pelo aumento da violência. Conseqüentemente Rolnik (1999) conclui que a exclusão territorial nas urbes brasileiras é mais do que a demonstração das desigualdades sociais, mas sim a condenação de toda a cidade a um urbanismo de risco.

Frattari (2009) ressalta que o sentimento de insegurança influencia as formas de utilização do espaço público, levando à construção de novos modos de interação social, nos quais as diferenças acentuam-se, intensificando a segregação entre grupos com maior ou menor poder aquisitivo. Os espaços privados são priorizados como espaços de convivência em detrimento das áreas comuns da cidade, nas quais cresce o perigo e a marginalidade:

A violência produz uma cultura que enfraquece as práticas e relações de solidariedade. Em conseqüência ela desorganiza a vida associativa comunitária, dissemina valores bélicos e incivis, dificulta a sociabilidade, e incentiva reações de rejeição e atitudes preconceituosas a partir da associação de imagens negativas dos bairros populares e de seus moradores. (FRATTARI, 2009, p. 10-11).

A respeito desta segregação espacial Bauman (2006) declara que a melhor estratégia para estimular a convivência entre os moradores das urbes, reduzindo o preconceito e a estigmatização seria o investimento na construção de espaços públicos, abertos e acolhedores, que todos tivessem vontade de frequentar com assiduidade e compartilhar de bom grado com os demais. Os espaços verdes na cidade interferem positivamente tanto na qualidade ambiental das cidades quanto na qualidade de vida urbana, sendo propícios à

convivência social e ao lazer, além de contribuir com o bem-estar das pessoas, sua saúde física e psíquica e auxiliar o equilíbrio ambiental, cumprindo ainda funções estéticas de embelezamento da paisagem (LONDE & MENDES, 2014).

Contudo as cidades possuem um grande poder de atração devido a sua variedade de possibilidades, o que pode também ser uma fonte de medo e falta de estabilidade. Bauman (2006) conclui assim pela ambivalência das cidades, como uma de suas características intrínsecas.

Além dos fatores econômicos que restringem o acesso da população aos diversos espaços e áreas urbanas, ainda existem as barreiras arquitetônicas que se impõe como obstáculos às pessoas com alguma deficiência, idosos ou pessoas com mobilidade temporariamente reduzida. Estas barreiras arquitetônicas, como mencionado no capítulo anterior, limitam o contato das pessoas com deficiência com sua cidade. Lima, Carvalho-Freitas e Santos (2013) afirmam que enfrentar as barreiras urbanas torna-se tão aversivo, que estas pessoas preferem reduzir seus espaços de deslocamento àqueles anteriormente frequentados e portanto já conhecidos, fazendo com que seu perímetro de apropriação na urbe seja bem inferior aquele que os demais cidadãos podem usufruir. As autoras destacam que este constrangimento quanto à ocupação da cidade amplia o abismo existente entre pessoas com e sem deficiência, aumentando o peso psicológico de integrar um grupo minoritário, e conseqüentemente contribuindo para o agravamento do processo de segregação psicossocial e também da exclusão espacial.

Pol (1996) destaca a necessidade que o ser humano compartilha com outros animais de marcar seu território. Ainda que o homem goze de mecanismos mais sofisticados, estas marcas, que não precisam ser físicas, podendo ser apenas simbólicas permitem-lhe orientar-se no espaço, mas também identificar-se com os lugares, processo este chamado de apropriação. Tanto a ação/ transformação, quanto a identificação simbólica com o ambiente tem a função de favorecer a construção de sentidos pelo homem e em ambas as situações faz-se indispensável o contato com os locais, implicando em dizer que a segregação espacial na cidade limita a apropriação da mesma por seus moradores.

No capítulo a seguir tratar-se-á do método utilizado para investigar a afetividade das pessoas com deficiência visual em relação a sua cidade, buscando estratégias que viabilizem identificar a exclusão sócio espacial possivelmente vivenciada pelos mesmos, mas também os mecanismos empregados pelos tais para apropriar-se da cidade, apesar das barreiras que dificultam este processo.

4 TOCANDO E RETOCANDO A CIDADE: APREENSÃO DOS AFETOS A PARTIR DE ELABORAÇÕES TÁTEIS

“Mãos profundas de saber
Cheias de marcas de tanto tocar
Linhas que guardam histórias
De ler, descobrir, apontar e afagar

Tua mão que é mais que uma parte de ti
Que te orienta, te conduz,
Te ilumina, te faz humano e tão sensível
Tua mão que segura o diploma, a bengala, e o teu filho!”
(Ana Kristia Martins)

Realizar uma pesquisa é aventurar-se por caminhos pouco ou ainda não trilhados na busca de respostas que não se sabe ao certo como encontrar. Nesta difícil tarefa, o ponto de partida é uma peça chave para o sucesso da empreitada. Antes de saber aonde se quer chegar e que objetivos almeja-se alcançar, é preciso ter clareza sobre quais as bases adotadas, ou seja, os conceitos que embasam a construção dos questionamentos, os paradigmas sobre os quais se assentam as referências e a natureza dos problemas. Além disso, como aponta Creswell (2010) é necessário avaliar e escolher consistentemente estratégias e métodos que possam conduzir os esforços do pesquisador a resultados que respondam às suas indagações.

Assim, no intuito de atingir os objetivos propostos neste estudo, os quais estão centrados sobre a forma como pessoas com deficiência visual agem, sentem e pensam sua cidade, optou-se pela adoção de um enfoque qualitativo de pesquisa. Chizzotti (2003) afirma que a pesquisa qualitativa pressupõe uma partilha densa com os objetos de pesquisa, sejam estas pessoas, fatos ou locais, a fim de que por meio de uma atenção sensível, o pesquisador possa extrair dos mesmos, os seus significados, desde os mais evidentes, até aqueles que estão implícitos, traduzindo as informações obtidas em um texto escrito com perspicácia e competência científica a partir da interpretação das informações obtidas e das teorias de referência.

O enfoque qualitativo atende às necessidades deste estudo por priorizar, segundo Flick, Von Kardorfr e Steinke (2000 apud GÜNTHER, 2006), a forma como as condições objetivas de vida produzem significados subjetivos, compreendendo também que a realidade social é concebida como construção e atribuição social de significados. Estes autores ressaltam, ainda, o caráter processual e reflexivo da pesquisa qualitativa, bem como o seu

pressuposto de que a realidade social é comunicativa, o que torna o refazer do processo de construção dessa realidade ponto de partida da pesquisa qualitativa (FLICK, VON KARDORFR & STEINKE, 2000 apud GÜNTHER, 2006, p. 202).

Outra característica da pesquisa qualitativa é a variedade de métodos a serem empregados, no intuito de alcançar a compreensão da realidade, considerando-a como fenômeno complexo. Flick e Cols (2000 apud GÜNTHER, 2006, p. 202) ressaltam que os métodos e técnicas devem adaptar-se ao objeto de estudo, havendo abertura, ainda, para que dados não esperados sejam incorporados ao conjunto obtido pelos métodos pré-estabelecidos, sendo esta flexibilidade característica da pesquisa qualitativa.

Günther (2006) indica a existência de 3 tipos de aproximação básica do objeto de estudo em pesquisa qualitativa, sendo elas: observação, experimento e survey. A primeira forma de coleta de dados consiste em observar os comportamentos, tais como eles acontecem na realidade. O experimento depende do controle de algumas variáveis, realizadas em situações artificialmente construídas, mediante as quais o comportamento dos sujeitos é observado. Outra possibilidade ainda é interrogar os sujeitos acerca de seus comportamentos e estados subjetivos em determinados contextos.

Considerando-se os objetivos deste estudo, optou-se por indagar aos participantes sobre suas reações, comportamentos e sentimentos em relação à cidade de Fortaleza. Além de investigar as ideias intelectuais dos participantes sobre a cidade em que vivem, esta pesquisa visou revelar os sentidos mais profundos, construídos pelos cidadãos a partir do encontro com Fortaleza. Assim buscou-se um método que representasse uma alternativa consistente para alcançar tal propósito.

Bomfim (2003) afirma que é possível conhecer a cidade utilizando-se a afetividade como categoria mediadora da intersubjetividade, para tanto propõe a utilização do Instrumento Gerador dos Mapas Afetivos (IGMA) como recurso de acesso aos sentimentos e emoções da pessoa em relação ao seu ambiente. Em sua pesquisa de doutorado Bomfim (2003) propôs como questão disparadora que o respondente representasse através do desenho, a forma como vê, percebe ou sente o ambiente a ser investigado. A utilização do recurso imagético é uma estratégia para acessar os afetos, pois antes que a pessoa elabore por escrito seus pensamentos, é convidado a manifestar-se de modo mais espontâneo, seguindo-se a este item perguntas a serem respondidas por escrito, mas que, todavia, relacionam-se diretamente com a imagem inicialmente produzida pelo respondente.

Apesar de ter utilizado o desenho como recurso deflagrador de sentimentos e emoções, Bomfim (2003, p. 212) sintetiza os mapas afetivos como “[...] imagens ou

representações assentadas em sinais emotivos ou expressivos, elaborados a partir de recursos imagéticos (desenhos, fotos, objetos de arte).” Desta forma revela-se a possibilidade do emprego de outras vias de representação a fim de atingir a expressão afetiva dos sujeitos. Para trabalhar esta metodologia com pessoas com deficiência visual, optou-se por um redimensionamento do instrumento, admitindo-se suas possibilidades implícitas de aplicação descritas em sua definição.

Damásio (2000) chama a atenção para o fato de que imagens não são apenas visuais, bem como não são estáticas. Ele reconhece a função dos demais sentidos e o próprio corpo integralmente como receptor de estímulos capazes de gerar imagens:

Refiro-me ao termo imagens como padrões mentais com uma estrutura construída com os sinais provenientes de cada uma das modalidades sensoriais - visual, auditiva, olfativa, gustatória e somato-sensitiva. A modalidade somato-sensitiva (a palavra provém do grego soma, que significa "corpo") inclui várias formas de percepção: tato, temperatura, dor, e muscular, visceral e vestibular (DAMÁSIO, 2000, p. 401).

A ausência da visão altera a importância da imagem visual para o sujeito, ao mesmo tempo em que os outros sentidos ganham maior relevância, gerando outras formas de percepção e relação com o ambiente, as quais devem ser validadas a partir de sua especificidade, evitando-se uma centralidade absoluta das percepções visuais, reconhecendo como distintas e não inferiores estas outras formas de apreensão da realidade (KASTRUP, 2010). Vale salientar ainda que os sentidos remanescentes às pessoas privadas da visão não tem a potencialidade de substituir aquele que está ausente, pois cada sentido fornece ao cérebro percepções distintas. Kastrup (2008) salienta que o tato, por exemplo, é um sentido proximal e de contato, o qual não está sujeito às mesmas propriedades e características da visão, a qual, por sua vez, é um sentido de distância. O princípio de figura e fundo, bem como a ideia de simetria não encontram equivalência no tato, provocando a construção de imagens distintas, com base nestes sentidos. A exploração tátil, por sua vez, combina-se a percepções denominadas sinestésicas, formando a percepção háptica, a qual é composta pela junção de fragmentos, sempre aos pedaços, sendo, portanto sucessiva e até parcial, enquanto a visão fornece uma imagem global dos espaços. Apesar das diferenças perceptivas entre tato e visão, Kastrup (2008) afirma que em termos de resultado final, os resultados das percepções visual e tátil podem ser semelhantes, embora a última dependa de processos de integração e síntese dispensados pela primeira.

Cardinali e Ferreira (2010) afirmam que “[...] o tato são os olhos dos cegos” (p. 52), alertando que entre os não videntes o corpo inteiro torna-se o ponto de conexão e

recepção de estímulos externos. Para estes autores as imagens táteis são construídas com materiais concretos e possibilitam à pessoa com deficiência visual elaborar representações mentais daquilo que toca. Cardinali e Ferreira (2010) destacam a relevância do tato na aquisição de informações e compreensão do mundo por parte dos cegos, afirmando ser este sentido imprescindível a eles neste processo de contato com seu entorno. O tato faz sua própria leitura do mundo.

Contudo mesmo entre as pessoas classificadas como cegas, não é possível delimitar genericamente a importância atribuída à visão, pois há aqueles que nunca desfrutaram de percepções visuais, há ainda os que a perderam em tenra idade e outros que após vários anos de vivências visuais foram gradual ou subitamente privados da visão. Além disso, há critérios subjetivos que interferem diretamente sobre as consequências da cegueira para cada indivíduo. Sacks (2010) apresenta recortes autobiográficos de três pessoas que depois de conhecer visualmente o mundo, por diferentes causas tornaram-se cegas. Assim ele observa que enquanto um deles declarou ter perdido a ideia do que é enxergar, sendo incapaz de compreender perfeitamente conceitos como “aqui”, “ali” e “adiante”, outra pessoa sob as mesmas condições visuais construiu imagens mentais com riqueza de detalhes, ainda que estas minúcias fossem fruto de sua imaginação. Sacks (2010) cita ainda um terceiro caso de pessoa cega, que passou a elaborar mentalmente imagens precisas de seu ambiente externo, construindo um mundo visual virtual com alto nível de verossimilhança com o mundo real.

Em suas pesquisas com deficientes visuais, Kastrup (2010) destaca a ocorrência entre os cegos tardios, ou seja, aqueles que perderam a visão após os 5 anos de idade, do redirecionamento da atenção para os sentidos remanescentes. Na experiência de acesso a obras de arte, especificamente com esculturas, esta autora enfatizou a utilização do tato como via de acesso a experiência estética, que envolve a emoção. No contato com a cidade o tato é bastante estimulado através da manipulação da bengala, instrumento que funciona como um prolongamento do corpo que serve para informar quanto a obstáculos próximos (BASTO & GAIO, 2010). Por estes motivos a elaboração inicial do instrumento, substituiu neste estudo a elaboração de desenhos pela representação através de imagens táteis dos sentimentos e percepções dos participantes acerca da cidade em que vivem.

O termo imagens táteis refere-se àquelas formadas a partir da utilização deste sentido, mas que em sua produção podem incluir elementos percebidos por meio de estímulos captados por outros sentidos. Os participantes deste estudo produziram imagens que podiam ser tocadas, mas também apreciadas através da visão, embora para os mesmos, elas

estivessem disponíveis apenas ao tato e tenham sido produzidas com base essencialmente na modelagem com as mãos.

A opção pelo trabalho com montagem e modelagem não indica a impossibilidade de pessoas com deficiência visual expressarem-se por intermédio dos desenhos, mas sim uma opção metodológica, que remete, inclusive, à possibilidade de maior acesso do sujeito à sua própria produção. Corroborando isto, temos o trabalho de Amiralian (1997) que demonstrou a possibilidade da pesquisa utilizando desenhos com cegos, ressaltando a relevância da expressão imagética como reveladora da subjetividade do eu, valorizando a criatividade e a ação mental envolvida nessa atividade, tendo realizado uma pesquisa com 18 sujeitos a partir da utilização do procedimento de desenho-estória. A autora, enquanto psicanalista, solicitou aos participantes de sua pesquisa a produção de desenhos, a partir dos quais os sujeitos deveriam elaborar histórias, as quais se mostraram reveladoras de conteúdos inconscientes, atendendo aos critérios e objetivos do estudo. Embora alguns de seus sujeitos demonstrassem certa resistência para desenhar, eles conseguiram expressar-se através deste recurso com uma adaptação bem simples do instrumental adotado. Amiralian (1997) utilizou-se de uma prancheta de madeira recoberta com uma tela plástica sobre a qual foi colocada uma folha de papel sulfite. Os desenhos foram realizados com lápis número dois, que em contato com o papel, na composição descrita, produz marcas em relevo, que forneceu um retorno aos participantes da pesquisa, acerca de suas elaborações.

Partindo desta possibilidade de trabalhar o recurso imagético com pessoas com deficiência visual, propusemos a utilização da modelagem como uma forma de unir imagem e tato, permitindo ao sujeito maior controle sobre sua obra, melhor apreciação desta, além da possibilidade de representação dos espaços utilizando-se materiais que de maneira mais densa remetiam à forma como são percebidos e sentidos.

A atividade de criar imagens táteis buscou estimular a imaginação e a criatividade, constituindo-se assim em uma atividade emancipadora (VIGOTSKY, 2003) por oferecer aos sujeitos a oportunidade de produzir e manifestar sua compreensão social e espacial da cidade a partir de seus próprios referenciais históricos, culturais e perceptuais.

4.1 Instrumento gerador dos mapas afetivos (IGMA)

No instrumento criado por Bomfim (2003) seguem-se ao desenho, perguntas referentes ao significado do desenho para o respondente; sentimentos por ele despertados; palavras-síntese dos sentimentos gerados pelo desenho e pelas questões anteriores; o que

pensa da cidade; comparação da cidade com algo; caminhos percorridos; participação em associações e dados sócio-demográficos. Estes itens foram mantidos, feitas as devidas alterações, por referirem-se, neste trabalho, a imagens táteis, em substituição às imagens visuais, como no questionário original.

Embora os cegos sejam propensos a um bom manejo da palavra falada, sendo este um de seus recursos para a compensação da aquisição de informações ausentes (VIGOTSKY, 1997), é preciso reconhecer que nem tudo pode ser expresso por meio da linguagem verbal, por isso a utilização do recurso imagético. O recurso à imagem visa estimular a criatividade e a imaginação, facilitando a elaboração e expressão dos sentimentos. Contudo algumas pessoas convidadas a participar desta pesquisa mostraram-se resistentes à elaboração das figuras sobre a cidade, havendo aqueles que se negaram a participar do estudo nas condições propostas.

Cada item subsequente ao elemento disparador inicial visou fornecer respostas que respondessem às perguntas da pesquisa. Além daqueles originalmente compreendidos pelo instrumento algumas questões foram acrescentadas a fim de explicitar aspectos relevantes e específicos a este estudo⁷.

Até a elaboração final do questionário, foram aplicados dois modelos prévios, que demarcaram momentos distintos na pesquisa.

Em uma fase inicial de avaliação do instrumento, solicitou-se a três participantes que confeccionassem exclusivamente com massa de modelar, a sua forma de ver, sentir ou representar a cidade de Fortaleza. A esta solicitação seguiram-se perguntas sobre a imagem representada. Este instrumento organizou-se assim:

- a) imagem tátil - produzida *a priori* a partir do uso exclusivo de massa de modelar, constituiu a etapa inicial do instrumento, conforme instrução acima referida;
- b) significado da imagem - cada pessoa deveria explicar o que sua modelagem representava para si;
- c) sentimentos - explicitação dos sentimentos relacionados à imagem elaborada;
- d) palavras-síntese – conjunto formado por seis palavras que refletissem os sentimentos do sujeito quanto à imagem tátil que confeccionou e suas reações diante das questões anteriores. Conforme Bomfim (2003) afirma, nesta questão podem ser repetidas palavras ou expressões presentes nas outras questões,

⁷ O modelo do questionário encontra-se no Apêndice B.

sendo estas, qualidades, sentimentos, ou substantivos que indiquem a saturação das respostas ou clarifiquem os seus sentimentos;

- e) o que pensa da cidade – esta questão possibilitou aos respondentes elaborar textualmente ideias que ainda não haviam sido manifestas acerca da cidade;
- f) comparação da cidade – nesta pergunta solicitou-se ao participante que elaborasse, a partir de uma analogia, uma imagem de sua cidade, construindo metáforas reveladoras de sentidos;
- g) caminhos percorridos – este item questionou sobre os trajetos percorridos com mais frequência pelos sujeitos, sugerindo que estes indiquem pontos de partida e chegada e elementos que destacam como relevantes em seus percursos. Esta questão forneceu informações que indicaram os estímulos sensoriais prioritários à interpretação e compreensão da cidade pelas pessoas com deficiência visual;
- h) participação em associação – indagou sobre a filiação do respondente a alguma associação, esportiva, cultural, religiosa, artística, política ou outra.

Estas questões permaneceram constantes em todos os instrumentos aplicados nesta pesquisa. Durante o pré-teste foi perguntado aos participantes qual o nível de escolaridade de seus genitores, contudo esta pergunta foi excluída por não ter sido considerada relevante para as análises posteriores.

Na segunda fase, após a reformulação do instrumento, ao qual foram incluídas algumas questões, a pesquisadora começou a realizar contatos com possíveis respondentes, explicando-lhes sobre os objetivos do estudo e sobre a metodologia a ser utilizada. Ao saber que o material adotado era a massa de modelar, uma das pessoas disse que não se incomodaria em participar, entretanto alertou para o fato de que nem todos se sentem à vontade para manipular tal material, o que gerou o questionamento sobre que recursos táteis poderiam ser utilizados em conjunto com a massa de modelar.

Visando superar a representação através do uso exclusivo da massa de modelar, que poderia gerar resistência à participação, foram selecionados materiais que pudessem auxiliar a produção das representações da cidade de modo manual e tridimensional, privilegiando o sentido do tato.

Assim compuseram o material oferecido aos respondentes vários itens com diferentes propriedades táteis, que deviam auxiliar os participantes na realização de sua tarefa.

Figura 1 – Materiais utilizados na pesquisa



Fonte: Arquivo pessoal (2014). Descrição: Materiais utilizados na produção dos mapas afetivos colocados sobre uma mesa. Os materiais são: um pacote de algodão, um pacote de palha de aço, um pacote de canudos de plástico, palitos de madeira, copos plásticos, um pacote de velas, um jornal, um pacote de guardanapos, pegadores de madeira, um pacote de barbante, uma caixa de palitos de fósforos grande, uma tesoura sem ponta, cola branca, fita adesiva transparente, uma caixa de massa de modelar, três bonecos de lego e sete carrinhos de brinquedo.

A seguir a lista dos materiais adotados, os quais estão disponíveis ao toque no Apêndice D:

- a) algodão – selecionado devido a sua leveza e maciez;
- b) palha de aço – representando aspereza;
- c) canudos plásticos – são compridos e flexíveis, além de facilmente cortáveis;
- d) palitos de madeira – semelhantes aos canudos são compridos, contudo são rígidos e ásperos ao toque;
- e) copos plásticos – itens com formato redondo, flexíveis e oferecem a possibilidade de comportar outros pequenos objetos, pois possuem volume;
- f) velas – elementos compridos e grossos, diferente de palitos e canudos que são finos;
- g) papel com diferentes texturas (sulfite, jornal, guardanapos, papel seda e papel 40 kg) – o papel 40 kg tanto serve para a escrita em braille como para a produção das imagens táteis, funcionando como base das produções, ou outras

funções, conforme a imaginação de cada sujeito. Os demais papéis devido a suas texturas e maleabilidade também foram escolhidos;

- h) pegadores de madeira – selecionados devido a sua rigidez e por serem menores que os palitos de madeira, tendo seu formato como diferencial;
- i) barbante para varal – este material é longo e sua flexibilidade permite-lhe dar voltas em traçados de linhas;
- j) palitos de fósforo grandes – materiais rígidos, finos e de menor tamanho que os demais;
- k) tesoura sem ponta – para que os sujeitos pudessem modificar os materiais ou usar apenas parte deles;
- l) cola branca e fita adesiva transparente – para facilitar a ligação de materiais na montagem das imagens desejadas;
- m) massa de modelar – este item continuou sendo oferecido aos participantes por permitir a confecção de estruturas com vários formatos;
- n) pequenos objetos (carros, bonecos de seres humanos e uma caixa de plástico) – estes elementos foram escolhidos para que os sujeitos tivessem a opção de não modelá-los, apenas posicionando-os na estrutura que construíssem.

Na segunda fase do estudo além da alteração do material adotado para a aplicação do instrumento, também foram incluídas questões que não estavam presentes na primeira etapa. A pergunta sobre o que gosta na cidade foi uma forma de destacar aspectos que possivelmente favorecem a vinculação da pessoa com o ambiente, diante da falta de acessibilidade ou de outros aspectos negativos. Enquanto a questão sobre o que não gosta na cidade propôs-se a evitar uma visão idealizada do ambiente, caso esta se apresentasse.

O intuito de questionar acerca do que a pessoa gostaria que existisse em sua cidade e o que mudaria na mesma foi estimular a imaginação do participante a fim de conhecer suas necessidades espaciais.

Em relação aos dados pessoais considerou-se relevante conhecer o nível de deficiência da pessoa, conforme seus próprios critérios, ou seja, como a pessoa se avalia, se como cega ou baixa visão. Além disso, o tempo transcorrido desde o início da atual condição visual e a possível causa e forma de aquisição da deficiência (congenita, progressiva ou repentina) foram compreendidas como informações importantes neste contexto.

Outra informação solicitada foi sobre a realização de curso de Orientação e Mobilidade e a autonomia do sujeito para deslocar-se sem ajuda de cuidadores e/ou

familiares. Também se indagou sobre o principal meio de transporte utilizado pelos respondentes.

Fizeram parte ainda deste bloco de questões, itens sobre a escolaridade dos participantes, sua atividade laboral e sua renda média, bem como sua cidade de origem, tempo de residência em Fortaleza e o bairro de seu atual domicílio, além de sexo e idade.

Após a apresentação deste trabalho à banca de professores para a qualificação, foi sugerido o acréscimo de três itens ao instrumento: “Você anda sozinho? Como você se sente?”; “O que faz você feliz?”; “O que faz você triste?”. Tais perguntas visaram investigar que elementos aumentam e quais diminuem a potência de ação dos sujeitos na cidade, reforçando as demais indagações do instrumento. O acréscimo destas questões alterou o instrumento constituindo uma terceira e última fase de sua elaboração e aplicação.

A partir das respostas fornecidas às questões do instrumento gerador, foi elaborada uma síntese, sendo esta o mapa afetivo, onde foram registradas as características sociodemográficas do sujeito, a estrutura de sua imagem, o significado atribuído à mesma, os sentimentos relativos ao lugar, as qualidades do lugar, a metáfora elaborada e o sentido inferido do conjunto das respostas, conforme o quadro abaixo, adaptado a partir daquele indicado por Bomfim (2003, p. 144):

Quadro 1 – Síntese do processo de categorização voltado para a elaboração do mapa afetivo da cidade.

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: Sexo: Idade: Escolaridade: Cidade: Tempo de residência (quando não originário).	*Mapa cognitivo de Lynch: desenho de monumento, caminhos, limites, confluência e bairros. *Metafórico: desenho que expressa, por analogia, o sentimento ou o estado de ânimo do respondente.	Explicação do respondente sobre o desenho.	Atributos do desenho e da cidade, apontados pelo respondente.	Expressão afetiva do respondente ao desenho e à cidade.	Comparação da cidade com algo pelo respondente, que tem como função a elaboração de metáforas.	Interpretação dada pelo investigador à articulação de sentidos entre as metáforas da cidade e as outras dimensões atribuídas pelo respondente (qualidade e sentimentos).

Fonte: Bomfim (2003, p. 144).

4.2 Categorias de análise

O objetivo do Instrumento Gerador dos Mapas Afetivos é identificar a Estima de Lugar dos participantes em relação ao ambiente pesquisado. Segundo Bomfim (2003) a Estima de lugar pode ser positiva ou negativa, e corresponde a uma categoria indicadora do nível de implicação da pessoa com seu entorno. A construção da Estima de lugar baseia-se em vários aspectos, considerando: o nível de apropriação do sujeito; a qualidade de habitação e uso do ambiente, que engloba segurança, limpeza, organização, legibilidade, sinalização, acessibilidade, dentre outros; a qualidade dos vínculos sociais e de boa convivência; a imagem social do lugar.

A Estima de Lugar positiva ou potencializadora é formada por sentimentos que indicam vinculação do sujeito com o ambiente pesquisado, em uma relação na qual são promovidos afetos que potencializam a ação da pessoa. As imagens geradas pelo IGMA que indicam estima potencializadora são agradabilidade e pertencimento. A Estima de Lugar despoticizadora, por sua vez, é formada pelas imagens de destruição e de insegurança.

Na imagem de agradabilidade o participante foca sobre as qualidades positivas da cidade, tais como belezas naturais, patrimônio cultural, oportunidades de trabalho, dentre outros. Os sentimentos relacionados a esta imagem também são potencializadores, uma vez que são gerados por uma leitura que valoriza o lugar.

As imagens de pertencimento são formadas pelos sentimentos que indicam identificação do participante com o lugar, referindo-se à presença de identidade com o lugar.

Na de destruição, o respondente enfatiza as características negativas da cidade, como má infra-estrutura, carência de serviços e políticas públicas, dentre outros. Tristeza, revolta e vergonha são alguns dos sentimentos associados a esta imagem.

À insegurança corresponde às imagens de imprevisibilidade e instabilidade na cidade. A pessoa sente-se ameaçada pela cidade, pois não sabe se a surpresa será positiva ou negativa.

Existe ainda uma quinta imagem transversal às demais que é a de contraste. Esta imagem caracteriza-se por uma polaridade tanto dos sentimentos, quanto das qualidades atribuídas ao ambiente. Sua transversalidade faz com que ela não seja positiva ou negativa em si, o que é inferido a partir da análise total das respostas do sujeito.

4.3 Participantes da pesquisa

Integraram a amostra deste estudo, pessoas com mais de 18 anos, com cegueira ou baixa visão, moradores da cidade de Fortaleza. Como critério de participação a pessoa deveria ter sido privada da visão há pelo menos três anos. O período de convivência com a deficiência visual foi arbitrado com base na referência apontada por Barczinski (2001) de que 10 meses seriam um tempo médio de aceitação da deficiência adquirida, o qual foi complementado com aproximadamente dois anos, aos quais corresponderia um ano de reabilitação e outro de adaptação e utilização dos recursos adquiridos. Esta delimitação temporal visou ainda que as experiências visuais do sujeito com a cidade não suprimissem as atuais vivências cotidianas.

Não foram feitas especificações acerca do limite de idade ou da escolarização. Assim a amostra incluiu 20 homens e 17 mulheres, com idades entre 18 e 58 anos, com diferentes níveis de escolaridade, variando desde o ensino fundamental incompleto até a pós-graduação. Os resultados do levantamento dos dados biossociodemográficos serão detalhados no próximo capítulo.

4.4 Aplicação do instrumento

O instrumento foi aplicado individualmente e em pequenos grupos, conforme a disponibilidade dos participantes. Os locais de aplicação foram a residência, o local de trabalho ou estudo dos sujeitos, conforme sua sugestão. Cada indivíduo foi previamente informado acerca dos objetivos, procedimentos e implicações da pesquisa e consultado acerca do melhor horário e lugar para que ele/ela pudesse responder ao instrumento. Vale ressaltar que a primeira fase, destinada ao aperfeiçoamento do instrumento foi realizada na instituição de ensino superior a qual a pesquisadora está vinculada. Os voluntários foram conduzidos a uma sala da universidade, onde havia uma mesa ampla com cadeiras e computadores com o programa Dosvox⁸.

O questionário foi disponibilizado em braile em arquivo de texto para ser lido com auxílio de programas de leitura de tela para computador ou com softwares de ampliação da fonte da letra do documento, de modo que cada sujeito teve liberdade para escolher a forma com a qual se sentia mais apto a realizar a tarefa. O objetivo dessas múltiplas formas de

⁸ Programa desenvolvido pela equipe do professor Antônio Borges, na UFRJ, voltado para uso de pessoas com deficiência visual, a fim de permitir a utilização do computador pelas mesmas, a partir do emprego de recursos sonoros.

aplicação foi oferecer autonomia aos participantes valorizando suas formas de expressão, além de estar adaptado as suas necessidades. Priorizou-se que os sujeitos respondessem de modo autônomo às questões do instrumento, fosse em braile⁹ ou no computador¹⁰.

Outra opção oferecida aos sujeitos foi a transcrição de suas respostas pela pesquisadora, que lia as perguntas e copiava suas falas com o simultâneo registro em áudio, quando consentido. A necessidade de uma participação mais ativa por parte da pesquisadora, quanto a auxiliar na resolução do questionário surgiu ainda durante a primeira fase de aplicação do instrumento, quando uma das colaboradoras apresentou muita dificuldade para ler os enunciados do instrumento no computador e para digitar suas respostas. Tal fato evidenciou *a priori* a relevância de dispor do questionário também em braile, o qual a participante dominava, mas também gerou inquietações sobre outros possíveis sujeitos com diferentes necessidades. Considerou-se inclusive a possibilidade de que alguém atendesse aos critérios de inclusão na amostra e não soubesse ler e escrever, já que nível de escolaridade não foi critério de exclusão.

Dentre os 37 sujeitos que participaram da pesquisa, 20 optaram pela transcrição de suas respostas pela pesquisadora, o que ocorreu por diferentes motivos. Alguns escolheram esta forma de participação por acreditar que seria mais breve o tempo de aplicação do questionário, supondo que a pesquisadora digitaria com mais velocidade do que eles. Outros indicaram não ter habilidade suficiente com o computador para desempenhar tal tarefa e também não ser capaz de escrever em braile com destreza. Acrescenta-se ainda a recusa da grande maioria na gravação de suas falas, indicando diretamente que preferiam ditar lentamente suas respostas.

Nas aplicações coletivas a pesquisadora obteve auxílio externo de voluntários eventuais previamente instruídos e informados sobre o estudo em desenvolvimento. A função destes colaboradores foi auxiliar no manuseio do computador e acompanhar os sujeitos durante a aplicação, nos momentos em que a pesquisadora precisou ausentar-se para transcrever individualmente as respostas de algum membro do grupo.

Durante a aplicação do instrumento, inicialmente os participantes receberam explicações sobre os objetivos, metodologia e aspectos éticos da pesquisa, após as quais foi solicitada sua participação e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido¹¹. Vale

⁹ Código de leitura e escrita utilizado por pessoas com deficiência visual, constituído por um conjunto de 63 símbolos em alto relevo.

¹⁰ Através de programas de leitura de tela e de sintetizadores de voz os deficientes visuais podem fazer uso dos recursos disponíveis no computador.

¹¹ O modelo do mesmo está disponível no anexo A.

salientar que esta pesquisa foi submetida à apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará e aprovado em 18/03/2014, sob o número de parecer 560209.¹²

Posteriormente os materiais mediadores da construção das imagens táteis foram dispostos em uma mesa e sugeriu-se que os participantes identificassem que objetos haviam sido trazidos para auxiliá-los na realização da atividade. Após esta identificação solicitava-se a construção de uma imagem que representasse a sua forma de ver, sentir ou perceber a cidade de Fortaleza. Quando cada sujeito sinalizava que havia concluído esta etapa, sua imagem tátil era fotografada e indicavam-se as formas disponíveis para responder às questões subsequentes do instrumento. Finalizada a participação do sujeito na pesquisa, sua imagem tátil era desmanchada para que os materiais pudessem ser reaproveitados pelos próximos participantes.

4.5 Locus da pesquisa: a cidade de Fortaleza

Fortaleza foi uma das 6 cidades escolhidas para iniciar em 2010, o programa Cidade Acessível e Direitos Humanos do governo federal, juntamente com Rio de Janeiro - RJ, Uberlândia-MG, Joinville-SC, Campinas-SP e Goiânia-GO. Tais cidades foram escolhidas, pois na data de início do programa já haviam implementado políticas, projetos e ações de promoção aos direitos humanos de pessoas com deficiência. O objetivo do projeto era divulgar, incentivar e dar visibilidade às ações e políticas executadas pelos municípios em prol da inclusão social de pessoas com deficiência, a fim de que estas pudessem servir de referência para as demais cidades do país. Além de apresentar ações em execução, as cidades comprometeram-se em ampliar seus projetos de inclusão, contando também com a parceria do governo federal. A seleção das cidades foi realizada mediante preenchimento de um questionário, no qual se indagou acerca dos recursos de acessibilidade disponíveis nas áreas de comunicação, saúde, transporte público, educação, cultura, esporte, legislação específica, habitação, mobilidade urbana e trabalho presentes em cada cidade.

De acordo com dados retirados do site oficial da Prefeitura de Fortaleza, esta capital abriga atualmente mais de 2 milhões e 400 mil habitantes, sendo a 5ª maior capital brasileira em contingente populacional. O transporte coletivo no perímetro urbano é realizado por ônibus e metrô. Ainda segundo informações disponibilizadas pela prefeitura em sua página virtual em 2013, a frota de ônibus em circulação na cidade era composta por 1.923

¹² A cópia do parecer consubstanciado do Comitê de Ética encontra-se no Anexo A.

veículos, dos quais 1.128, ou seja, 58,65% estavam adaptados para receber e conduzir pessoas com deficiência. Estes ônibus possuem elevador acoplado, área para cadeirantes e assentos preferenciais para pessoas com deficiência e mobilidade reduzida. A escolha das linhas em que estes veículos devem circular é feita mediante solicitação da comunidade ou avaliação técnica da Empresa de Transporte Urbano de Fortaleza (ETUFOR) que para tal considera a quantidade de pessoas com deficiência em cada bairro.

As outras modalidades de transporte público, como vãs e taxis também oferecem algumas opções com acessibilidade. Dentre as 320 vãs em circulação em 2013, 137, o equivalente a 42,81%, estavam equipadas com plataforma elevatória. Somando-se a estes veículos 40 taxis adaptados¹³, com mesmo valor do taxi convencional.

Em relação à presença de semáforos sonoros na cidade, os quais avisam através da emissão de um ruído a liberação da via para a ser atravessada, os dados encontrados datam de 2011. Em dezembro deste ano a Autarquia Municipal de Trânsito, Serviços Públicos e de Cidadania (AMC) instalou um semáforo sonoro na Av. 13 de maio, o qual foi o 11º da cidade.

A defasagem dos dados amplia-se ainda mais se considerarmos as informações disponíveis acerca da distribuição de piso tátil em Fortaleza. Não foram encontrados dados que precisem quantos quilômetros de vias públicas possuem tal recurso de acessibilidade. Sabe-se por experiência pessoal que a Av. Monsenhor Tabosa, bem como o calçadão da Beira mar e o Jardim Japonês são providos com esta tecnologia assistiva, todavia estas informações não se pretendem conclusivas a este respeito.

Muito ainda há para ser feito em Fortaleza quanto à garantia de acessibilidade a todos, de modo que as praias e o rico comércio da cidade, assim como seu patrimônio e riqueza cultural, possam ser desfrutados por todos os seus moradores.

¹³ Taxi acessível ao uso por pessoas com deficiência.

5 BURILANDO SENTIMENTOS: IMAGENS AFETIVAS DE FORTALEZA

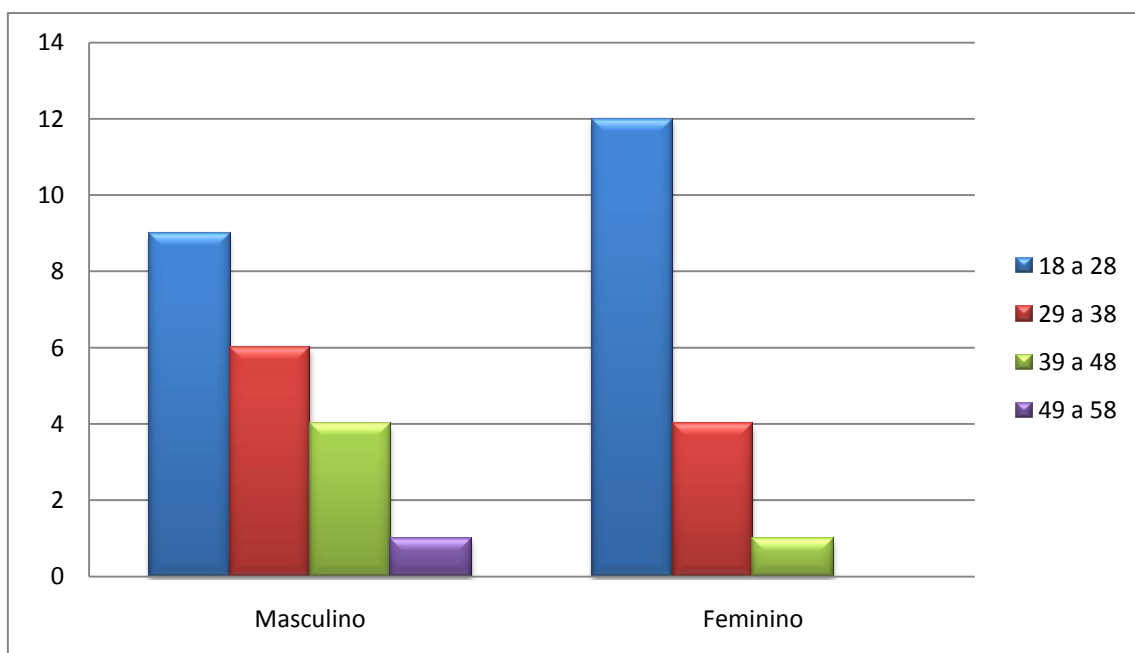
*“Tudo é luz nas trevas de cada dia.
Cabeça fervendo em pensamentos convulsionantes.
Luta, trabalho, movimento e esperança
Gritos, ação, silêncio e torpor lancinantes.*

*Barreiras conhecidas e invisíveis
Dragões de ferro, concreto e indiferença.
Nuvens de ressentimento, agressividade, medo e apatia.
Preconceito, discriminação, angústia e indolência.”
(Ana Kristia Martins)*

5.1 Caracterização da amostra

A amostra foi composta por 37 participantes, de ambos os sexos, sendo 17 mulheres e 20 homens. A idade dos respondentes variou entre 18 e 58 anos, sendo a média de idade dos homens superior àquela registrada entre as mulheres, a saber, 33,05 anos entre os primeiros e 26,05 anos entre as últimas. A média geral de idade foi 29,83 anos, embora possa observar-se no quadro abaixo que mais da metade dos respondentes encontrava-se na faixa de idade entre 18 e 28 anos de idade (56,76%), enquanto apenas 1 sujeito possuía idade entre 49 e 58 anos.

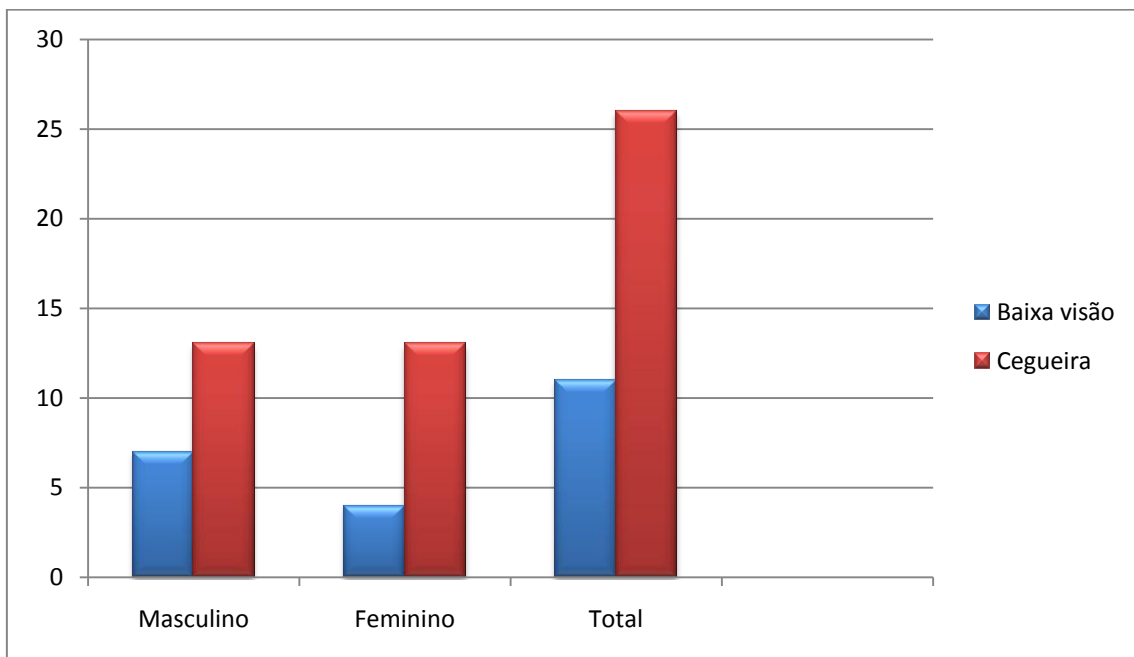
Gráfico 1 – Distribuição da amostra por faixa etária e sexo



Fonte: Elaborado pela autora

Acerca da acuidade visual dos participantes, estes foram divididos entre pessoas com cegueira total, ou parcial, também denominada baixa visão. Tanto entre os homens, quanto entre as mulheres, a cegueira total foi a condição mais prevalente, correspondendo a 70,27% da amostra, contra 29,73% de pessoas com baixa visão, como pode ser observado no quadro a seguir:

Gráfico 2 – Participantes de acordo com a acuidade visual



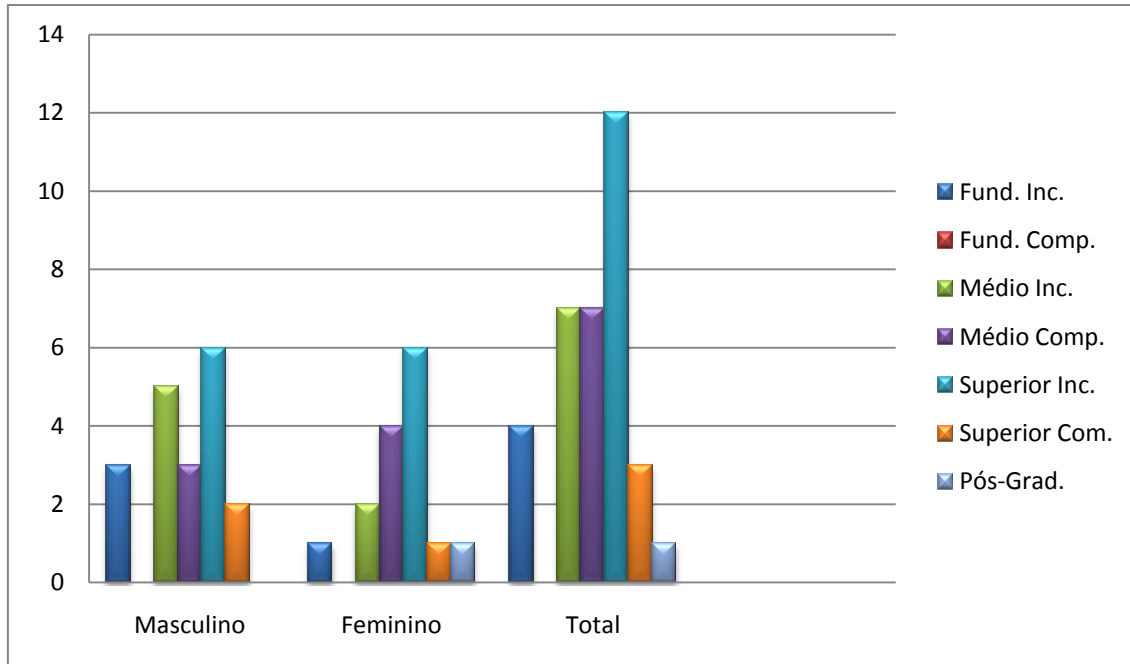
Fonte: Elaborado pela autora

Quanto à escolaridade, a amostra variou desde o ensino fundamental incompleto até a pós-graduação. Vale salientar que as três pessoas que participaram da primeira etapa do estudo não responderam a esta questão. Tem-se a partir do gráfico abaixo que a maior incidência de respostas ocorreu no nível superior incompleto, tendo 32,43% dos participantes assinalado possuírem este grau de escolaridade. Esta prevalência foi comum entre homens e mulheres, todavia a quantidade de homens que afirmaram possuir ensino superior incompleto foi próxima àquela que afirmaram possuir ensino médio incompleto. Outro fato relevante é que apesar da amostra concentrar-se em idade acima dos 18 anos, muitos dos participantes ainda não concluíram o ensino médio, o que sugere a existência de uma defasagem educacional entre as pessoas com deficiência.

Dentre as 12 pessoas que indicaram nível de escolaridade superior incompleto, apenas dois não estavam estudando durante o período da pesquisa, sugerindo que os mesmos

tenham abandonado os estudos. Não ter concluído o ensino médio parece dificultar o acesso ao mercado de trabalho, pois entre as pessoas que possuíam nível fundamental ou médio incompleto apenas três exerciam atividades remuneradas.

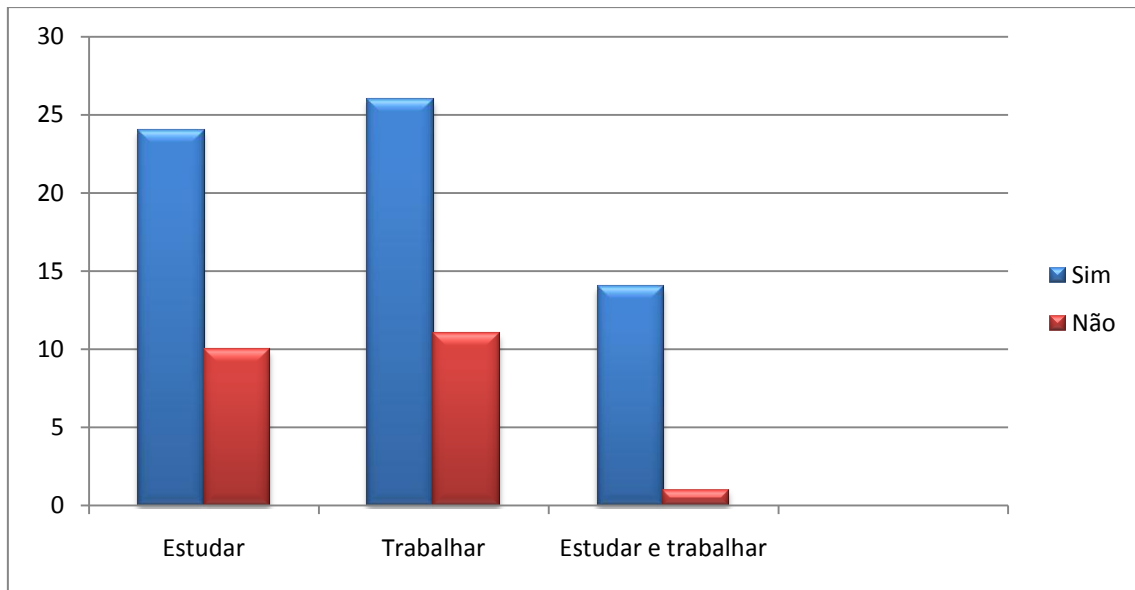
Gráfico 3 – Distribuição dos participantes por escolaridade



Fonte: Elaborado pela autora

Outro aspecto pesquisado foram as atividades realizadas pelos sujeitos em seu cotidiano, em relação à educação e vida laboral. Observou-se que das 34 pessoas que responderam a estes itens, apenas um não estuda nem trabalha, enquanto 37,84% exercem ambas as atividades, havendo ainda aqueles que exercem apenas uma delas. Isto contraria o imaginário popular segundo o qual as pessoas com deficiência não têm capacidade para aprender e nem desenvolver atividades produtivas. O Gráfico abaixo apresenta as respostas dos participantes da pesquisa acerca das atividades por eles desenvolvidas.

Gráfico 4 – Distribuição de participantes por atividades realizadas



Fonte: Elaborado pela autora

Entre aqueles que declararam exercer atividades laborais remuneradas, observou-se que mais de 1/4 trabalham como revisor braile (26,92%), sendo esta uma atividade realizada prioritariamente por pessoas com deficiência visual, devido a sua habilidade com este código de escrita e leitura.

Golin (2003) destaca que comumente imagina-se que a pessoa com deficiência visual poderá exercer um número limitado de atividades, restritas a alguns segmentos, tais como trabalho em linhas de produção, artesanato, música e recentemente na área de informática e telemarketing. Em sua pesquisa, ela identificou que as profissões de massoterapeuta e telefonista eram as mais recorrentes entre os sujeitos pesquisados, os quais se revezavam nestas funções. Assim Golin (2003) enfatiza o papel dos estereótipos que limitam as possibilidades de atuação profissional das pessoas com deficiência visual, pois lhes atribuem características que os limitam, desconsiderando-os como seres totais.

A partir das respostas obtidas nesta pesquisa, entre as pessoas que estavam trabalhando na data de aplicação do questionário, não se observou a predominância de pessoas com deficiência visual ocupadas em profissões ou funções estereotipadas. Nenhum dos respondentes afirmou trabalhar na função de telefonista, ficando a profissão de massoterapeuta em 3º lugar em frequência de respostas. Apenas 12 das respostas dos participantes corroboraram as afirmativas de Golin (2003), considerando-se a função de revisor braile sendo quase que exclusivamente exercida por pessoas com deficiência visual, somando-se a esta a profissão de massoterapeuta, indicada pela autora como predominante

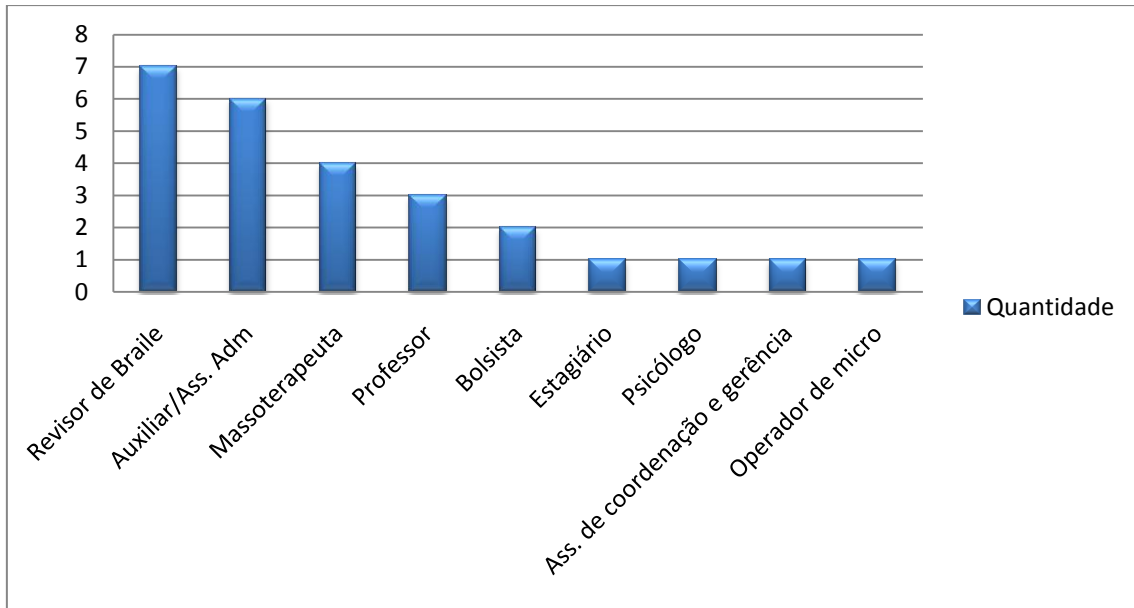
entre esse público, e ainda a função de operador de micro, ligada à informática, que a mesma indica como uma das novas áreas de atuação das pessoas com deficiência visual.

Em quantidades absolutas, a segunda função mais desempenhada pelos sujeitos foi auxiliar/assistente administrativo, que obteve seis respostas, o equivalente a 23,08% daqueles que trabalham. Exceto as funções de revisor braile, auxiliar/assistente administrativo e massoterapeuta, não houve entre as outras respostas muitas repetições, indicando variabilidade entre as funções e profissões desempenhadas pelas pessoas com deficiência visual. Entre as 26 respostas a pergunta sobre qual a atividade laboral exercida, foram registrados nove ocupações diferentes. Vale explicar que a função bolsista, equivale às atividades remuneradas por bolsa de estudos, exercidas por estudantes universitários em âmbito acadêmico, nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, enquanto a função de estagiário equivale às atividades realizadas por estudantes de ensino médio em programas de aprendizagem laboral. Ao perguntar sobre o trabalho das pessoas não se pretendeu fornecer dados que pudessem subsidiar deduções acerca deste tema quanto ao público em questão, sabendo tratar-se de uma amostra por conveniência.

Assim, dos sujeitos pesquisados, pode-se dizer que 46,15% exercem atividades tipicamente realizadas por pessoas com deficiência visual (revisor braile, massoterapeuta e operador de micro), enquanto 53,85% ocupam funções e profissões diversas. Este resultado pode estar relacionado ao nível de escolaridade da amostra, que concentrou a maior frequência de respostas no nível superior incompleto, totalizando 43,24% de pessoas que cursaram ou estão cursando a graduação. O maior nível de escolaridade amplia as possibilidades de colocação profissional das pessoas.

O gráfico abaixo apresenta as respostas dos sujeitos da amostra acerca de sua ocupação laboral.

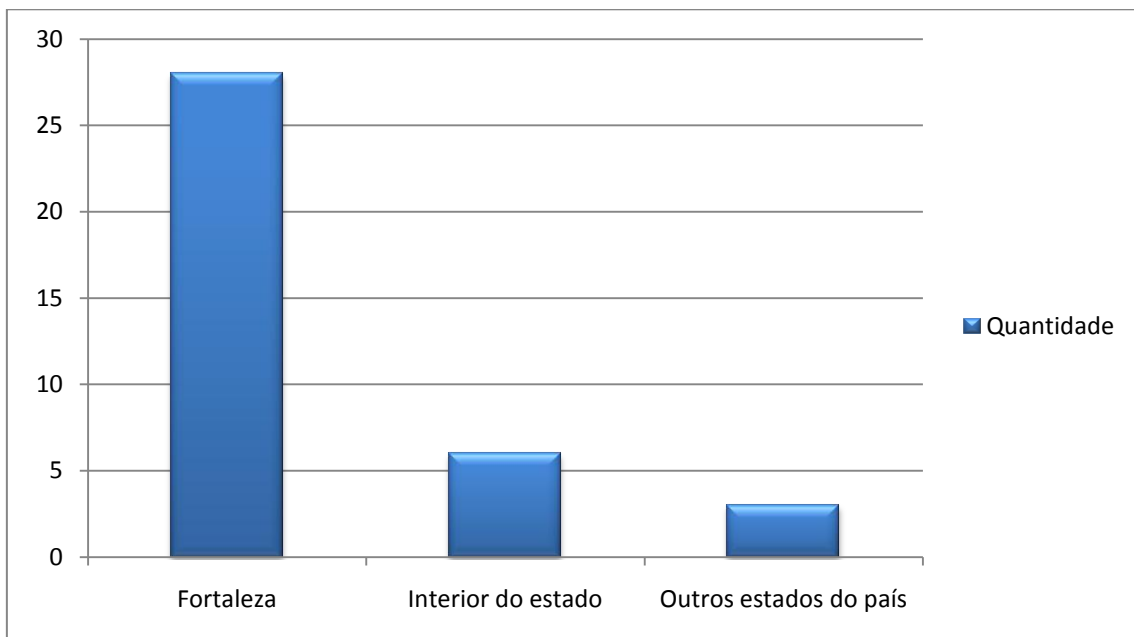
Gráfico 5 – Distribuição da amostra por atividade profissional



Fonte: Elaborado pela autora

A maior parte das pessoas que participaram deste estudo era natural de Fortaleza, totalizando 75,68% da amostra. Em segundo lugar apareceram aqueles que eram naturais de outras cidades cearenses (16,22%) e em menor frequência pessoas naturais de outros estados brasileiros (8,11%).

Gráfico 6 – Local de origem dos respondentes

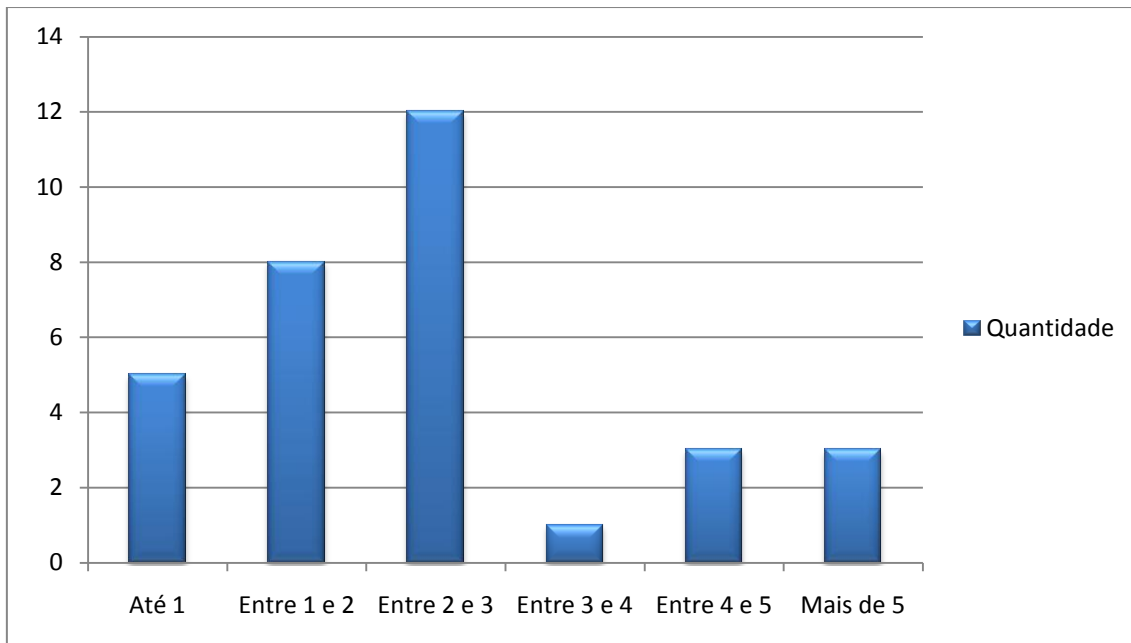


Fonte: Elaborado pela autora

Acerca da renda familiar dos participantes, observou-se que a maior frequência de respostas ocorreu na faixa entre 2 e 3 salários mínimos (32,43%), sendo seguida daqueles que recebem entre 1 e 2 salários (21,62%). Dentre os 37 participantes, dois afirmaram desconhecer sua renda familiar, e os três primeiros sujeitos não foram questionados a este respeito.

Apenas 18,92% do total de participantes informaram possuir uma renda superior a três salários mínimos, enquanto 67,57% possuem renda inferior a este valor, como mostra o gráfico abaixo.

Gráfico 7 – Renda dos participantes em salários mínimos

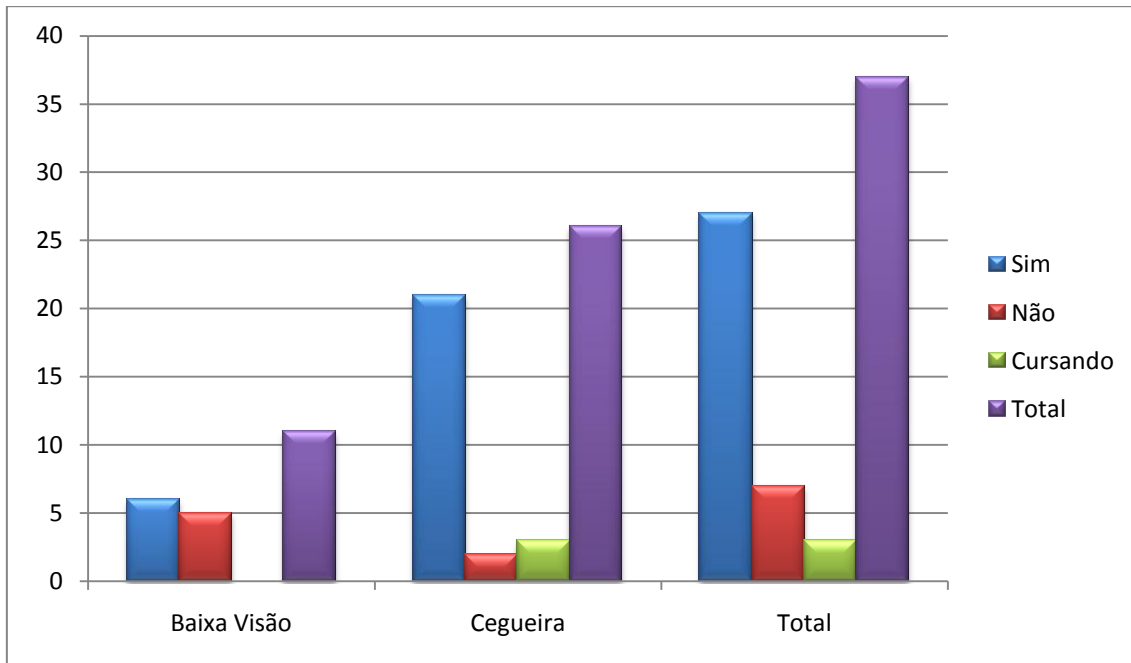


Fonte: Elaborado pela autora

A faixa de renda dos participantes indica que a maioria corresponde ao que Bauman (2006) classificaria como indivíduos da última fila, os quais se encontram ligados à cidade onde moram, sendo este o espaço de sua luta para alcançar uma posição decente no mundo. Assim este grupo difere dos cidadãos da primeira fila, para os quais a cidade não tem grande importância, sendo mais uma dentre todas, já que para este grupo os deslocamentos são constantes e eles não estão ligados a um lugar específico. Nas palavras do autor: “Os cidadãos da última fila estão ‘condenados a permanecer no lugar’. Portanto, espera-se que sua atenção - cheia de insatisfações, sonhos e esperanças - dirija-se inteiramente para as ‘questões locais’”. (BAUMAN, 2006, p. 7).

Um aspecto considerado de grande relevância a ser conhecido foi a participação dos sujeitos em curso de Orientação e Mobilidade (OM)¹⁴, visto que o mesmo é parte da reabilitação e visa instrumentalizar a pessoa com deficiência visual para a realização de deslocamentos autônomos com maior segurança.

Gráfico 8 – Participantes que realizaram treinamento em Orientação e mobilidade



Fonte: Elaborado pela autora

Constatou-se que a maioria dos participantes havia realizado treinamento em OM (72,97%), o que ocorreu tanto entre as pessoas com baixa visão quanto entre aquelas com cegueira. Dentre os 10 participantes que não realizaram treinamento em OM, três estavam participando do mesmo durante o período em que a pesquisa foi realizada. Apesar de não ter sido adequadamente ensinado acerca das técnicas a serem utilizadas para obter mais segurança em seu deslocamento autônomo, um dos respondentes (sujeito 34) afirmou “quase sempre” movimentar-se sozinho pela cidade, enquanto os outros dois declararam “nunca” saírem desacompanhados (sujeitos 11 e 20). Isto sugere que as aulas de OM não são determinantes para a mobilidade autônoma das pessoas com deficiência visual, embora seja relevante, visto o alto índice de pessoas que se submeteram a este curso.

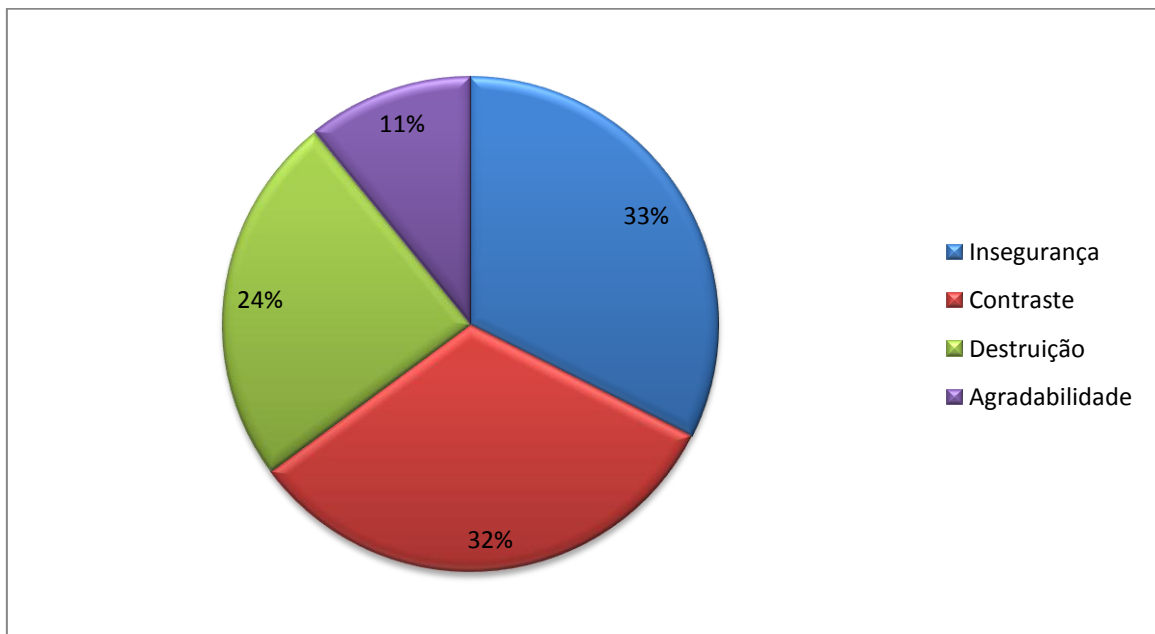
¹⁴ Vide capítulo 1.

5.2 Imagens táteis e mapas afetivos de Fortaleza

A partir da análise das imagens construídas pelos participantes acerca de sua representação da cidade de Fortaleza e das respostas ao questionário subsequente foram construídos os mapas afetivos dos participantes. A elaboração do sentido atribuído a cada conjunto de respostas baseou-se na análise de conteúdo categorial e na análise do subtexto, do sentido e do motivo (BOMFIM, 2003, P. 152), onde a autora inspirada em Vigotsky (1991) propõe o método de apreensão dos afetos. Esta articulação conduziu à formação das imagens de Fortaleza para as pessoas com deficiência visual.

As imagens geradas nesta pesquisa foram: insegurança, agradabilidade, destruição e contraste. A frequência com que tais imagens apareceram está no gráfico abaixo.

Gráfico 9 – Imagens da cidade de Fortaleza



Fonte: Elaborado pela autora

As representações táteis elaboradas pelos respondentes na aplicação do IGMA nesta pesquisa foram classificadas, a partir dos mesmos critérios utilizados no instrumento original (BOMFIM, 2003), em metafóricas ou cognitivas/isomórficas. Dentre os 37 respondentes, apenas cinco construíram representações cognitivas, das quais duas representavam caminhos percorridos com frequência pelos sujeitos, duas apresentavam uma visão global da cidade e uma delas propunha-se a reproduzir um dos pontos turísticos da

cidade com seu entorno urbano. Nos tópicos a seguir serão apresentadas as imagens afetivas dos respondentes em relação à cidade de Fortaleza.

5.2.1 Imagem de insegurança

Juntamente com a imagem de contraste, esta foi a mais freqüente neste estudo, aparecendo em 12 instrumentos, representando 32,43% das respostas.

O quadro abaixo apresenta as metáforas construídas pelos participantes para a imagem de insegurança.

Quadro 2 - Imagens de insegurança de Fortaleza segundo os participantes

Cidade leão faminto pronto para atacar	Cidade prédio em construção
Cidade labirinto	Cidade forno muito quente
Cidade filme de terror	Cidade Rio de Janeiro
Cidade terremoto	Cidade casa em reforma constante
Cidade espaço cheio de obstáculos	Cidade labirinto

Fonte: Elaborado pela autora

Os sentimentos e qualidades atribuídos à cidade nesta imagem estão elencados na tabela abaixo.

Quadro 3 - Imagem de insegurança

Qualidades	Sentimentos
Dificuldades, obstáculos, complicada, desagradável, estrutura deficiente, inacessível, perigos, caótica, violenta, insegura, inconveniência, incompreensão, agitada, falta de humanismo, riscos, desafio, assaltos, mortes, miséria, injustiça, imobilidade, selva de pedras, apática, turbilhão, incompatibilidade.	Tristeza, ansiedade, insegurança, desconforto, desrespeito, agonia, indignação, sentimento de desvantagem, raiva, chateação, desânimo, complexo de inferioridade, sentimento de querer fazer alguma coisa, mas sem saber por onde começar, nervosismo, desprezo, revolta, sensação de inutilidade.

Fonte: Elaborado pela autora

A insegurança nas cidades está normalmente associada à violência e à criminalidade crescente nas grandes metrópoles, que redefine as formas de ocupação e apropriação dos espaços públicos. Bauman (2006) refere que a insegurança moderna está relacionada à sensação da ausência de segurança, o que implica dizer da não necessária existência de um risco real. O perigo está na incapacidade de controlar todas as circunstâncias externas, o que gera medo e ansiedade.

No mapa nº 11, o respondente enfatiza a violência, os assaltos e mortes, como principais características da cidade, o que provoca em si o sentimento de tristeza, como pode ser observado na imagem, bem como no quadro síntese de suas respostas:

Figura 2 – Imagem tátil do IGMA nº 11



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Uma estrutura construída em massa de modelar marrom, com uma base em forma de linha, sobre a qual está uma protuberância também de massa de modelar, ao final da qual está uma coluna no lado direito feita de massinha.

Identificação	Nº.11 Masculino 25 anos Médio Incompleto Não trabalha Fortaleza Cegueira Adquirida
Estrutura	Metafórico
Significado	Minha obra significa a violência da nossa cidade em geral, pois toda hora acontecem vários casos de violência, como assaltos, mortes e etc.
Qualidades	Violência, assaltos, mortes, drogas, sem segurança.
Sentimentos	Tristeza
Metáfora	Com filme de terror.
Sentido	A cidade filme de terror é aquela em que a insegurança gerada pela violência manifesta através de assaltos e mortes provoca sentimentos de tristeza.

Conforme define Bomfim (2003, p. 135) a categoria insegurança caracteriza-se pela presença de elementos que denotam instabilidade, devido à imprevisibilidade das circunstâncias. No caso acima esta imprevisibilidade caracterizou-se pelo medo diante de uma cidade violenta, com alta criminalidade. Esta insegurança, contudo, não é a mesma presente nas demais representações desta categoria. Ela pode provocar ansiedade, medo e nervosismo, como indica a participante nº 20, para a qual a insegurança está associada aos riscos e obstáculos provocados pela pouca acessibilidade na cidade para pessoas com deficiência, a qual se amplia diante da falta de informação das pessoas sobre a deficiência visual, que assim não podem oferecer as ajudas necessárias.

Figura 3 – Imagem tátil do IGMA nº. 20

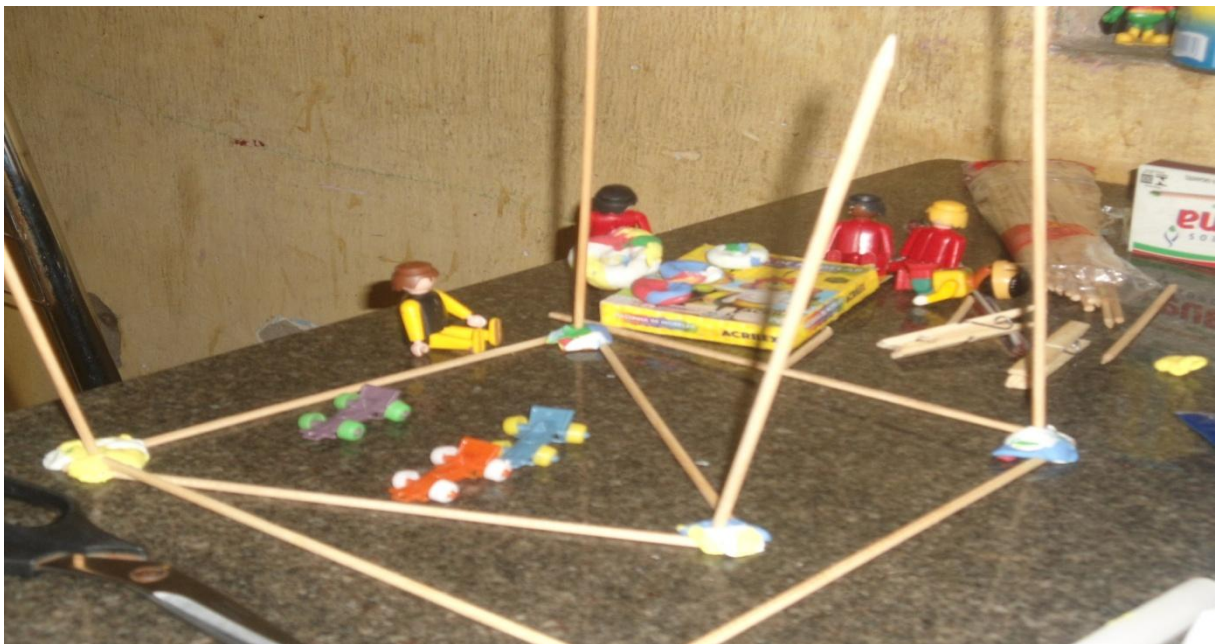


Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Três bonecos de lego colocados em pé, dois sobre uma folha de papel e um sobre a mesa, voltados para diferentes lados. Sobre a folha de papel ainda estão três carrinhos de brinquedo indo na direção dos bonecos e uma vela na extremidade da folha.

Identificação	Nº. 20 Feminino 24 anos Superior Incompleto Não trabalha Fortaleza Cegueira Adquirida
Estrutura	Metafórico
Significado	Representa as dificuldades e obstáculos que encontro todos os dias nas ruas e locais por onde passo Dificuldades para encontrar ajuda, pois algumas vezes as pessoas nem sabem direito como se aproximar ou fornecer a ajuda necessária.
Qualidades	Obstáculos; dificuldades; falta de ajuda; desafios; descoberta; perigo; risco; cidade muito bonita; baixo acesso para deficientes.
Sentimentos	Medo; ansiedade; nervosismo.
Metáfora	Um prédio em construção, cheio de riscos e obstáculos pelo caminho.
Sentido	A cidade prédio em construção é aquela em que a insegurança caracteriza-se pela existência de obstáculos e dificuldades que geram perigos e desafios para os deficientes, provocando sentimentos de medo, ansiedade e nervosismo ante a possibilidade de não receber ajuda externa.

Uma jovem estudante de 20 anos refere tanto sua insegurança devido à falta de acessibilidade física da cidade e despreparo das pessoas para auxiliar a pessoa com deficiência visual, quanto pelos altos índices de violência por ela percebidos, reunindo a insegurança conforme percebida pelos dois respondentes anteriores, demonstrando a multiplicidade desta categoria, de acordo com os dados levantados nesta pesquisa.

Figura 4 – Imagem tátil do IGMA nº. 37



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Uma construção quadrada feita de palitos de madeira, pregada por massinha de modelar, dentro da qual existe um triângulo também com palitos de madeira. Dentro do triângulo encontram-se três carrinhos de brinquedo. Nos vértices do quadrado e do triângulo estão pregados

palitos. Pelo lado de fora do quadrado estão um boneco sentado distante de todos, um boneco em pé segurando massinha de modelar como se fosse uma bandeja, indo em direção a uma caixa de massinha sobre a qual está mais massinha de modelar, e sentados à beira da caixa estão dois bonecos.

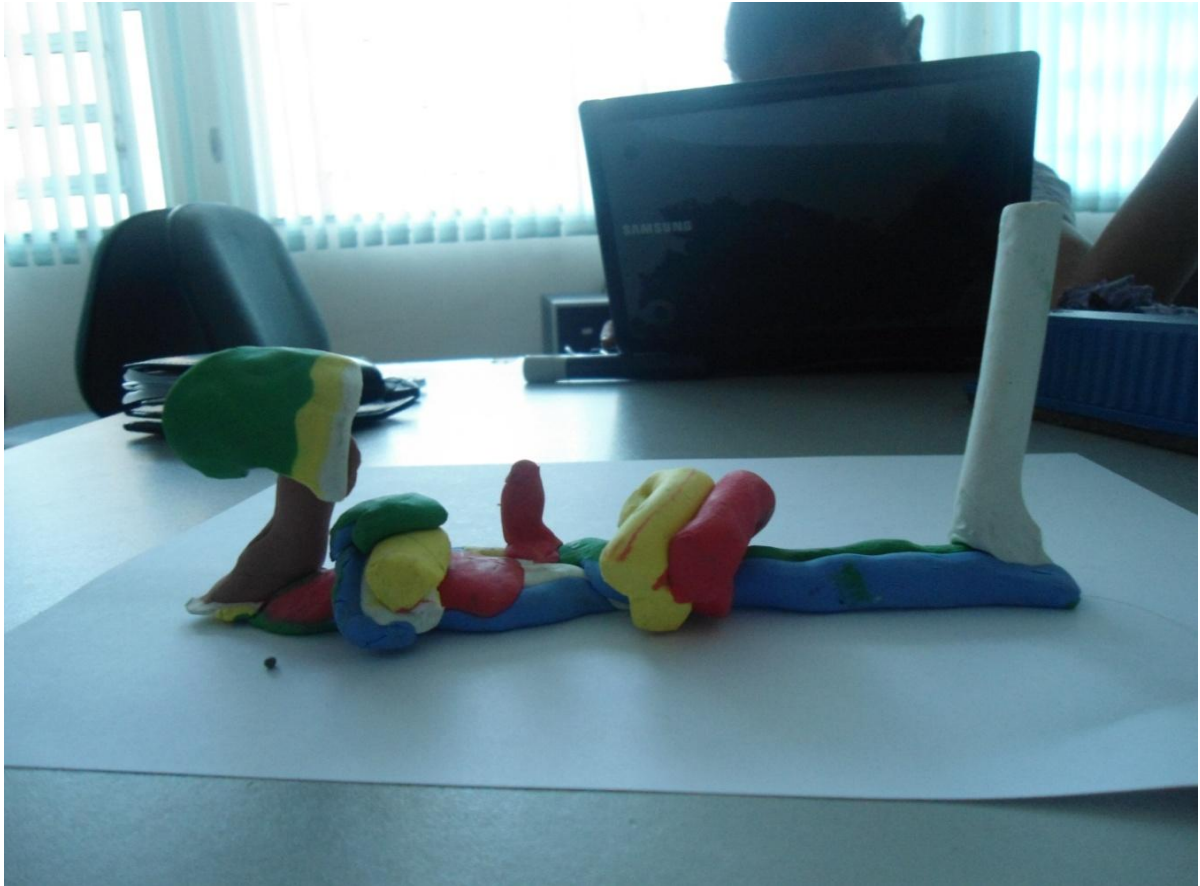
Identificação	Nº 37 Feminino 20 anos Fundamental Incompleto Não trabalha Maracanaú Cegueira Congênita
Estrutura	Metafórico
Significado	O desenho que eu fiz foi várias pessoas em um restaurante sentadas, onde havia um lugar que era inacessível, que tinha os carros e no meio dessas pessoas tinha uma pessoa com deficiência visual. O garçom trouxe o prato para essa pessoa e simplesmente jogou o prato em cima do deficiente e ele ficou procurando com as mãos.
Qualidades	Inacessível, despreparo das pessoas, falta de respeito, falta de atenção, ônibus lotados demais, cidade é um lixo, muito insegura, muito engarrafada.
Sentimentos	Tristeza.
Metáfora	Um terremoto, porque é um morto todo dia, existem muitas mortes, todo dia é um morto, todo dia é um assaltado.
Sentido	A cidade terremoto é aquela em que a falta de acessibilidade, falta de respeito, engarrafamento, mortes e assaltos provocam insegurança.

A variedade de estímulos e acontecimentos simultâneos na cidade constitui uma ampla quantidade de informações, que a pessoa com deficiência visual pode sentir dificuldade para interpretar, gerando incompreensão, que por sua vez provoca o medo. Não conhecer bem o ambiente ao redor aumenta para o participante 01 o medo e o sentimento de inutilidade diante da sensação de que a cidade pode atacá-lo a qualquer momento, sem que ele possa defender-se. Lynch (1998) afirma que as cidades oferecem informações aos seus habitantes, que podem ser mais ou menos claras para eles. Quanto mais fáceis de serem interpretadas estas referências melhor será a orientação das pessoas em seu espaço. Assim como um texto a cidade também pode ser lida com maior ou menor clareza.

No caso das pessoas com deficiência visual, a carência de informações acessíveis aos seus sentidos dificulta a legibilidade da cidade, obstruindo sua orientação e mobilidade no espaço urbano.

Seu mapa afetivo foi assim sintetizado:

Figura 5 – Imagem tátil do IGMA nº. 01

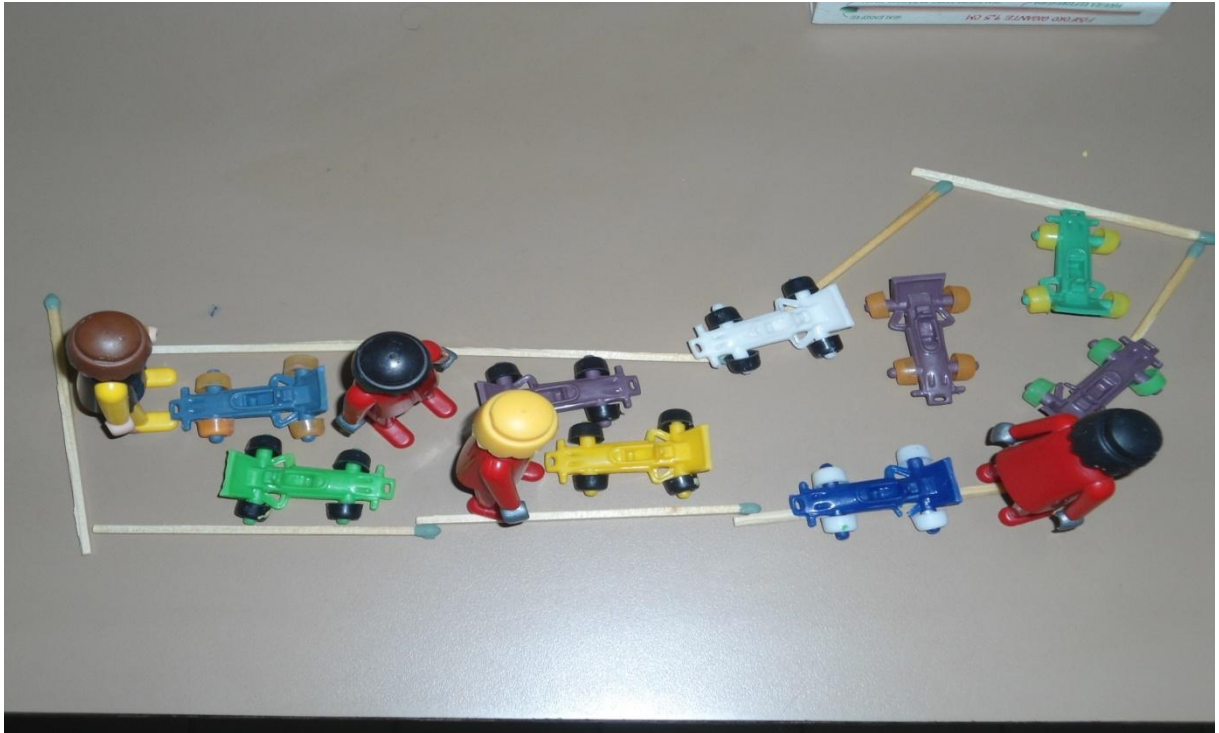


Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Uma construção feita de massa de modelar de diversas cores (azul, marrom, branco, amarelo e verde). Uma linha de massinha sobre a qual estão colocados da esquerda para a direita uma estrutura de base fina e topo oval, seguido por vários obstáculos feitos com bolas de massa de modelar e no canto direito uma coluna também de massinha.

Identificação	Nº.01 Masculino 19 anos Médio Incompleto Assistente administrativo Fortaleza Cegueira Congênita
Estrutura	Metafórico
Significado	Significa minhas dificuldades com relação ao meu entorno, ou seja, a cidade onde moro.
Qualidades	Turbilhão, dificuldades, incompreensão, incompatibilidade, chatice, imobilidade, inexperiência, selva de pedras, apática.
Sentimentos	Medo, revolta, sensação de inutilidade.
Metáfora	Um leão faminto, pronto pra atacar.
Sentido	A cidade leão faminto pronto pra atacar é aquela em que sua insegurança apresenta-se como um turbilhão, em que as dificuldades provocam incompreensão, incompatibilidade e imobilidade, de maneira que se assemelha a uma selva de pedras, produzindo sentimentos de medo, revolta e inutilidade.

No mapa 25 tem-se uma resposta semelhante à anterior, em que o sujeito associa qualidades como caótica, agitada e violenta à inconveniência e incompreensão, sugerindo que não apenas a violência provoca insegurança e desconforto, mas também a dificuldade de apropriar-se adequadamente dos espaços públicos, que produz a sensação de instabilidade.

Figura 6 – Imagem tátil do IGMA nº. 25



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Os contornos de uma pista construído com palitos de fósforo, dentro da qual estão quatro bonecos e nove carrinhos de brinquedo, distribuídos de forma aleatória.

Identificação	Nº. 25 Masculino 36 anos Médio completo Operador de Micro Fortaleza Baixa visão Congênita
Estrutura	Metafórico
Significado	Caótica.
Qualidades	Caótica, inconveniência, violento, inseguro, incompreensão, agitada.
Sentimentos	Insegurança, desconforto, desrespeito.
Metáfora	Uma casa em reforma constante.
Sentido	A cidade casa em reforma constante é caótica, agitada e violenta, além disso, sua inconveniência e incompreensão aumentam sua insegurança, gerando sentimentos de desconforto e desrespeito em seus moradores.

Embora não evidencie explicitamente seus medos nas respostas ao questionário, o sujeito que construiu as respostas do mapa de nº 10 elaborou uma imagem onde apresentava

os problemas de mobilidade da pessoa cega ao transitar pelas ruas com lixo, calçadas desniveladas e sinalização inadequada, além de incluir a cena de uma pessoa morta em um caixão.

Figura 7 – Imagem tátil do IGMA nº. 10



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Do lado direito da mesa um boneco com a mão estendida, na sua lateral um copo de plástico cheio de bolas de jornal, a sua frente várias bolas de jornal e pedaços de plástico, do lado esquerdo uma estrutura de massinha marrom em formato de cruz, um boneco deitado na mesa sobre o qual está uma caixinha preta e mais abaixo no mesmo canto uma estrutura de massinha de várias cores que também contém pedaços de canudos sem formato definido e na frente dessa estrutura um carrinho de brinquedo.

Identificação	Nº. 10 Feminino 21 anos Médio completo Massoterapeuta Fortaleza Cegueira Adquirida
Estrutura	Metafórico
Significado	A insegurança, o descaso, o preconceito e a falta de oportunidade.
Qualidades	Injustiça, insegurança, descaso, preconceito, falta de oportunidade, mãos atadas, desunião, irresponsabilidade, miséria, paraíso com muitos podres.
Sentimentos	Raiva.
Metáfora	Com um labirinto, cheio de obstáculos.
Sentido	A cidade labirinto cheio de obstáculos é aquela em que a insegurança manifesta-se através da miséria, injustiça, irresponsabilidade, descaso, preconceito, insegurança e falta de oportunidades, despertando o sentimento de raiva.

Dentre os 12 mapas afetivos em que se destacou a imagem de insegurança, oito relacionaram-na diretamente com a questão da mobilidade urbana e de suas dificuldades para a pessoa com deficiência visual. As barreiras impostas pela falta de acessibilidade

arquitetônica e atitudinal enfraquecem a compreensão que os indivíduos têm sobre si mesmos. Como demonstra um homem cego de 35 anos, ao comparar sua capacidade de deslocamento com aquela apresentada por pessoas videntes. Dessa forma ele sente-se inferiorizado e incapaz. Bauman (2006) afirma que quando a solidariedade é abandonada em detrimento da competição, os indivíduos sentem-se sozinhos e inadequados. Na concepção espinosiana as causas adequadas potencializam o *conatus* do indivíduo e as inadequadas levam a uma potência de padecimento (ESPINOSA, 1996). Em seu contato com a cidade o sujeito 22 não age sobre o ambiente, mas apenas reage às circunstâncias que lhe são impostas, o que provoca em si a sensação de impotência, já que em tais situações ele não é causa de si mesmo. No mapa deste sujeito, tanto na imagem elaborada, quanto nas respostas dela decorrentes percebe-se a insatisfação com o espaço e a ênfase sobre as dificuldades cotidianas.

Figura 8 – Imagem tátil do IGMA nº. 22



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Sobre uma folha de guardanapo, em um canto, pregado com massa de modelar está um palito de fósforo, e no outro canto, também pregado com massa de modelar, um palito de madeira comprido. Massinha amarela sobre o guardanapo para firmar um boneco de lego e dois carrinhos. O boneco está virado para uma direção e os carrinhos para outra.

Identificação	Nº. 22 Masculino 35 anos Superior Incompleto Revisor Braile Canindé Cegueira Adquirida
Estrutura	Cognitiva
Significado	A minha expressão artística é um pouco da dificuldade que eu vivencio no meu dia a dia, quando eu desço do ônibus até eu chegar aqui no meu local de trabalho.
Qualidades	Dificuldades; complicada; desagradáveis, desimportante, obstáculos, estrutura deficiente, calçadas.
Sentimentos	Sentimento de desvantagem, chateação, desânimo, raiva, complexo de inferioridade.
Metáfora	(Sem resposta)
Sentido	A cidade representada transmite insegurança, pois sua estrutura deficiente com muitos obstáculos e dificuldades à mobilidade faz com que os deficientes sintam-se desanimados e chateados por perceberem-se incapazes de realizar suas atividades.

Percebe-se assim a predominância, nesta imagem, de sentimentos negativos, como medo, tristeza, desânimo e ansiedade que despotencializam o sujeito para a ação e propiciam uma menor implicação destes com a cidade, que por sua vez é vista como uma barreira a ser ultrapassada.

5.2.2 Imagem de contraste

As metáforas construídas pelos participantes para a imagem de contraste estão elencadas no quadro abaixo:

Quadro 4 – Imagens de contraste de Fortaleza segundo os participantes

Cidade ameixa feia e rugosa	Cidade doce de leite ficando azedo	Cidade pessoa complicada, mas maravilhosa
Cidade semente de mostarda	Cidade circo	Cidade que não tem comparação
Cidade transporte coletivo	Cidade sapato novo que faz calo	Cidade polvo
Cidade sem freio	Cidade linha do horizonte	Cidade mar quentinho

Fonte: Elaborado pela autora.

A imagem de contraste apareceu em 12 mapas afetivos, assim como a imagem de insegurança. Os sentimentos e qualidades que caracterizam essa imagem estão dispostos abaixo:

Quadro 5 – Imagem de contraste

Qualidades	Sentimentos
Favela/casas de alto luxo, trânsito caótico, diversão, parte comercial bem desenvolvida/pouca iluminação, cidade bem desenvolvida e com boa infraestrutura/pobreza, ruas esburacadas e engarrafadas/tentativa de resgate da natureza, transporte público caótico/convivência, muitos problemas/apropriação, cidade boa para se viver/cidade mal administrada, Dificuldades/criatividade, calçadas inexistentes/banho de sol, lixo/praias, nenhuma acessibilidade/efervescência social e cultural, desafios/ Interação, sensibilidade/falta de hospitais, dedicação/assaltos, barreiras/adaptação, conforto/apertado, entretenimento/estagnação, lazer/ batalha, comunhão/ exclusão social, bela para alguns e mascarada para o povo, desigualdade/beleza, obstáculos nas ruas/vitória, cidade maravilhosa/negligência, recordação/retrocesso, falta de educação/pessoas boas e bem humoradas, falta de mais apoio dos governantes/sinceridade, lembranças boas/descaso, infra-estruturam caótica/naturalmente boa.	Solidão, sufocamento, indignação, impotência, esperança, tristeza, revolta, repugnância, insatisfação, vergonha, ódio, alegria, satisfação, respeito, felicidade, capacidade de fazer algo, injustiça, afetividade, medo, encantamento, zangada, preocupação, egoísmo, estresse, luxúria, falsidade, frustração, desamparo, paz, sensação de exclusão, estresse, nervosismo, saudosismo, paixão, amor, vontade de superar as barreiras, simpatia, perseverança.

Fonte: Elaborado pela autora.

A imagem de contraste caracteriza-se pela polaridade de sentimentos e características da cidade, na qual coexistem inúmeras situações e realidades, produzindo diferentes vivências para a mesma pessoa. São vários os aspectos divergentes na cidade, e as pessoas que participaram deste estudo abordaram alguns dos mesmos.

Nos mapas 19 e 35 os contrastes na cidade expressam-se através da coexistência de pessoas com alto poder aquisitivo e outras que devido a escassas provisões financeiras são excluídas e privadas de direitos básicos, tais como o acesso à moradia de qualidade. Mesmo residindo próximo geograficamente às classes mais abastadas, um enorme contingente populacional permanece à margem, o que ratifica a afirmação de Bauman (2006) que enfatiza o crescente distanciamento em relação às localizações e as pessoas fisicamente vizinhas, mas econômica e socialmente distantes.

No mapa 19 a favela é representada como um lugar apertado, com alta densidade demográfica, situada nas proximidades de pontos turísticos e de áreas bastante valorizadas, onde predomina o conforto, a amplitude e a disponibilidade de recursos. Frattari (2009) afirma que a vulnerabilidade social reverbera na exclusão habitacional, através da estigmatização de zonas urbanas, de acordo com sua ocupação. Nas palavras da autora:

Os grupos sociais marginalizados vivenciam um processo de vulnerabilidade social em função do crescente desemprego, desestruturação familiar, abandono do poder público, ausência de direitos sociais, isolamento social e estigmatização dos bairros em vias de guetificação. Desse modo a marginalidade social é transformada em exclusão territorial. (FRATTARI, 2009, p. 10).

Figura 9 – Imagem tátil do IGMA nº. 19



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Uma folha de papel verde com algodão pregado em seu contorno do lado esquerdo e em suas laterais até metade destas. No lado direito massinha de modelar em forma de quadrados grandes e pequenos. Abaixo dos quadrados duas listras de massinha colocadas no mesmo sentido dos quadrados (vertical) e uma na horizontal.

A participante assim descreveu sua imagem: “Essa representação que eu fiz é uma imagem que eu tenho sempre que eu estou chegando em Fortaleza de algum lugar, no avião eu vejo as pessoas dizendo “a gente só vê os quadradinhos lá em baixo [...] Ah, o mar é lindo” e eu fico imaginando o mar macio, bonito, por isso que eu fiz ele de algodão. E dizem que a cidade é como uns quadrados, então eu fiz os quadrados e a favelinha tudo bem pequenininho e o resto são quadrados grandes. Então eu fiquei imaginando e imaginei agora pra fazer o

desenho dessa forma. Sei que tem muitos problemas, muitas outras coisas na cidade, mas o que eu consegui visualizar foi isso aí.” (Mapa 19)

Ao observar o mapa afetivo desta participante é possível perceber sua vinculação positiva com a cidade, potencializada pela atração pelo mar, uma das riquezas naturais de Fortaleza, contudo o medo, a preocupação e a tristeza estão presentes devido à violência e aos obstáculos nas ruas que dificultam a acessibilidade.

Identificação	Nº. 19 Feminino 48 anos Mestrado Professora Piquet Carneiro Cegueira Congênita
Estrutura	Cognitiva
Significado	Essa representação que eu fiz é uma imagem que eu tenho sempre que eu estou chegando em Fortaleza de algum lugar [...]
Qualidades	Desigualdade; conforto; apertado; oceano; barulho do mar; batalha; obstáculos nas ruas; vitória; cidade maravilhosa; ladrão; assalto.
Sentimentos	Afetividade; encantamento; preocupação; alegria; zangada; medo; triste.
Metáfora	Com um doce de leite ficando azedo. Doce de leite é uma das coisas que eu mais gosto e quando ele tá ficando ruim a gente perde um pouco o gosto de saborear. Não seria propriamente azedo, mas ficando velho, um doce envelhecido, porque essa cidade é maravilhosa, mas quando a gente pensa de enfrentá-la a gente já fica triste [...]
Sentido	A cidade doce de leite ficando azedo é aquela em que a alegria, o encantamento e a afetividade de morar em uma cidade maravilhosa, banhada pelo mar, contrastam com as desigualdades sociais, os assaltos, os obstáculos nas ruas e a preocupação, o medo e a tristeza oriundas de tais situações.

A participante 35, ao observar os contrastes da cidade, menciona os espaços naturais como praias e tentativa de resgate da natureza, em contraponto ao trânsito caótico, que a própria respondente considera característica inerente às grandes metrópoles. Em paralelo destaca também a desigualdade na qualidade habitacional dos moradores da cidade. Sua imagem é bastante rica de detalhes, pois a universitária procura expressar em sua representação todos os aspectos da cidade que julga relevantes, formando um mapa geral da cidade. Seus sentimentos também se coadunam com esta multiplicidade de aspectos observados em Fortaleza, sendo tanto potencializadores como satisfação e felicidade, quanto despotencializadores como tristeza, sufocamento, revolta e indignação. Sintetizando o mapa 35 tem-se:

Figura 10 – Imagem tátil do IGMA n°. 35



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: No canto esquerdo há um pegador e vários carros enfileirados e ao fundo uma coluna de massa de modelar. À direita um durex com duas bolas de massa sobre ele e dois bonecos sentados próximos a ele, mas de costas um para o outro. Atrás deles está uma base de massa de modelar com vários palitos presos nela. Vizinho à coluna de massa de modelar estão bolinhas sobrepostas de massa de modelar e ao seu lado uma bola achatada de massa azul com pontos marrons. Mais à direita há quatro palitos sustentados cada um por uma bolinha de massa de modelar e entre eles três carrinhos.

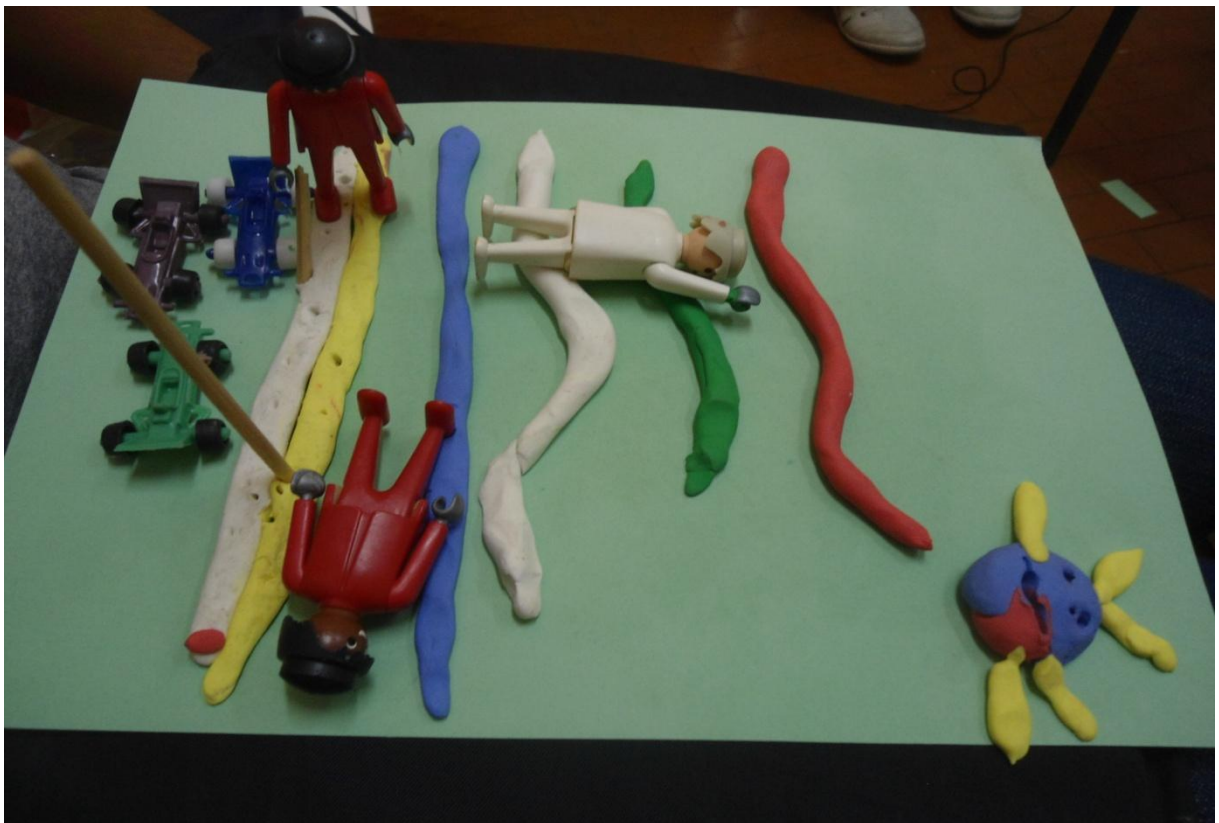
Identificação	N°. 35 Feminino 24 anos Superior incompleto Bolsista Fortaleza Baixa visão Congênita
Estrutura	Cognitiva
Significado	Eu tentei fazer uma representação geral da cidade, tendo em vista as várias nuances por mim observadas [...]
Qualidades	Futebol, praias, tentativa de resgate da natureza, favela, casas de alto luxo, trânsito caótico, diversão, parte comercial bem desenvolvida, pouca iluminação, cidade bem desenvolvida e com boa infra-estrutura, pobreza, ruas esburacadas e engarrafadas, transporte público caótico, maresia, cinema, escuridão, muitos problemas, cidade boa para se viver.
Sentimentos	Satisfação, tristeza, revolta, indignação, sufocamento, felicidade.
Metáfora	Um polvo, porque é uma cidade cheia de nuances.
Sentido	A cidade polvo é aquela em que seus contrastes aparecem na imagem de uma cidade bem desenvolvida, com boa infra-estrutura, com praias, e natureza,

<p>promovendo sentimentos de satisfação, felicidade e proximidade por um lado, porém contrastando com ruas esburacadas e engarrafadas, pobreza, pouca iluminação, transporte público caótico, que produzem sentimentos de tristeza, indignação, revolta e sufocamento.</p>
--

O mar aparece como elemento de atração e lazer no mapa 30, no qual o participante também destaca a falta de acessibilidade, que é sentida por ele como exclusão social. O participante principia sua explicação da imagem por ele construída, buscando destacar os aspectos positivos de Fortaleza, apesar de explicitar os obstáculos encontrados pelas pessoas com deficiência visual no tocante à mobilidade urbana. Os adjetivos atribuídos à Fortaleza e a forma de destacá-los, indica uma implicação positiva deste sujeito com a cidade.

A imagem tátil por ele elaborada já demonstra a polaridade de experiências vivenciadas na cidade, que nela identifica tanto aspectos potencializadores, quanto despotencializadores. Ele busca apresentar estas nuances através de sua imagem e suas respostas, como mostradas abaixo:

Figura 11 – Imagem tátil do IGMA nº. 30



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: No canto direito um sol feito de massinha de modelar. Logo abaixo, linhas ondulares de massinha de modelar, sobre as quais estão dois bonecos deitados. À beira destas

linhas ondulares, estão duas linhas retas de massinha, com um palito espetado em um lado e um pedaço de palito do outro, próximo a um boneco em pé. Ao lado deste boneco estão três carrinhos de brinquedo.

Identificação	Nº 30 Masculino 20 anos Médio incompleto Auxiliar administrativo Fortaleza Cegueira Congênita
Estrutura	Metafórico
Significado	Fortaleza na verdade não é só dificuldade, mas também existe beleza que se contrapõe a dificuldade, uma pessoa tomando banho de sol e um deficiente visual passando pelos buracos da calçada.
Qualidades	Dificuldade, beleza, buracos da calçada, banho de sol, conforto; entretenimento, lazer, comunhão, exclusão social.
Sentimentos	Paz, sensação de exclusão.
Metáfora	Uma linha do horizonte que divide dois mundos, duas realidades em uma só.
Sentido	A cidade linha do horizonte é aquela em que o contraste revela-se através da coexistência de sentimentos de paz gerados pelas belezas naturais, pelo banho de sol e lazer, com a sensação de exclusão social oriunda das dificuldades e dos buracos nas calçadas.

Enquanto o participante anterior destacou como ponto positivo as belezas naturais da cidade, o sujeito Nº 33 enfatiza sua atração pela Praça do Ferreira, ponto turístico e de grande movimentação em Fortaleza. Este respondente valoriza a convivência e efervescência social e cultural do ambiente escolhido, expressando o contraste através de seus sentimentos que se referem também aos problemas identificados na cidade. Assim a alegria, simpatia e exaltação, contrapõem-se à tristeza, à revolta e à perseverança. Apesar da existência de sentimentos negativos, este contraste parece atuar como potencializador da ação do sujeito, que embora identifique as carências de sua cidade, sente alegria e exaltação em fazer parte dela, sugerindo uma implicação positiva. A escolha pela representação de uma das praças situadas no centro da cidade resgata o valor cultural e histórico deste local como zona de encontros potencializadora das ações dos sujeitos, ressaltando a importância da coletividade para a emancipação do sujeito na cidade. A imagem tátil e a síntese do IGMA deste participante são apresentadas a seguir:

Figura 12 – Imagem tátil do IGMA nº. 33



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Um quadrado feito de palitos pregados no vértice por massinha de modelar. Em cada canto do quadrado estão palitos pregados na vertical e na ponta de cima do palito, estão bolinhas de massa. Dentro do quadrado estão dois bonecos em pé ao lado dos quais existem estruturas de massinha sem forma definida, no centro do quadrado está uma estrutura de massinha em formato de coluna com a extremidade superior redonda. Ainda há outra estrutura composta por duas bolas de massa de modelar sobre as quais estão palitos de fósforos e um boneco sentado e outro caído ao lado. No entorno do quadrado estão 10 carrinhos de brinquedo e circundando os carrinhos estão palitos.

Identificação	Nº 33 Masculino 28 anos Superior incompleto Assistência de coordenação e gerência Fortaleza Baixa visão Congênita
Estrutura	Cognitiva
Significado	Representa um local de interação, apropriação e convivência de minha cidade.
Qualidades	Interação, apropriação, convivência, efervescência social e cultural, clima de descontração, problemas.
Sentimentos	Simpatia, alegria, exaltação, revolta, tristeza, perseverança.
Metáfora	Creio que não compararia, pois não existe tal qual no mundo.
Sentido	A cidade que não tem comparação é aquela em que seus contrastes revelam-se através da existência de problemas e espaços de interação, promovendo alegria e exaltação, mas também revolta e tristeza.

O contraste com implicação positiva também aparece no IGMA N° 31, no qual a universitária de 24 anos menciona as problemáticas de viver em uma metrópole, tais como o trânsito e a excessiva velocidade com que tudo acontece, gerando situações caóticas, que provocam estresse e nervosismo. Por outro lado, sua identificação com a cidade é expressa através de sentimentos de apego, tais como amor e paixão. As dificuldades cotidianas não destroem a vinculação positiva da jovem com Fortaleza, que manifesta sua vontade de superar as barreiras, como pode ser conferido na síntese de seu mapa afetivo:

Figura 13 – Imagem tátil do IGMA nº. 31



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Retângulo bem comprido com nove carrinhos dentro e ao redor. Em uma das extremidades, do lado de fora, há um boneco perto de um copo de cabeça para baixo sobre o qual estão pedaços de canudo. Um pouco atrás existe um boneco deitado e sobre ele uma caixa preta e um pegador ao seu lado. Em outra ponta do retângulo há dois bonecos e um copo descartável de café emborcado com uma vela em cima.

Identificação	Nº 31 Feminino 24 anos Superior incompleto Auxiliar administrativo Fortaleza Cegueira Congênita
Estrutura	Metafórico
Significado	Minha representação está relacionada a várias situações pelas quais passo todos os dias. Engarrafamentos gigantescos, trânsito lotado e pessoas correndo vivendo no limite.
Qualidades	Caótica, engarrafamentos gigantescos, trânsito lotado, pessoas correndo vivendo no limite, criatividade, imaginação, sensibilidade, dedicação, problemas, barreiras, adaptação.
Sentimentos	Estresse, nervosismo, paixão, amor, saudosismo, vontade de superar as barreiras.
Metáfora	Uma pessoa complicada, mas maravilhosa.
Sentido	A cidade pessoa complicada, mas maravilhosa é aquela em que seus contrastes concretizam-se no engarrafamento, barreiras, pessoas vivendo no limite, e estresse, coexistindo a criatividade, imaginação, sensibilidade e adaptação, motivadas pela paixão, amor, saudosismo e vontade de superação.

O participante Nº 12 traz para sua representação imagens lúdicas ligadas a sua infância, retratando momentos agradáveis, que por sua vez despertam sentimentos potencializadores, como alegria, satisfação e respeito. Vale salientar que este participante possui cegueira adquirida e o período apresentado em sua figura tátil é anterior à perda da visão. Seu contraste parece ser evidenciado através do tempo, ao comparar suas antigas experiências, com as atuais, quando obstáculos e barreiras urbanas dificultam sua acessibilidade. A metáfora por ele construída mostra a exclusão espacial, pois afirma que alguns lugares são providos de determinados bens e serviços, o que não acontece de forma generalizada. Assim o contraste dos atuais sentimentos ligados a uma cidade onde ocorre injustiça, evidencia a distância entre a atual e a antiga “boa cidade”. Destaca-se que o participante mostrou-se empolgado na realização da tarefa de construção da imagem tátil, sugerindo que a mesma o afetou de modo positivo, aumentando sua potência de ação. Isto confirma a possibilidade da utilização do mapa afetivo como instrumento para intervenção social.

Figura 14 – Imagem tátil do IGMA nº. 12

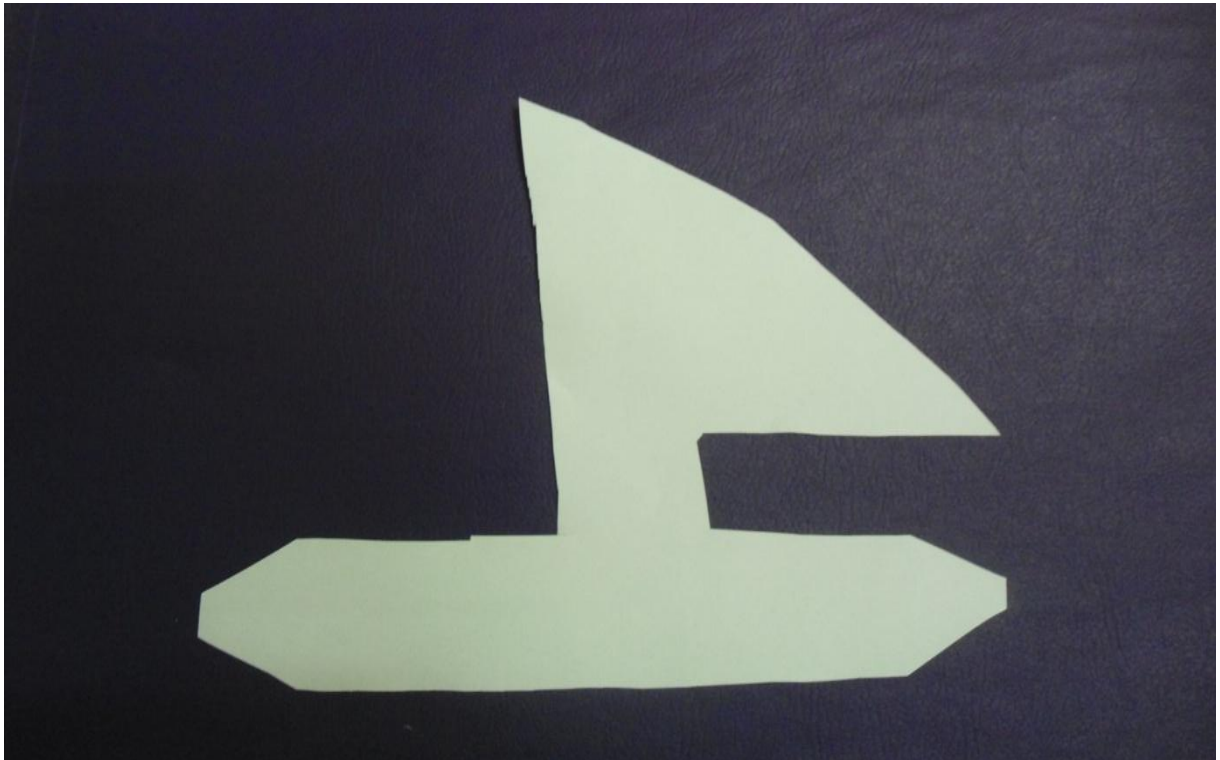


Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Do lado esquerdo um balão de festa junina feito de jornal. No centro vários palitos de madeira amontoados e do lado direito um boneco encostado em um copo plástico próximo do qual está um carrinho de brinquedo. Mais abaixo uma caixa de fósforos e um boneco sentado ao seu lado juntamente com um carrinho de brinquedo.

Identificação	Nº 12 Masculino 38 anos Fundamental incompleto Não trabalha Fortaleza Baixa visão Adquirida
Estrutura	Metafórico
Significado	A representação que eu fiz foi a festa junina. Quando a gente é criança, gostamos muito de brincar, de soltar balão, de jogar de bila, soltar pião e outras brincadeiras mais. E brincar de carrinho, porque a representação que fiz eram duas crianças brincando de carrinho.
Qualidades	Brincadeiras, lembranças boas, infância alegre, sinceridade, boa cidade, obstáculos.
Sentimentos	Alegria, satisfação, respeito.
Metáfora	Transporte coletivo: alguns cantos têm as coisas outros não, porque ele só para em alguns lugares e outros não.
Sentido	A cidade transporte coletivo é aquela em que seus contrastes apresentam-se através do tempo em sentimentos nostálgicos da infância, ao mesmo tempo que se depara com os obstáculos e dificuldades da cidade na época atual agravados pela deficiência visual adquirida.

Outro tipo de contraste é apresentado pelo sujeito 28, que contrapõe a cidade real, vivenciada por seus moradores todos os dias, e àquela que é promovida em campanhas publicitárias com foco na atração de turistas e investimentos. Assim o sujeito manifesta paixões tristes como o desamparo, a frustração e a vergonha. A sensação de que a cidade não foi planejada para atender as suas necessidades induz um maior distanciamento em relação a mesma, que é vista como falsa e mascarada. De certa forma a desconfiança no poder público, associada à carência de medidas específicas em prol de seu bem-estar, despotencializam o sujeito para agir na cidade. Como consequência ele apresenta a imobilidade ao declarar em sua metáfora que a única solução é acostumar-se com a situação, mesmo que ela seja ruim. A seguir a imagem e o mapa afetivo deste sujeito:

Figura 15 – Imagem tátil do IGMA nº. 28



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Uma jangada recortada em papel.

Identificação	Nº 28 Masculino 32 anos Superior incompleto Professor de música Fortaleza Baixa visão Congênita
Estrutura	Metafórico
Significado	Construí uma jangada que em todas as campanhas publicitárias da cidade de Fortaleza quando se fala em turismo ela é ilustrada. Então talvez por isso, quando se fala na cidade de Fortaleza, primeiramente lembro-me desse símbolo, lembro também porque acho que a cidade é voltada para o turista e em nem um momento acho que ela é acessível para um deficiente, embora existam turistas com deficiência.
Qualidades	Beleza artificial, bela para alguns, mascarada para o povo, politicagem, estagnação.
Sentimentos	Falsidade, frustração, vergonha, desamparo.
Metáfora	Um sapato novo que faz calo, dói, mas você precisa usar.
Sentido	A cidade sapato novo que faz calo é aquela voltada principalmente para os turistas e não acessível para os deficientes, o que gera contraste, pois ela é bela para alguns e mascarada para o povo, provocando sentimentos de frustração, vergonha, falsidade e desamparo.

No mapa Nº 04 o respondente considera a infra-estrutura urbana inadequada, mencionando inúmeros problemas que por ele são observados. Além disso, ele destaca a solidão e o isolamento existente nas grandes metrópoles, apesar do crescente ritmo de informações transmitidas por vários meios a cada segundo e o avanço crescente dos meios de comunicação. Embora reconheça a existência destes aspectos que despotencializam os encontros e as ações na cidade, ele ressalta a existência de pessoas boas e bem humoradas em uma cidade que classifica como naturalmente boa e de clima agradável. Através de sua metáfora infere-se que a adaptação deste sujeito à cidade ocorre por meio de sua busca em identificar elementos que possam potencializar suas ações, o que se reflete em seu sentimento de esperança.

Figura 16 – Imagem tátil do IGMA nº. 04



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Dois copos de café sobrepostos como uma torre com um boneco dentro do copo de cima, virado de costas, em frente aos copos, vários palitos de churrasco formando uma espécie de rua, sobre os quais estão dois copos de café com a parte mais larga virada para baixo, um em cada ponta dos palitos, com um boneco dentro de cada e com prendedores de roupa nas bordas dos copos de modo a ficarem em pé, com um canudo de plástico em cima de ambos ligando um ao outro. Em baixo do canudo estão dois carrinhos. Na borda dos palitos de churrasco estão três bonecos sentados com um canudo de plástico no colo.

Identificação	Nº 04 Masculino 26 anos Superior incompleto Bolsista Fortaleza Baixa visão Adquirida
Estrutura	Metafórico
Significado	Significa genericamente uma situação instaurada em nossa cidade. Má pavimentação, descaso e solidão, mesmo em meio a outras pessoas, comunicações e meios de transporte.
Qualidades	Má pavimentação, descaso, sistema, retrocesso, negligência, caos, infra-estrutura caótica, convivência, naturalmente boa, clima, natureza, pessoas boas e bem humoradas.
Sentimentos	Solidão, sufocamento, indignação, impotência, esperança.
Metáfora	Ameixa, feia e rugosa, mas se acostumando você até gosta e faz bem pra saúde.
Sentido	A cidade ameixa evidencia a imagem de contraste através da má pavimentação, do descaso, da infra-estrutura caótica e da negligência acompanhadas de sentimentos de solidão, sufocamento, indignação e impotência, havendo também esperança produzida pela convivência com pessoas boas e bem humoradas em uma cidade naturalmente boa.

5.2.3 Imagem de destruição

A imagem de destruição apareceu em nove mapas afetivos. As metáforas construídas pelos participantes aparecem no quadro abaixo:

Quadro 6 – Imagens de destruição de Fortaleza segundo os participantes

Cidade trem em alta velocidade	Cidade abandonada e sem comando	Cidade suja
Cidade família	Cidade que mudou 100%	Cidade caos
Cidade casa antiga se deteriorando	Cidade lixão	Cidade projeto em fase de execução

Fonte: Elaborado pela autora

Os sentimentos e qualidades apontados pelos respondentes nesta categoria estão dispostos no quadro a seguir:

Quadro 7 – Imagem de destruição

Qualidades	Sentimentos
Falta de acessibilidade, lixo na cidade, descaso dos governantes, reformas, construções, adversidades, barreiras, preconceito, lutas, conquista, feia, fedorenta, grande, buracos, lama, lazer sendo destruído, trânsito lento, facilidade de consumo, transporte muito apertado, confusão, violência, falta de atitude, Melhorias na segurança, na saúde, na educação e na qualidade de vida, regular, não tem sinalização, muitas placas no meio da rua, falta de informação, horrível, muito bonita, muito proveitosa, falta de estrutura, estressante, dificuldades, falta de planejamento, problemas, estrutura que dificulta a locomoção da pessoa cega, violência, aconchegante.	Revolta, tristeza, horror, desrespeito, incômodo, receio, preocupação, não aceitação, respeito, atitude.

Fonte: Elaborado pela autora

Esta imagem reúne qualidades que destacam a má infra-estrutura da cidade e suas carências de um modo geral. Normalmente os sentimentos a ela associados são despontencializadores da ação dos indivíduos, que se sentem incomodados com a degradação e a sujeira dos ambientes. Aqui também são incluídas qualidades relativas à precariedade das edificações e dos equipamentos urbanos.

No mapa 06 o participante destaca a má estrutura da rua de seu bairro, pela qual costuma caminhar. Ele fala de vários aspectos de Fortaleza, mas enfatiza a estrutura que dificulta a locomoção da pessoa cega, por meio de vários obstáculos e do transporte público

que precisa melhorar bastante. Embora este sujeito reconheça a existência de aspectos positivos na cidade, quando afirma que assim como uma família tem pontos positivos e negativos, seus sentimentos acerca da cidade são incômodo, revolta e receio, denotando que para ele os aspectos negativos da estrutura urbana sobressaem-se aos positivos.

Figura 17 – Imagem tátil do IGMA nº. 06



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Uma folha branca sobre a qual estão duas linhas nas extremidades representando a borda da calçada. Na parte que seria a superfície da calçada estão pedaços de algodão e sobre as linhas feitas de fita adesiva estão pedaços de massa de modelar. Na parte central da folha estão dois carros de brinquedo, em direções opostas, divididos por uma linha de pegadores de madeira.

Identificação	Nº 06 Masculino 20 anos Médio completo Revisor Braile Fortaleza Cegueira Congênita
Estrutura	Cognitiva
Significado	Eu quis que ela representasse a avenida do bairro onde moro constando as dificuldades que ela possui para a pessoa cega.
Qualidades	Dificuldades, obstáculos, falta de estrutura, falta de planejamento, pontos turísticos, amigos, problemas, estrutura que dificulta a locomoção da pessoa cega, violência, transporte público que precisa melhorar bastante.
Sentimentos	Incômodo, revolta, receio.
Metáfora	Eu compararia com uma família [...] tem seus pontos positivos e negativos, como toda família por mais estruturada que ela seja, apresenta algumas dificuldades.
Sentido	A cidade família manifesta sua destruição através de elementos que dificultam a locomoção da pessoa cega, tais como a falta de estrutura, falta de planejamento, transporte público insuficiente, violência, os quais ampliam os problemas, as dificuldades e os obstáculos gerando incômodo, revolta e receio, mas que como uma família também tem aspectos positivos.

Assim como o sujeito anterior, a imagem de destruição associada à falta de acessibilidade também aparece nos mapas 2, 7 e 26. A seguir são apresentados os sentidos elaborados a partir da avaliação de suas respostas:¹⁵

- a) a cidade trem em alta velocidade é aquela em que a destruição revela-se através da acessibilidade limitada, buracos na calçada e do descaso, os quais apesar dos pontos bonitos e de ser aconchegante, promovem sentimentos de revolta, horror, tristeza e desrespeito. (Mapa 02);
- b) a cidade casa antiga se deteriorando é aquela em que a destruição produz sentimentos muito ruins diante dos obstáculos e dificuldades, os quais tornam a acessibilidade zero. A destruição presente nessa cidade atinge principalmente os deficientes visuais, que ante ao trânsito imenso, à falta de estrutura, às placas no meio da rua e os buracos, não tem informação suficiente para usufruir com qualidade de uma cidade que também é muito bonita e proveitosa. (Mapa 07);
- c) a cidade caos é aquela em que a destruição manifesta-se através da falta de acessibilidade arquitetônica e do desrespeito aos direitos de todos, expressos através das barreiras e do preconceito. (Mapa 26)

A precariedade das políticas públicas foi destacada pelo respondente N° 09, que classificou a cidade como regular e em sua metáfora considerou Fortaleza como um lugar desorganizado, afirmando que ela parece estar abandonada e sem comando. O participante não identificou seus sentimentos e por isto tal coluna aparece em branco no quadro abaixo. Embora seu mapa não se remeta diretamente a elementos físicos urbanos, sua menção à necessidade de melhorias na saúde, educação, segurança e qualidade de vida, indicam sua insatisfação com sua cidade.

Chama a atenção o relato da experiência de participação na pesquisa como uma vivência agradável, capaz de suscitar reflexões. Sawaia (2009) afirma que a liberdade só é possível quando se é criativo, o que significa que a possibilidade de criar trouxe ao sujeito a oportunidade de expressar-se livremente, entrando em contato com seus pensamentos e emoções, ainda que estas últimas não tenham sido por ele nomeadas. O mapa afetivo deste participante e sua imagem tátil aparecem abaixo:

¹⁵ Os mapas na íntegra, bem como suas respectivas imagens estão em anexo.

Figura 18 – Imagem tátil do IGMA n°. 09



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Uma bolinha de papel amassada.

Identificação	Nº 09 Masculino 45 anos Médio incompleto Não trabalha Itatira Cegueira Adquirida
Estrutura	Metafórica
Significado	Tem grande importância para mim. Significou um momento de reflexão, o que diz respeito a um momento de terapia.
Qualidades	Melhorias na segurança, na saúde, na educação e na qualidade de vida, regular.
Sentimentos	(Sem resposta)
Metáfora	Uma cidade abandonada e sem comando, parecendo a casa de "mãe Chica".
Sentido	A cidade abandonada e sem comando é aquela em que a destruição expressa-se através da necessidade de melhorias na segurança, na saúde, na qualidade de vida e na educação.

Fortaleza sediou parte dos jogos da Copa de 2014, e durante o período que antecedeu a realização dos jogos ocorreram inúmeras alterações urbanísticas, as quais provocaram mudanças nas rotinas de mobilidade da capital cearense, gerando alguns

transtornos à população. O participante N° 13 aponta essas transformações no ambiente urbano, afirmando que embora elas tenham sido iniciadas com o intuito de dinamizar o trânsito, suas reais conseqüências foram o aumento dos buracos nas vias urbanas, produzindo uma imagem de destruição. Este sujeito não refere nenhum sentimento acerca da imagem por ele produzida, descrevendo em suas respostas as qualidades negativas, identificadas por ele, em Fortaleza. Neste mapa a destruição está associada principalmente ao trânsito lento e à confusão e superlotação dos transportes. A excessiva facilidade de consumo também é mencionada pelo respondente como um fator, que por aumentar a quantidade de veículos particulares em circulação, torna o trânsito mais conturbado. A imagem elaborada por este sujeito e seu mapa afetivo são apresentados a seguir:

Figura 19 – Imagem tátil do IGMA n°. 13



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Uma caixa de palito de fósforos com dois copos de café unidos pela parte mais larga sobre ela, no copo de cima massinha de modelar forma dois olhos, uma boca e dois braços. Ao lado dessa estrutura, vários canudos estão sobre a mesa e dois cilindros de massa de modelar estão em suas pontas, dois nas outras pontas e mais dois nas pontas de mais canudos que foram colocados na sequencia, como se fossem 6 torres que os ligam a canudos de plástico colocados na parte de cima dos cilindros de massinha equivalentes aos de baixo. Em frente a estrutura com copos de café estão vários pedaços de massinha de tamanhos e formas variados e ao lado dessa massinha estão palitos de churrasco formando duas ruas entre os quais estão vários carrinhos. No meio dos carrinhos encontra-se um boneco em pé e ao final dos carrinhos, um prendedor de roupa.

Identificação	Nº 13 Masculino 28 anos Fundamental incompleto Não trabalha Fortaleza Baixa visão Congênita
Estrutura	Metáforica
Significado	Primeira coisa que fiz foi o trânsito que está muito lento e o tatu bola que está fazendo muito buraco em Fortaleza para ver se vai melhorar 100% os transtornos da cidade.
Qualidades	Trânsito lento, buraco, facilidade de consumo, transporte muito apertado, confusão, violência, falta de atitude.
Sentimentos	(Sem resposta)
Metáfora	Uma cidade que mudou 100%.
Sentido	A cidade que mudou 100% está cheia de buracos, tem trânsito lento, transportes apertados, confusão e violência, sendo até mesmo a facilidade de consumo um fator a mais que contribui em sua imagem de destruição.

No mapa Nº 15 a destruição das áreas de lazer é o foco das respostas do sujeito, que enfatiza a destruição das mesmas pela própria população. Vale salientar que o participante caracteriza de modo negativo aqueles responsáveis pela depredação do patrimônio público, denominando-os de “vândalos”, demarcando as diferenças sociais existentes na cidade. Esta imagem reforça a ausência de estruturas de lazer satisfatórias em Fortaleza, a qual por sua vez é comparada com um lixão, o que enaltece cada vez mais sua degradação estrutural.

Figura 20 – Imagem tátil do IGMA nº. 15



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Uma estrutura disforme de massinha sobreposta a quatro bolinhas de massinha. Ao lado, cilindros de massinha em forma de retângulo sobre os quais estão canudos de plástico

entortados em forma de corrimão, dentro desse retângulo está uma estrutura de massinha sem formato definido. Atrás do retângulo uma grande bola de massinha está sobre pequenas bolas de massinha e ao seu lado uma estrutura como se fosse um banco feito de massinha.

Identificação	Nº 15 Masculino 27 anos Fundamental incompleto Massoterapeuta Fortaleza Cegueira Adquirida
Estrutura	Metáforica
Significado	Significa que os lazeres que temos estão aos poucos sendo destruídos pelos vândalos.
Qualidades	Lazer sendo destruído.
Sentimentos	Revolta.
Metáfora	Com um verdadeiro lixão.
Sentido	A cidade lixão é aquela em que a destruição é observada através da falta de segurança e da destruição dos locais de lazer o que gera revolta e o pedido de mudança, tranquilidade e paz.

No mapa 29 verifica-se que como nos demais, nos quais prevalece à imagem de destruição, há a ênfase na falta de acessibilidade, na presença de lixo nas ruas e na dificuldade de transitar pelas vias urbanas. Sua metáfora, contudo aponta para a possibilidade de transformações futuras, nas quais tais condições adversas possam ser revertidas. Embora a esperança não apareça como sentimento neste mapa, ela pode estar presente através desta expectativa.

Figura 21 – Imagem tátil do IGMA nº. 29



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Vários materiais colocados sobre a mesa nesta ordem: pacote de algodão, pacote de palha de aço, pacote de barbante, pacote de guardanapos, saco de massinha de modelar, caixa

de massinha de modelar, caixinha vermelha sobre a qual está um boneco, pacote de palitos de madeira e pacote de copos.

Identificação	Nº 29 Masculino 58 anos Superior completo Assistente Administrativo Fortaleza Cegueira Congênita
Estrutura	Metafórica
Significado	A minha representação, ela consiste em mostrar o descaso do poder público municipal no caso de fortaleza em relação ao direito de ir e vir. Onde não se observa a questão dos padrões da acessibilidade, os padrões da própria limpeza da cidade que eu quis colocar ali. O que o lixo traz em consequência a saúde, que a acessibilidade inibe que as pessoas com deficiência e as pessoas de um modo geral e as idosas possam andar livremente na cidade. Isso repercute negativamente na imagem da cidade, inclusive quanto ao turismo.
Qualidades	Falta de acessibilidade, lixo na cidade, turismo, direito de ir e vir, descaso dos governantes, prioridades. Reformas, construções, adversidades.
Sentimentos	Preocupação, não aceitação, responsabilidade individual, respeito, atitude.
Metáfora	Um projeto em fase de execução, porque ele já começou e está em andamento, está acontecendo e que vai precisar de um longo tempo, um tempo indeterminado para que ele seja concluído.
Sentido	A cidade projeto em fase de execução revela sua destruição por meio da falta de acessibilidade e de limpeza, que demonstram o descaso dos governantes, os quais adotam outras prioridades quanto à escolha de reformas. Assim o direito de ir e vir, principalmente de pessoas com deficiência e idosos é restringido, gerando preocupação e não aceitação, fomentando a necessidade de responsabilidade individual e atitude.

5.2.4 Imagem de agradabilidade

A imagem de agradabilidade apareceu em 4 mapas afetivos. As metáforas construídas pelos participantes aparecem no quadro abaixo:

Quadro 8 – Imagens de agradabilidade de Fortaleza segundo os participantes

Cidade páginas web	Cidade sol
Cidade corpo humano	

Fonte: Elaborado pela autora

Os sentimentos e qualidades expressos pelos respondentes nesta categoria estão dispostos no quadro a seguir:

Quadro 9 – Imagem de agradabilidade

Qualidades	Sentimentos
Lazer, beleza, boas lembranças, turismo, sol, poluição, cidade muito boa de se viver, belas praias, belezas naturais, grande metrópole, facilidade, criatividade, pontos positivos e negativos, devia ser um pouco mais acessível.	Carinho, felicidade, paciência, orgulho, zelo, cuidado, respeito, amor, ternura, paixão, alegria, relaxamento, tristeza.

Fonte: Elaborado pela autora

A imagem de agradabilidade está ligada aos aspectos positivos da cidade, sejam suas paisagens naturais, patrimônios históricos e culturais, ou às oportunidades por ela oferecidas tanto de lazer, quanto de trabalho, de educação ou outras. Nesta amostra observou-se uma baixa incidência desta imagem, a qual revelou ainda alguns traços de contraste. Mesmo entre aquelas pessoas que destacaram aspectos favoráveis de Fortaleza foi possível perceber elementos que demonstram sua insatisfação, sem, que isto pareça ser a essência da vinculação dos mesmos com o ambiente urbano.

Essa polaridade é percebida no mapa N° 05, no qual o homem de 29 anos afirma sentir orgulho de Fortaleza, devido às suas belezas naturais e atividades tradicionais de pesca, mas ao compará-la com algo, destaca sua falta de acessibilidade em alguns pontos. Esta resposta pode estar ligada a uma visão estereotipada de Fortaleza como cidade turística, que reverbera sobre seus moradores de modo potencializador, à medida que o orgulho de viver em uma cidade atraente eleva também a auto-estima dos habitantes. A satisfação de morar em uma cidade turística torna-se, para este sujeito, superior às suas dificuldades cotidianas. Este resultado assemelha-se àqueles apontados por Sawaia (1995) a partir de uma pesquisa sobre apropriação simbólica da cidade de São Paulo, realizada em 1989, na qual os moradores indicaram gostar da cidade porque ela tem tudo e é bonita, ainda que os mesmos não possam usufruir dela. A autora afirma que o morador excluído é incluído através da “participação imaginária” ou “cidadania sublimação”, sendo neste caso o ser excluído pela falta de acessibilidade encoberto pelo fato de ser morador de uma cidade com muitas belezas naturais.

A síntese e a imagem tátil do mapa N° 05 aparecem a seguir:

Figura 22 – Imagem tátil do IGMA nº. 05



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Jangada feita de massinha de modelar marrom.

Identificação	Nº 05 Masculino 29 anos Superior completo Professor de informática e revisor braile Fortaleza Cegueira Congênita
Estrutura	Metafórica
Significado	A cidade de fortaleza é conhecida nacionalmente e internacionalmente por suas belas praias e pela figura dos pescadores os quais faziam da pesca sua forma de prover sustento financeiro e alimentar.
Qualidades	Belas praias, pesca, belezas naturais, fonte de renda e alimento, família, sol, trabalho, grande metrópole, atividades tradicionais.
Sentimentos	Orgulho.
Metáfora	Páginas web. Algumas páginas web são acessíveis, outras não.
Sentido	A cidade páginas web é aquela em que a agradabilidade gerada por suas belas praias e pela existência de famílias que sobrevivem a partir de atividades tradicionais como a pesca é acompanhada pelo orgulho.

Assim como o participante anterior o sujeito nº. 34 retrata características positivas ligadas ao lazer e às belezas de Fortaleza. Embora também identifique a poluição presente na cidade, as qualidades positivas sobressaem-se gerando agradabilidade. A imagem gerada e seu mapa afetivo encontram-se abaixo.

Figura 23 – Imagem tátil do IGMA nº. 34



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Sobre uma folha de papel verde, vários pedaços compridos de algodão e no centro da folha dois pedacinhos de massa de modelar azul.

Identificação	Nº 34 Feminino 23 anos Médio completo Não trabalha Ibiapina Cegueira Congênita
Estrutura	Metafórica
Significado	Eu acho que representa o lazer que a gente pode ter aqui. Também uma das belezas da cidade, um dos pontos mais importantes que ela tem.
Qualidades	Lazer, beleza, boas lembranças, turismo, sol, poluição.
Sentimentos	Alegria, relaxamento, tristeza.
Metáfora	O sol, porque é quente e é um símbolo da cidade nas camisetas que são vendidas aqui e em outros itens.
Sentido	A cidade sol é aquela em que o lazer, a beleza e as boas lembranças, assim como sentimentos de alegria e relaxamento geram agradabilidade.

Apesar de recorrente, a polaridade entre sentimentos potencializadores e despotencializadores, não aparece no mapa Nº 16, sendo este o único em que não se observa tal divergência. O sujeito refere-se à cidade de modo genérico, considerando-a boa para viver. Não são identificados pontos turísticos, espaços naturais ou quaisquer outras características que expliquem seus sentimentos por Fortaleza. Sua afirmação de que a cidade precisa ser cuidada sugere que para o sujeito 16 as características da cidade dependem de sua atitude,

revelando que o mesmo percebe-se causa ativa de si mesmo, capaz de interferir nos outros modos. Desta forma, a imagem de agradabilidade deste participante indica uma implicação positiva com a cidade.

Figura 24 – Imagem tátil do IGMA nº. 16



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Uma mão segurando um boneco.

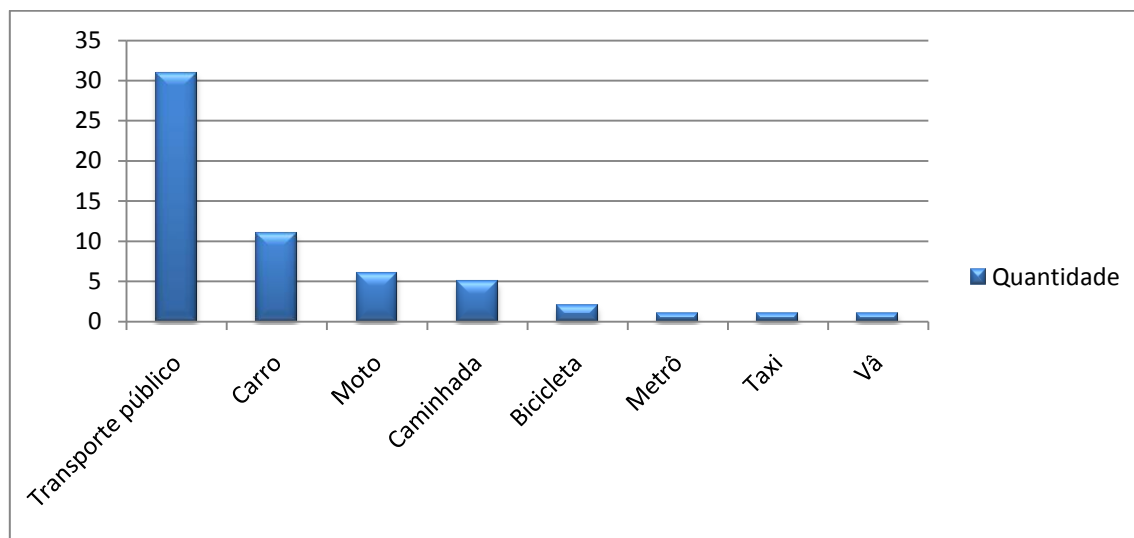
Identificação	Nº 16 Masculino 46 anos Médio completo Massoterapeuta Rio de Janeiro Cegueira Adquirida
Estrutura	Metafórica
Significado	A cidade deveria ser cuidada como o corpo humano, pois quando ele está funcionando bem está tudo bem, quando não tudo começa a dar defeito ou parar.
Qualidades	Cidade Muito boa de se viver.
Sentimentos	Zelo, cuidado, respeito, amor, paixão, ternura.
Metáfora	(Sem resposta)
Sentido	A cidade corpo humano é aquela em que a agradabilidade de morar em uma cidade boa de viver gera sentimentos de zelo, cuidado, amor, paixão e ternura.

5.3 Mobilidade dos participantes

Quando questionados acerca de seu(s) principal(is) meio(s) de locomoção na cidade, os participantes indicaram o transporte público em sua quase totalidade, 83,78% afirmaram fazer uso do mesmo em sua mobilidade urbana. O carro particular apareceu em segundo lugar na frequência de uso pelos indivíduos, com frequência de 29,73%. Abaixo é

possível identificar os meios de transporte indicados pelos participantes em ordem decrescente de frequência de uso.

Gráfico 10 - Principais meios de transporte dos participantes



Fonte: Elaborado pela autora

Vale salientar que dentre as pessoas que apontaram o carro como um dos principais meios de transporte, mais da metade (6 entre as 11) também fazem uso do transporte coletivo, sendo o carro apontado como única forma de locomoção por quatro dos respondentes, aparecendo ao lado da moto em uma das respostas. O taxi foi indicado ao lado de outros meios de transporte em apenas uma resposta. A caminhada foi indicada como principal meio de transporte por um respondente, sem o complemento de outros veículos (mapa 6), contudo na questão em que havia a solicitação para descrever dois caminhos percorridos em sua rotina, um dos trajetos incluía a utilização de transporte coletivo, complementado por trechos de caminhada. Em sua descrição de um percurso feito integralmente caminhando este sujeito forneceu riqueza de detalhes quanto a nomes de ruas e movimentos a serem realizados a fim de atingir seu destino final, como pode ser observado a seguir: “Percurso casa para igreja: Parto em direção a Rua Duas Nações e ando por volta de meio quarteirão e entro à esquerda [...]. Ando seis quarteirões até chegar na Rua Oliveira Sobrinho e entro à esquerda, ando mais meio quarteirão e chego ao meu destino final.” (mapa 06).

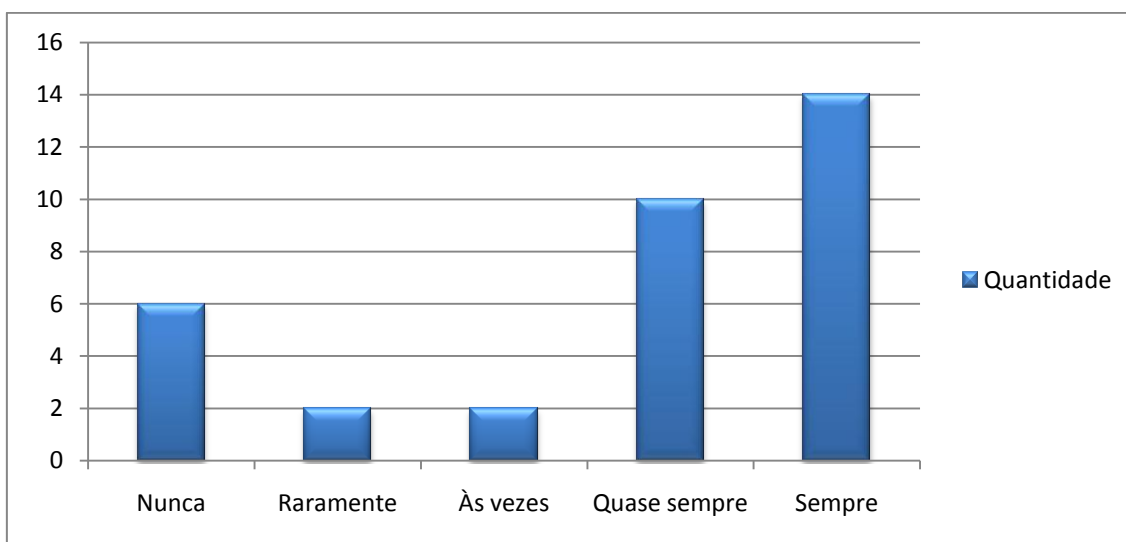
O sujeito 21, que também apontou apenas o carro como meio de locomoção na cidade, ao falar sobre seus caminhos percorridos, descreveu um trajeto realizado de modo autônomo utilizando o transporte coletivo e a caminhada. Esta realidade pode estar ligada à

insegurança que o sujeito revelou através de seu mapa afetivo, que estimula sua atitude de deslocar-se acompanhada, fazendo uso de veículo particular.

O sujeito 31 também citou apenas o carro como meio de transporte, contudo nos caminhos percorridos, descreveu um trajeto realizado de ônibus, que ratifica sua afirmação de deslocar-se sozinha “às vezes”.

Quanto à frequência com a qual os participantes deslocam-se sozinhos na cidade, temos a seguinte distribuição da amostra, conforme apresentada no gráfico abaixo:

Gráfico 11 - Frequência com a qual os participantes deslocam-se sozinhos



Fonte: Elaborado pela autora

A maior parte dos sujeitos (64,86%) afirmaram sempre ou quase sempre deslocarem-se sozinhos, enquanto apenas 16,22% nunca saem desacompanhados. Entre as oito pessoas que nunca ou raramente tem mobilidade independente em ambientes externos, observa-se que seis não realizaram treinamento em orientação e mobilidade e esta carência pode estar diretamente ligada a tal limitação, já que aqueles que realizaram esta etapa da reabilitação têm maior grau de independência em seus deslocamentos.

Também foi indagado aos participantes da terceira etapa da pesquisa, na qual foi aplicado o instrumento finalizado, se os participantes deslocavam-se sozinhos e como se sentiam a este respeito. Apenas 15 pessoas responderam esta questão, havendo somente duas respostas negativas. Uma das respondentes (sujeito 27) indicou sentir-se limitada por isso, ou em suas palavras “amarrada”, enquanto a participante 37 afirmou que se sente bem, pois um dia irá aprender a andar sozinha. A expectativa de adquirir a habilidade de deslocar-se com autonomia é mais potencializadora do que a idéia da impossibilidade de realizar tal atividade,

que impõe uma condição cristalizada ao sujeito, o qual graças a sua forma de perceber as circunstâncias e lidar com elas torna-se realmente deficiente.

Quanto às 13 pessoas que afirmaram andar sozinhas pela cidade, somente o sujeito 30 declarou fazê-lo sem nenhum receio, chateação, medo ou insegurança, enfatizando a liberdade que experimenta ao transitar desacompanhado pelas ruas de Fortaleza. As demais respostas mencionam os sentimentos elencados na tabela abaixo:

Quadro 10 - Sentimentos dos participantes ao transitarem sozinhos em Fortaleza

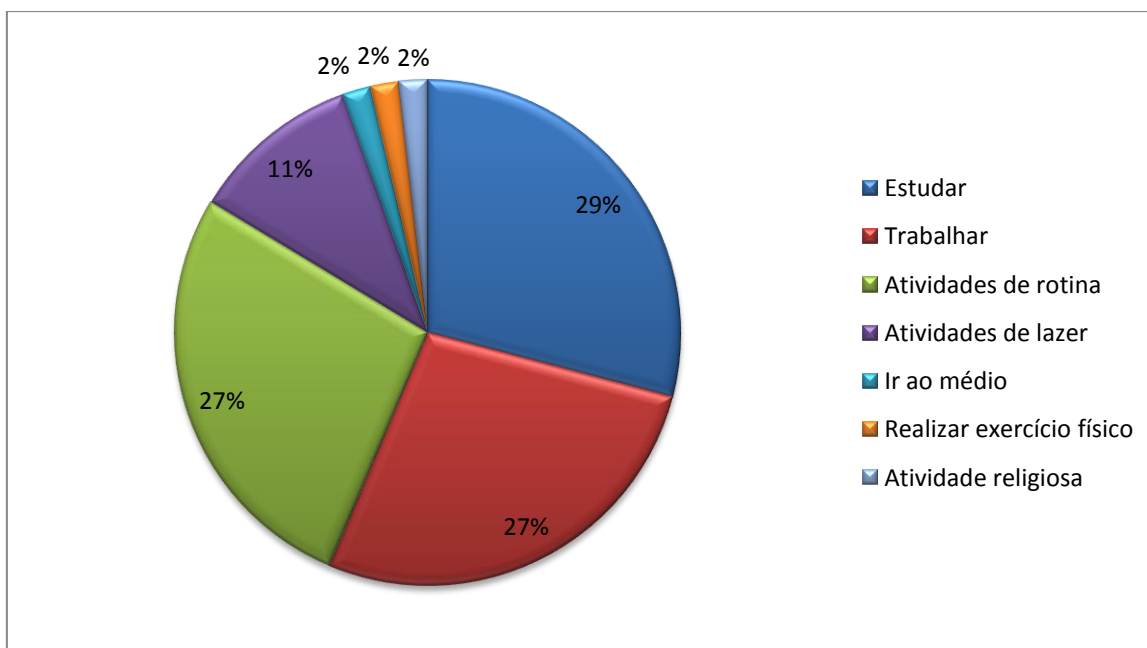
Despotencializadores	Potencializadores
Insegurança por causa da violência, insegurança por causa do desconhecimento em ambientes novos, solidão, chateação, desgosto, sensação de direito privado, apreensão, medo de ficar perdido, despreparo, sensação de andar numa cidade despreparada para deficientes e com pessoas que não sabem ajudar ou não querem, desconfiança, estranheza, medo.	Liberdade, aprendizagem constante, felicidade, independência.

Fonte: Elaborado pela autora

A partir da tabela pode-se perceber o quanto a mobilidade das pessoas com deficiência visual produz sentimentos despotencializadores que os afetam de modo a reduzir seu *conatus* (ESPINOSA, 1998), constituindo verdadeiro obstáculo ao desenvolvimento de suas capacidades.

Esta informação pode ser corroborada pelas observações feitas a partir das respostas fornecidas acerca dos caminhos percorridos com frequência pelos sujeitos. Ao contabilizar os destinos por eles apontados em suas descrições, temos o gráfico abaixo, que indica a frequência com que foi mencionada cada atividade:

Gráfico 12 – Finalidade do deslocamento



Fonte: Elaborado pela autora¹⁶

Além destes caminhos, foram registrados 05 percursos classificados como internos, pois partiam de um ponto para outro dentro de uma mesma edificação ou instituição mais ampla, os quais foram referidos por pessoas que afirmaram não se deslocarem sozinhas no perímetro urbano.

A leitura do gráfico acima mostra que a maioria dos deslocamentos mencionados pelos integrantes da amostra conduz a realização de tarefas essenciais, como estudar e trabalhar, além da terceira categoria formada por exercícios como voltar para casa ou pagar contas. Tais dados sugerem que a dificuldade para transpor as barreiras arquitetônicas e atitudinais impostas pela cidade restringe a variabilidade de ambientes frequentados pelas pessoas com deficiência visual, que, portanto, preferem ir a lugares conhecidos, onde se sentem mais seguros devido ao domínio sobre o espaço, previamente adquirido através da apropriação, como afirma a participante 36 sobre sua mobilidade em Fortaleza: “Às vezes me sinto insegura e com medo e às vezes bem segura. Quando eu saio pra um lugar que eu já conheço eu saio muito segura, mas quando são lugares que não conheço tenho uma certa insegurança pois nem sempre há pessoas para ajudar.”.

¹⁶ Atividades de rotina aqui equivalem a atividades como voltar para casa, ir a estabelecimentos comerciais e pagar contas.

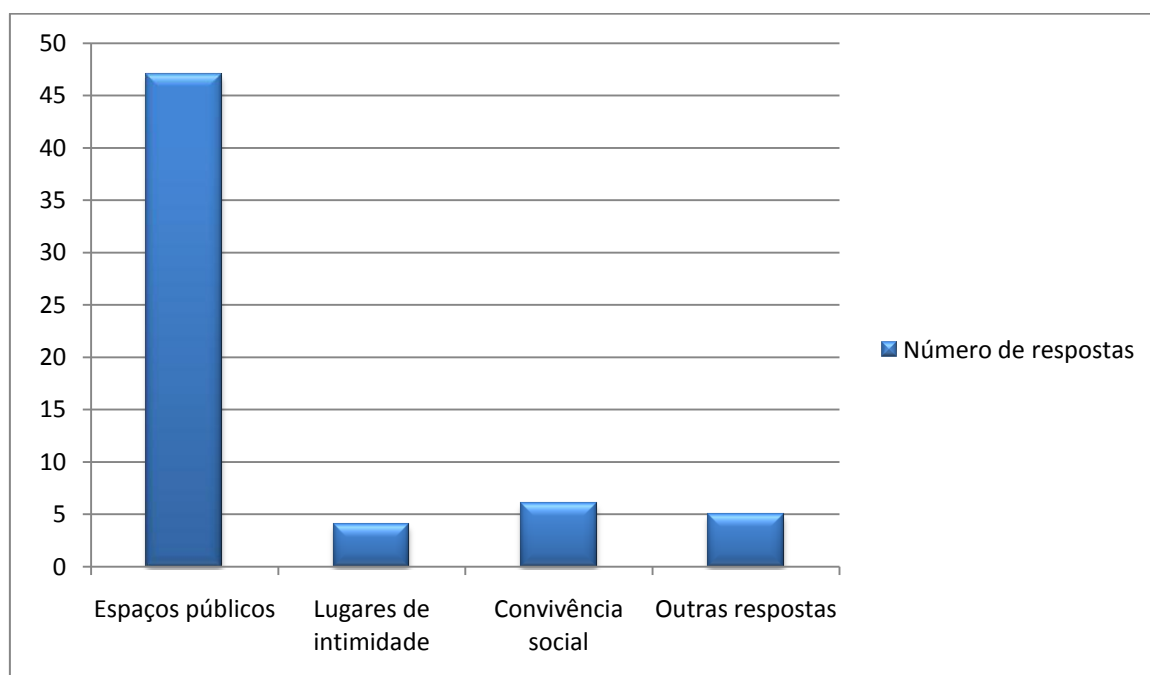
5.4 Como os cegos apropriam-se da cidade

Uma das questões do instrumento aplicado indagou o que os participantes mais gostavam em sua cidade, obtendo respostas que poderiam ser agrupadas em 3 categorias:

- a) Espaços públicos – inclui pontos turísticos e culturais da cidade, bem como áreas verdes e de comércio, que como diria Moser (2001) fazem parte do 3º nível de proximidade ambiental, a saber, a cidade. Os locais mais citados foram as praias e os shoppings, sendo seguidos por churrascarias e restaurantes. A Ponte Metálica, o Centro cultural Dragão do Mar e a Av. Beira Mar também foram mencionadas como elementos que aumentam a atratividade de Fortaleza para os respondentes;
- b) Lugares de intimidade- refere-se a lugares de convivência cotidiana dos participantes, tais como a escola onde a pessoa estuda ou locais que ela vai com frequência, com as quais tem maior aproximação, o qual poderia ser classificado como 2º nível espacial (MOSER, 2001), equivalendo à vizinhança;
- c) Convivência social: esta categoria foi formada por respostas que enfatizam a convivência com amigos, familiares ou que destacam a sociabilidade, o humor, a receptividade e humildade da população de Fortaleza.

O gráfico abaixo apresenta a incidência de tais categorias:

Gráfico 13 – Preferências dos respondentes em relação à cidade



Fonte: Elaborado pela autora

Apesar de nenhum desses locais terem sido mencionados como destino na pergunta sobre os caminhos percorridos, tais respostas demonstram que os participantes conhecem os espaços públicos de Fortaleza. Entre as respostas da primeira categoria, as praias receberam 34,04% das respostas sobre o que os sujeitos mais gostam na capital cearense, confirmando a imagem normalmente publicizada da cidade pelos meios de comunicação.

Além de conhecer os elementos mais atrativos da cidade a partir da perspectiva das pessoas com deficiência visual, objetivou-se neste estudo investigar a forma como as mesmas se deslocam e apropriam-se do ambiente urbano. Assim a partir da pergunta sobre como os participantes identificam os lugares, observou-se que suas referências baseiam-se:

- a) Referências auditivas – os sons são utilizados como indicação da chegada ou da passagem por algum lugar;
- b) Referências olfativas – são os odores, que uma vez gravados na memória dos respondentes, indicam estabelecimentos e localizações;
- c) Referências táteis – são aquelas percebidas através das mãos, dos pés, ou de uma parte do corpo, sem que envolva a totalidade do organismo.
- d) Referências visuais – diferente do que se costuma pensar nem todas as pessoas com deficiência visual vêem tudo escuro, exceto aqueles que tiveram os olhos extirpados, muitos tem alguma percepção de luz e esta pode ser utilizada como referência em sua mobilidade.
- e) Referências sinestésicas- os estímulos atingem todo o corpo ao mesmo tempo e são interpretados pelo organismo de modo integral.
- f) Referências temporais – a duração do percurso também pode servir de referência para supor a proximidade do ponto de chegada ou ainda para fornecer informações adicionais.

Quadro 11 – Principais referências utilizadas pelas pessoas com deficiência visual para se deslocarem na cidade

Referências auditivas	Em meu caminho para a escola, percebo algumas peculiaridades:[...] o som do sinal sonoro ao me aproximar do North Shopping. (mapa 01)
	[...] mais à frente tem o Colégio Militar, após a UFC com o sinal sonoro. Próxima parada é o North Shopping, também com o Sinal Sonoro para poder atravessar para o shopping, e em frente ao Instituto dos Cegos, também com sinal sonoro de pedestres. E mais à frente a praça do Otávio Bonfim, passando pelo Açaí, entramos à esquerda, descemos no sinal sonoro do mercado São Sebastião à direita e à esquerda também com sinal sonoro para atravessar para a escola. [mapa 12];
Referências olfativas	[...] percebo um cheiro de castanha ao me aproximar do terminal do Antônio Bezerra[...] (mapa 01)
	[...] passo pelo North Shopping que logo se sabe que chegou lá quando se sente um determinado aroma. (mapa 02)
	[...]aí quando chega no mercado tem o mau cheiro. (mapa 17)
Referências táteis	No terminal do Siqueira tem um piso podotátil, é o único terminal que tem o piso podotátil, detalhe, quase apagando (mapa 16)
	Para chegar até lá, utilizo algumas grades como referência, batendo minha bengala até passar por 2 portões de ferro. (mapa 20)
Referências visuais	Eu me guio pelas luzes, porque eu ainda tenho percepção de luz, se eu não tivesse eu tava perdido, tinha que perguntar ao povo. (mapa 26)
	[...] e também eu tenho percepção de umas árvores. (mapa 36)
Referências sinestésicas	Pra chegar até a minha casa de ônibus eu sei que quando ele passa por uma única rua de quebra-mola e depois ele dobra a direita, ele está numa avenida. Depois que ele dobra a esquerda eu sei que daqui a 4 paradas eu vou descer. (mapa 03)
	[...] para vir para a ACEC ¹⁷ , identifico pelas curvas, sinais e alguns buracos, porque a topique balança demais. (mapa 10)
Referências temporais	[...] o descaso quanto à pavimentação e a poluição em todos os níveis é percebida, bem como o aumento dos minutos gastos de um lugar ao outro. Pois a quantidade de carros por pessoa é sufocante e caótico. (mapa 04)

¹⁷ Associação de cegos do estado do Ceará.

Assim a concepção de que os cegos percebem apenas fragmentos do mundo pode ser questionada, pois seus relatos demonstram uma riqueza perceptual que ultrapassa uma compreensão reduzida do ambiente. A atenção redirecionada para os outros sentidos fornece ao cérebro informações acerca do entorno que permitem a formação de imagens, ainda que estas não sejam imagens visuais (KASTRUP, 2008).

Entre os relatos de caminhos transcorridos é possível identificar o conhecimento de ruas e estabelecimentos comerciais que também servem de referência, como se observa no discurso dos participantes: “Da minha casa, que fica próximo a assembléia legislativa do Ceará, até o trabalho, CREAECÉ¹⁸, próximo ao centro de Humanidades da UECE. Para isso, pego o ônibus na Avenida Pontes Vieira, desço na avenida 13 de maio e caminho alguns quarteirões.” (mapa 05). “De casa para o trabalho: terminal da parangaba - Av. Barão de Studart até a Santos Dumont nesse caminho tem sempre uns cones, motos, carros e de vez em quando umas plantas. Quando chove eu tenho que andar bem mais porque o cruzamento da José Lourenço com Santos Dumont vira uma piscina.” (mapa 02)

Além de reconhecer as avenidas, cruzamentos e equipamentos urbanos presentes em seus trajetos, os cegos destacam a presença de elementos que normalmente não são percebidos pelos videntes, seja pelo tamanho reduzido, que embora não funcionem como obstáculos para aqueles que conseguem identificá-los à distância, podem oferecer risco à mobilidade de pessoas com deficiência visual, ou seja, também devido à atenção dos videntes estar dispersa ou focada em outros componentes da paisagem urbana. O caminhar para a pessoa com deficiência visual, segundo Kastrup (2008) não é uma tarefa automática, mas exige muito de sua atenção. Esta forma diferenciada de observar o ambiente pode ser exemplificada através dos trechos abaixo: “[...]na rua do local onde eu trabalho tem muitos entulhos, muitas coisas que faz com que a gente às vezes tropece, corra o risco de cair. [...] E o meu percurso do meu trabalho pra minha faculdade não é essas coisas também, porque tem árvore, tem folhas no chão, ou seja, um lixo tomando conta da cidade, não talvez, não por causa da falta de limpeza da prefeitura, mas sim das pessoas que não cuidam da cidade onde mora, causando assim o entulho e a falta de acessibilidade. Na minha faculdade infelizmente bem na entrada tem um poste , colocaram também uma placa que a qualquer momento você pode bater a cabeça, bater o braço e acabar se machucando [...]” (mapa 07) “Quando passo pelo túnel do Mondubim, você sente o impacto do declive e do aclave. Segundo ponto: Chegando à avenida Costa e Silva, você tem quase o mesmo do declive e do aclave mais

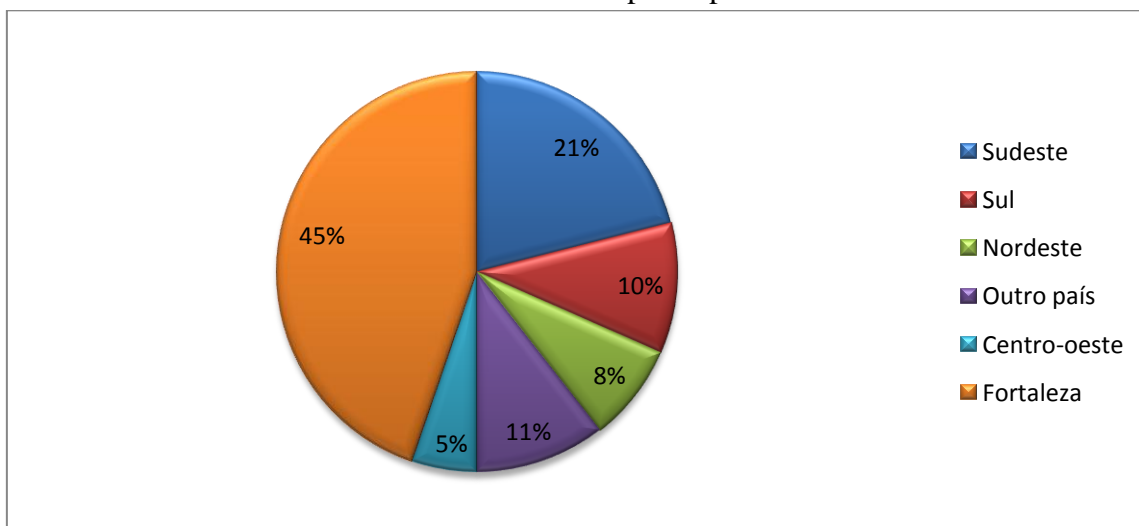
¹⁸ Centro de Referência em Educação e Atendimento Especializado do Ceará.

prolongado, e depois quando o ônibus se estabiliza, eu sei que há uns 600 metros, 800 metros por aí, já estou próximo do ponto de desembarque.” (mapa 16).

Estas descrições da cidade feitas pelos participantes demonstram que os mesmos fazem uso da cidade em sua totalidade. A partir de suas percepções e de acordo com suas necessidades, levando-se em consideração também aquilo que a metrópole oferece a este segmento populacional, ocorre a apropriação dos espaços públicos por parte destes. Assim não se pode considerar inferior ou invalidar os sentimentos e emoções expressos pelas pessoas com deficiência visual em relação à Fortaleza, uma vez que tal vinculação é fruto de relações cotidianas estabelecidas através do movimento e enfrentamento diário de barreiras à mobilidade, mas também do desfrute dos pontos positivos que a cidade oferece a seus moradores.

Essa ambiguidade de sentimentos, em relação a aspectos positivos e negativos, bem como ao desejo de permanecer em Fortaleza ou mudar de cidade, também se mostrou por meio das respostas à questão: “Você gostaria de morar em outra cidade? Qual? Por que?”. Metade dos participantes que responderam a esta questão referiram que não gostariam de abandonar Fortaleza, apontando preferirem que Fortaleza melhore suas condições de acessibilidade e que esta falta de infra-estrutura não é tão crítica, pois existem lugares piores. Houve ainda quem indicasse motivos afetivos para ficar na cidade, mencionando que não gostaria de afastar-se da família. Entre aqueles que afirmaram que gostariam de morar em outra cidade, foram indicados vários destinos, sendo Rio de Janeiro, Curitiba, Brasília e Belo Horizonte, os mais recorrentes. O gráfico abaixo apresenta a incidência de respostas a esta questão, agrupando as cidades por região:

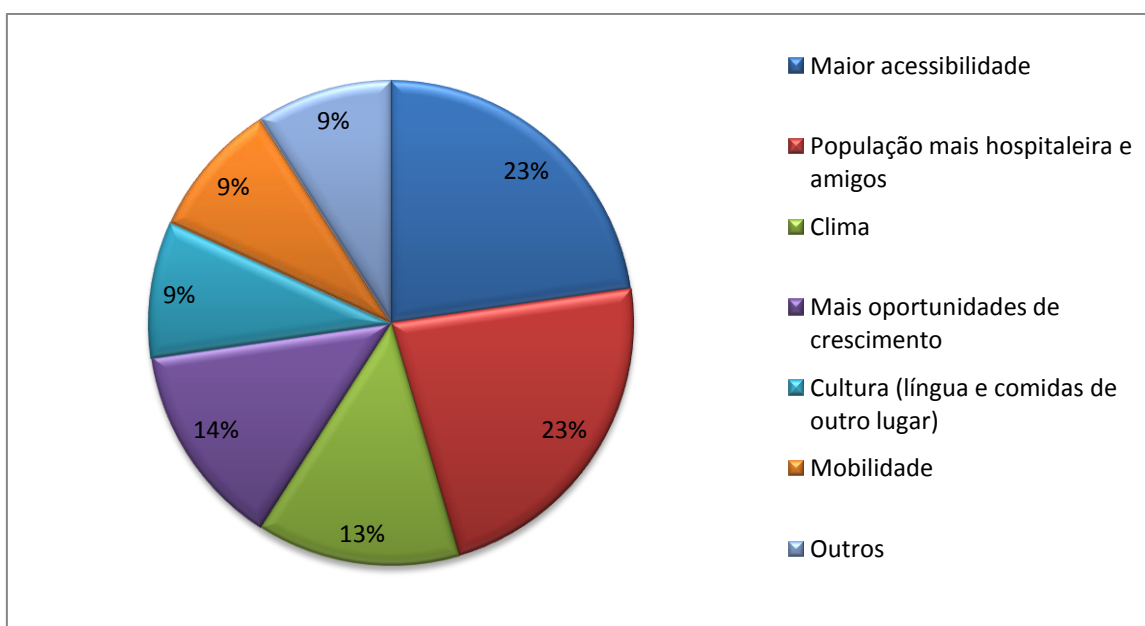
Gráfico 14 – Locais de interesse de moradia dos participantes



Fonte: Elaborado pela autora

Os motivos apontados para justificar o desejo de morar em outra cidade foram bastante variados. A busca de um lugar com melhores condições de acessibilidade arquitetônica, ao lado da existência de uma população mais hospitaleira e de amigos que moram em outros lugares, foram os motivos mais apontados como impulsionadores de mudanças. O gosto por um clima mais frio e a oferta de mais oportunidades de crescimento também apresentaram frequência considerável, como pode ser observado abaixo:

Gráfico 15 – Motivação dos participantes para morar em outra cidade



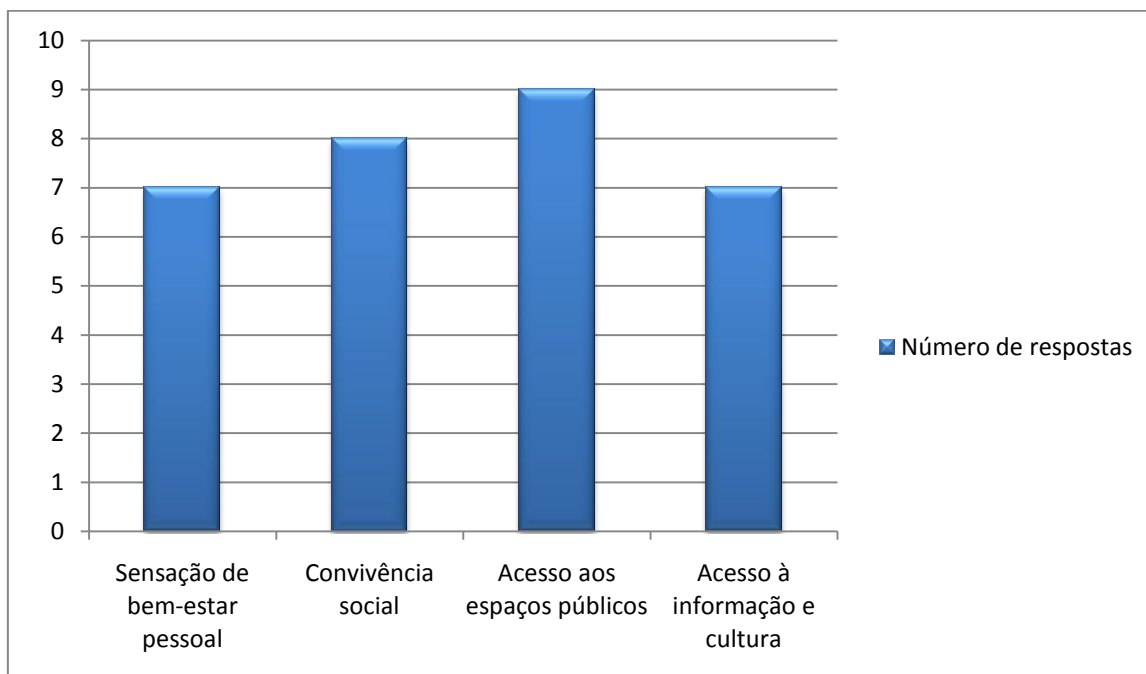
Fonte: Elaborado pela autora

Relacionando os dados anteriores pode-se inferir que para o público pesquisado nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, bem como fora do país é possível encontrar uma estrutura física e humana mais propícia ao desenvolvimento das potencialidades das pessoas com deficiência. Não apenas as qualidades arquitetônicas das cidades foram ressaltadas, mas também se destacou a receptividade de seus moradores, indicando a relevância de ambas as condições para que as cidades possam gerar afetos potencializadores em seus habitantes com deficiência.

A convivência social e a possibilidade de desfrutar dos espaços públicos da cidade também foram mencionados como condições geradoras de afetos potencializadores nas respostas à questão sobre o que produzia alegria nos participantes. Ressalta-se que, conforme explicado no capítulo anterior, apenas 15 pessoas responderam a este item. As respostas

foram agrupadas em quatro categorias, e a incidência de respostas em cada uma aparece no gráfico abaixo:

Gráfico 16 – Fatores que aumentam a potência de ação dos sujeitos



Fonte: Elaborado pela autora

A quantidade de respostas em cada categoria foi bastante semelhante. Na categoria Sensação de bem-estar pessoal foram apresentadas respostas como estar bem consigo mesmo, estar com saúde, estar em paz, independência e outras que focam sobre condições individuais do sujeito.

Na categoria acesso à informação e cultura foram mencionadas respostas como: ler, ouvir rádio, assistir a um bom filme, que demonstram a satisfação em participar da vida cultural e manter-se a par das situações e produções artísticas ao seu redor.

A convivência social apareceu em respostas como: estar bem com as pessoas que eu gosto, conversar, ficar com meus amigos, dentre outras de teor similar. A categoria Acesso aos espaços públicos reuniu respostas que destacaram que ir a um show, ao cinema, a um restaurante e encontrar acessibilidade em alguns lugares da cidade é o que gera felicidade em alguns participantes.

Em sentido oposto, ao se questionar os participantes sobre o que reduz sua potência de ação, ou seja, o que lhes faz tristes, os mesmos forneceram respostas que foram organizadas em cinco categorias, conforme indica o gráfico abaixo:

Gráfico 17 – Fatores que reduzem a potência de ação dos respondentes



Fonte: Elaborado pela autora

Diferentemente das respostas anteriores nas quais barreiras atitudinais, impostas pelas pessoas, aparecem em equivalência às barreiras arquitetônicas como agentes que dificultam o acesso à cidade, neste item os problemas estruturais da cidade, como trânsito caótico e falta de acessibilidade receberam o menor índice de respostas.

Por outro lado o preconceito e a falta de solidariedade, ambos relacionados às atitudes daqueles que convivem com as pessoas com deficiência no ambiente urbano, foram enfatizados como despotencializadores de sua ação na cidade. Alguns sujeitos também apontaram sua própria dependência e medo, bem como não conseguir ir sozinho a todos os lugares que deseja como fatores que geram tristeza, estando estes relacionados a sensação de limitação pessoal dos respondentes.

As desigualdades sociais foram ressaltadas como elemento gerador de sofrimento pelos participantes, o que demonstra uma consciência coletiva e um sofrimento público, não baseado nas próprias condições de vida, mas naquilo que é observado na coletividade. A partir das próprias vivências urbanas e das observações realizadas ao longo das mesmas, os participantes mostraram através de suas respostas ao IGMA como são afetados e afetam seu entorno. Infelizmente a cidade e sua não acessibilidade arquitetônica, atitudinal e social não se mostrou potencializadora das ações dos sujeitos que, todavia, permanecem com vontade de

apropriar-se dela e torná-la mais sua, como imaginam que ela é para algumas outras pessoas. Burilar os sentimentos das pessoas com deficiência visual demonstrou sua riqueza perceptual e afetiva, cheia de nuances e contrastes, servindo como base para outras reflexões e aprofundamentos, não atingidos por este estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da legitimidade do uso do tato, da audição, do olfato e da cinestesia, como sentidos de percepção espacial, as pessoas com deficiência visual inserem-se na vida urbana, deslocando-se e apropriando-se dos ambientes, que embora sem estrutura adequada, são palco de interações e vivências. Estas interações são permeadas por sentidos e afetos que podem ser potencializadores de ação e transformação ou despotencializadores. Portanto, as vivências na cidade podem ser geradoras de "deficiências" e "eficiências", de acordo com as características objetivas de acessibilidade do ambiente e os sentimentos e emoções gerados, bem como pelas interações sociais nela experimentadas.

Propor tais reflexões tira do indivíduo com deficiência a responsabilidade exclusiva por sua condição na cidade, uma vez que tal grupo é incluído precariamente na vida social urbana (SAWAIA, 1999). Ao sugerir a mudança de foco quanto à deficiência visual, ressalta-se a relevância da apropriação do espaço da cidade por todos e incita-se a participação de pessoas com deficiência visual nos processos urbanos, através da legitimidade de sua condição. O acesso à cidade e o direito de deslocar-se no ambiente com autonomia e segurança é o disparador da participação social, o que justifica o grito por cidades acessíveis.

Neste trabalho objetivou-se ampliar a visibilidade deste grupo de sujeitos, despertando o interesse pelo tema e inserindo a Psicologia social e ambiental como conhecimento enriquecedor nesta luta.

A Psicologia ambiental ao dedicar-se ao estudo das relações recíprocas entre a pessoa e seu entorno social e físico, natural ou construído, pode avaliar e intervir a partir da compreensão dos processos de subjetivação e objetivação presentes nessa relação, de modo a contribuir com a construção de condições mais favoráveis à apropriação e identificação dos moradores com sua cidade, o que tanto pode elevar a qualidade de vida das pessoas como, por exemplo, seu sentimento de pertencimento e cuidado com o ambiente.

Apesar da falta de condições de acessibilidade adequadas representarem obstáculos à mobilidade de pessoas com deficiência visual no ambiente urbano, há uma resistência silenciosa deste grupo observada em cada indivíduo que desafia tais barreiras e por intermédio do uso de sua bengala, ou de seu cão-guia ousa usufruir do espaço urbano, agregando a ele suas impressões e vivências. O objetivo deste trabalho foi enfatizar essas formas possíveis de compreensão espacial, não como alternativa a um modo instituído como único (através da visão), mas como significativo e peculiar tão válido como o outro. Faz-se necessário que a cidade torne-se um ambiente para todos, possibilitando condições de acesso

seguro e transitável a seus habitantes, a fim de consolidar-se como espaço de inclusão por meio das possibilidades de encontro por ela gerada, ou diferente da inclusão/exclusão normalmente observada.

As imagens construídas nesta pesquisa sobre Fortaleza mostram que as pessoas com deficiência visual têm afetos potencializadores e despotencializadores em relação a sua cidade, os quais geram diferentes modos de agir no ambiente urbano. Algumas pessoas, embora em menor quantidade, destacaram os aspectos positivos de Fortaleza, enquanto outras demonstram sua revolta, indignação, insatisfação, mas também medo, angústia e agonia por se sentirem inseguros diante da falta de preparo da cidade para atender às suas demandas.

Como afirma Sawaia (2009), por trás das desigualdades sociais, do sofrimento, do medo, da tristeza, do sentimento de inferioridade, do desrespeito vivenciado por estas pessoas diariamente em suas vivências urbanas, existe nelas também o desejo de superação, a vontade de ser feliz e de apropriar-se da cidade, usufruindo daquilo que ela possui de agradável e atraente. A consciência da existência de barreiras arquitetônicas e atitudinais não impediu os participantes de observarem Fortaleza a partir de suas inúmeras nuances, tanto positivas quanto negativas, embora alguns de seus aspectos tenham sido mais enfatizados do que outros, dadas a qualidade das experiências dos participantes em suas rotinas diárias, que incluem sua mobilidade nas ruas e avenidas da capital cearense.

Os participantes da amostra deste estudo formam um grupo peculiar, não apenas por sua deficiência física, mas por estarem, em sua quase totalidade, estudando ou trabalhando, o que indica um avanço na garantia dos direitos das pessoas com deficiência. Talvez a maior quantidade de informações disponíveis atualmente e o incremento crescente das ferramentas de tecnologia assistiva, possibilitem o desenvolvimento educacional e laboral deste público. O aumento do nível de escolaridade multiplica as possibilidades de colocação profissional, além de impulsionar positivamente o valor absoluto da remuneração angariada pelo trabalhador, que assim pode usufruir de bens e serviços diferentes daqueles que outrora tivera acesso.

Tratando-se de uma cidade repleta de desigualdades sociais, como apontado pelos sujeitos da pesquisa, o maior poder aquisitivo assegura ao seu portador melhores condições de desfrutar daquilo que existe de agradável na cidade, já que também segundo um participante da pesquisa, Fortaleza é uma cidade “bela para os turistas” (Sujeito 28).

Cabe aos cegos, por sua vez, ocupar os espaços urbanos, promovendo a convivência e a criação de novos referenciais na cidade, por meio de sua presença e de suas marcas deixadas explícitas ou implicitamente nos lugares por eles ocupados, bem como nas

relações sociais por eles construídas. Considerando-se a cegueira como uma característica que individualiza o sujeito sem diminuir-lhe as potencialidades avança-se tanto em direção à edificação de locais acessíveis, mas principalmente rumo à construção de uma sociedade realmente inclusiva, onde os preconceitos possam ceder espaço às relações transformadoras que potencializem o desenvolvimento de todos.

Esta pesquisa evidenciou que Fortaleza é uma cidade que promove insegurança em seus moradores, tanto por seus altos índices de violência e criminalidade, como também por seus aspectos estruturais. Sua estrutura precária, onde calçadas esburacadas e desniveladas, lixo no meio das ruas, postes mal colocados e sem indicação de alerta, carência de piso tátil, escassez de sinais sonoros, bem como a falta de informação e sensibilização de seus cidadãos faz com que a mobilidade de pessoas com deficiência visual seja insegura, provocando medo, ansiedade e nervosismo constante.

Diante do enfrentamento diário de inúmeras barreiras para a realização de tarefas simples do cotidiano, como ir à escola, ou ir ao trabalho, os sentimentos de vinculação positiva das pessoas são obscurecidos, tendo aparecido neste estudo de modo difuso na imagem de contraste. A imagem de agradabilidade apareceu em último lugar em ordem de quantidade, sendo ainda em 03 dos 04 mapas afetivos associada a qualidades negativas da cidade, como poluição e falta de acessibilidade.

Destaca-se a partir das informações obtidas que a população em estudo possui uma compreensão da cidade que se assemelha e se diferencia daqueles que enxergam. Por um lado as respostas mostraram que os participantes têm consciência dos problemas gerais de Fortaleza, tais como violência, falta de áreas verdes, desigualdades sociais, pouca iluminação, trânsito caótico, entre outros, bem como identificam suas qualidades como clima agradável, cidade boa para viver, população receptiva e bem humorada. Contudo existem questões e observações que são peculiares a este segmento de moradores, que possuem suas próprias referências e a partir destas fazem sua leitura do mundo. Não se trata de comparar a forma de videntes e não videntes sentirem a cidade, mas sim reconhecer a relevância de cada uma destas compreensões e assim sugerir e implementar ações que promovam o bem-estar e a qualidade de vida de todos. Como afirma Sawaia (1995) a cidade deveria ser o palco das múltiplas identificações de seus habitantes.

O instrumento gerador dos mapas afetivos (IGMA), conforme adaptado e aplicado neste trabalho, mostrou-se bastante eficaz na investigação da afetividade dos participantes. A utilização dos materiais variados e a proposta de elaborar imagens táteis da cidade funcionaram, conforme esperado, como um estímulo à imaginação dos participantes que

foram capazes de criar imagens baseados em seus sentimentos e emoções. Não obstante a elaboração da imagem também impulsionou a reflexão dos sujeitos acerca de sua relação com seu entorno urbano, envolvendo em um só plano os níveis racional e afetivo.

A riqueza deste tema não poderia ser aqui esgotada e algumas questões insinuam-se desde já. Apesar de reconhecerem-se os reais perigos existentes nas grandes metrópoles que se tornam cada vez mais violentas, existe uma distinção entre perigo real e perigo percebido. Assim também na imagem de insegurança configurada nesta pesquisa, o medo e a ansiedade ante as más condições estruturais da cidade são equivalentes aos perigos reais oferecidos por estas barreiras à acessibilidade? Considerando que o medo é classificado por Espinosa como uma paixão triste e, portanto despotencializadora, o que tem afetado os sujeitos da pesquisa de modo a aumentar sua potência de agir e de perseverar em sua existência? O pertencimento como imagem afetiva, de fato inexistente entre este público ou está eclipsado entre as outras imagens? E neste caso que fatores ou circunstâncias poderiam fazer com que ele fosse explicitado?

Por hora resta na pele, nos ouvidos, no, nariz, na língua e nos olhos as imagens de uma Fortaleza que nunca foi vista, mas foi tocada, apalpada, cheirada, ouvida, investigada, sentida, abraçada, tropeçada, mas, sobretudo sentida e vivida intensamente. Reconhecer a validade das imagens assim construídas é dar alguns passos rumo à inclusão das pessoas com deficiência visual, mas de uma inclusão não apenas educacional, laboral, cultural ou espacial, e sim uma inclusão subjetiva, na qual seus sentimentos e emoções sejam considerados, suas necessidades sejam ouvidas e suas peculiaridades sejam aceitas e supridas.

Faz-se necessário também pensar formas de intervenção que possam potencializar bons encontros das pessoas com deficiência visual com aquelas sem deficiência e de ambas com a cidade, para que assim paixões alegres sejam geradas aumentando o *conatus* de todos, de modo que com a participação individual em uma ação coletiva haja mudanças significativas na convivência urbana, reduzindo-se a insegurança e o preconceito e consequentemente o aumento da solidariedade.

Ao final dessa jornada, conclui-se com a aprendizagem de uma nova forma de aplicação do IGMA, que tanto possibilitou a livre expressão dos respondentes, quanto permitiu à pesquisadora conhecer o material produzido pelos sujeitos, como não era possível em trabalhos anteriores com o uso do desenho. Ocupar o lugar de pesquisadora abordando a deficiência visual como temática ampliou as possibilidades de enfoque sobre a mesma, não mais como uma condição pessoal, mas como uma característica compartilhada.

A surpresa da pesquisa, que revelou um novo viés sobre a categoria insegurança, expôs as peculiaridades das vivências das pessoas com deficiência visual na cidade, as quais confirmaram as inquietações iniciais da pesquisadora acerca das dificuldades deste público quanto à mobilidade urbana.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, H. F. **Participação social e estima de lugar**: caminhos traçados por jovens estudantes moradores de bairros da Regional III da cidade de Fortaleza pelos mapas afetivos. 2010. 239 f. Dissertação (mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2010.
- AMIRALIAN, M. L. **Compreendendo o cego**: uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-estórias. São Paulo: Casa do psicólogo, 1997.
- ARAGONÉS, J. I.; AMÉRIGO, M. Psicologia Ambiental. Aspectos conceptuales y metodológicos. In: _____. **Psicologia ambiental**. Madrid: Ediciones Pirâmide S. A., 1998.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. ABNT, 2004.
- BARCZINSKI, M. C. **Reações Psicológicas à Perda da Visão**, 2001. Disponível em <<http://www.ibc.gov.br/?itemid=110>>. Acesso em: 05 de março de 2014.
- BASSANI, M. A., SILVEIRA, M. A., FERRAZ, J. M. G. **Por um estudo de espírito agroecológico**. In: I CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA; IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE AGROECOLOGIA; V S SIMPÓSIO ESTADUAL DE AGROECOLOGIA. Porto Alegre (RS), 2003. ANAIS.
- BASTO, L. S. C.; GAIO, R. C. **Técnicas de orientação e mobilidade para pessoas cegas**: reflexões na perspectiva da educação física. Movimento & Percepção, Espírito Santo do Pinhal, SP, v. 11, n. 16, jan./abr. 2010. P.120-147.
- BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Lisboa: Relógio d'Água, 2006.
- _____. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BELARMINO, J. **Aspectos comunicativos da percepção tátil**: a escrita em relevo como mecanismo semiótico da cultura. 2004. 176 f. Tese (doutorado em Comunicação e semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2004.
- _____. **Associativismo e política**: a luta dos grupos estigmatizados pela cidadania plena. João Pessoa: Idéia, 1997.
- BIANCHETTI, L. Aspectos históricos da apreensão e da educação dos considerados deficientes. In: BIANCHETTI, L.; FREIRE I. D. (Orgs.) **Um olhar sobre a diferença**: Interação, trabalho e cidadania. São Paulo: Papirus, 1998.
- BOMFIM, Z. A. C. **Cidade e afetividade**: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo. 2003. 228 f. tese (doutorado em Psicologia social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2003.
- _____. **Cidade e afetividade**: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BRASIL. **Constituição Federal**. Vade Mecum. Colaboração: Pinto, A. L. T.; Windt, M. C. V. S.; Céspedes L., 9. ed. atual. e ampl., São Paulo, Saraiva, 2010.

_____. **Lei n. 7.853**, de 24 de outubro de 1989. Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - Corde, institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público, define crimes, e dá outras providências. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17853.htm>. Acesso em: 2 de abril de 2014.

_____. **Decreto n. 3.298**, de 20 de dezembro de 1999. Regulamenta a Lei no 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm>. Acesso em: 7 de agosto de 2014.

_____. **Lei n. 8.213**, de 24 de julho de 1991. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18213cons.htm>. Acesso em: 3 de setembro de 2014.

_____. **Lei n. 10.098**, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.htm>. Acesso em: 3 de agosto de 2014.

_____. **Decreto n. 5.296**, de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis n^{os} 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm>. Acesso em: 7 de junho de 2014.

_____. Presidência da República; Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**: Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Brasília: CORDE, 2007.

_____. **Lei n. 12.587**, de 3 de janeiro de 2012. Institui as diretrizes da Política Nacional de Mobilidade Urbana; revoga dispositivos dos Decretos-Leis n^{os} 3.326, de 3 de junho de 1941, e 5.405, de 13 de abril de 1943, da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei n^o 5.452, de 1^o de maio de 1943, e das Leis n^{os} 5.917, de 10 de setembro de 1973, e 6.261, de 14 de novembro de 1975; e dá outras providências. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112587.htm>. Acesso em: 22 de agosto de 2014.

_____. **Cartilha do censo 2010**: Pessoas com deficiência. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República– SDH/PR. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência – SNPD, 2012b.

CALVINO, I. **Las Ciudades Invisibles**. Madrid: Siruela, 2000.

CARDINALI, S.M.; FERREIRA, A. C. **A aprendizagem da célula pelos estudantes cegos utilizando modelos tridimensionais**: um desafio ético. Revista Benjamim Constant, n. 46, 2010. Disponível em: <<http://www.ibr.gov.br/?catid=4eitemid=10217>>. Acesso em: 25 de maio de 2014.

CHAUI, M. S. **Pensamentos metafísicos**: Tratado da correção do intelecto; Ética; Baruch de Espinosa. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

CHIZZOTTI, A. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**: evolução e desafios. Revista Portuguesa de Educação. 2003, vol. 16, n. 2.

CIAMPA, A. C. **A Estória do Severino e a História da Severina**: Um ensaio de Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DAMÁSIO, A. **O mistério da consciência**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

DAVID, J.; GURGEL, V. ANTUNES, X. & KASTRUP, V. **Cidade acessível**: igualdade e singularidade da deficiência visual. Fractal: Revista de Psicologia. Vol. 21, n. 1, p. 198-199, 2009.

DAVID, J. HAUTEQUESTT, F. & KASTRUP, V. **Audiodescrição de filmes**: experiência, objetividade e acessibilidade cultural. Fractal: Revista de Psicologia. Vol. 24, n. 1, p. 125-142, 2012.

DELEUZE, G. **Espinoza**: filosofia prática. Editora Escuta, 2002. Cap. VI.

ESPINOZA, B. **Ética demonstrada segunel orden geométrico**. México: Fondo de cultura econômica, 1996.

FERRAZ, V. R. P. & FILGUEIRAS, L. M. A bengala como um instrumento lúdico na orientação e mobilidade do deficiente visual. In KASTRUP, V.; MORAES, M. org.) **Exercícios de ver e não ver**: arte e pesquisa COM pessoas com deficiência visual. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2010. P.87-96.

FERREIRA, K. M. **Ficar ou partir?** Afetividade e migração de jovens do sertão semi-árido cearense. 2006. 176 f. Dissertação (mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2006.

FRATTARI, N. F. **Insegurança**: as práticas e discursos do medo na cidade de Goiânia. 2009. 192f. Dissertação (mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2009.

GLEIZER, M. A. **Espinoza e afetividade humana**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1975.

GOLIN, A. F. **O trabalhador portador de deficiência visual**: um estudo de caso. 2003. 102 f. Dissertação (mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2003.

GÜNTHER, H. **Mobilidade e affordance como cerne dos estudos pessoa-ambiente**. Estudos de Psicologia. 2003, Vol. 8, n. 2, PP. 273-280.

_____. **Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa**: esta é a questão. Psicologia: teoria e pesquisa. 2006, vol. 22, n. 2, PP. 201-210.

KASSAR, M. C. **Percursos da constituição de uma política brasileira de educação especial inclusiva**. Rev. bras. educ. espec. [online]. 2011, vol.17, n.spe1, pp. 41-58.

KASTRUP, V. **A invenção na ponta dos dedos**: a reversão da atenção em pessoas com deficiência visual. Psicologia em Revista. 2008, vol. 13, n. 1, p. 69-89.

_____. Atualizando virtualidades: construindo a articulação entre arte e deficiência visual. In KASTRUP, V.; MORAES, M. (Org.) **Exercícios de ver e não ver**: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2010. P.32-46.

KASTRUP, V.; CARIJÓ, F. & ALMEIDA, C. **Abordagem da enação no campo da deficiência visual**. Informática na Educação: teoria & prática. 2009, vol.12, n. 2, p. 114-122.

LIMA, S. S.; CARVALHO-FREITAS, M. N.; SANTOS, L. M. **Repercussões Psicossociais da Acessibilidade Urbana para as Pessoas com Deficiência Física**. PSICO, Porto Alegre, PUCRS, v. 44, n. 3, pp. 362-371, jul./set. 2013.

LIRA, M. C. F.; SCHLINDWEIN, L. M. **A pessoa cega e a inclusão**: um olhar a partir da psicologia histórico-cultural. Caderno Sedes, Campinas. v. 28, n. 75, 2008. p. 171-190. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 03 de janeiro de 2014.

LONDE, P. R. & MENDES, P. C. **A influência das áreas verdes na qualidade de vida urbana**. Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde. 2014, vol. 10, n. 18, PP. 264-272.

LYNCH, K. **La imagen de la ciudad**. Barcelona: Editorial Gustavo Gil, 1998.

MACHADO, L. V.; FACCI, M. G. & BARROCO, S. M. **Teoria das emoções em Vigotsky**. Psicol. estud. [online]. 2011, vol.16, n.4, pp. 647-657. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722011000400015&script=sci_arttext> Acesso em 10 de janeiro de 2013.

MARTÍN-BARÓ, I. **O papel do psicólogo**. Estudos de Psicologia, v. 2, n. 1, 1996. p. 7-21.

MARTINS, B. S. **“E se eu fosse cego?”**: Narrativas silenciadas da deficiência. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

MORAES, M. **Modos de intervir com jovens deficientes visuais**: dois estudos de caso. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE). V. 11, N. 2, 2007. p. 311-322.

_____. Pesquisar COM: política ontológica e deficiência visual. In KASTRUP, V.; MORAES, M. (Org.) **Exercícios de ver e não ver**: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2010. P.15-31.

MOSER, G. Psicologia ambiental no novo milênio: integrando a dinâmica cultural e a dimensão temporal. In: TASSARA, E. (Org.) **Panoramas interdisciplinares**: para uma psicologia ambiental do urbano. São Paulo: EDUC, 2001.

OKAMOTO, J. Percepção Ambiental. In: **Percepção Ambiental e Comportamento**: visão holística da percepção ambiental na Arquitetura e na Comunicação. São Paulo: Mackenzie, 2002. P. 109-246.

OMOTE, S. **Deficiência e não-deficiência**: recortes do mesmo tecido. Revista Brasileira de Educação Especial. v.2, 1994.

_____. Prefacio. 1996. In: BIANCHETTI, L.; FREIRE I. D. **Um olhar sobre a diferença**: Interação, trabalho e cidadania. São Paulo: Papyrus, 1998.

OMS. **Relatório Mundial sobre a Deficiência**. Tradução Lexicus Serviços Lingüísticos. - São Paulo. SEDPcD, 2012. 334 p.

OPAS, OMS. **Classificação internacional de funcionalidade, incapacidade e saúde**. São Paulo: Edusp; 2003.

PARPINELLI, E. P. **Deficiência**: Família e Prevenção. 1º Ed. Londrina, 1997.

POL, E. La Apropiación del Espacio. In: IÑIGUEZ, L.; POL, E. **Cognición, representación y apropiación del espacio**. Barcelona: Monografies Sócio/ambientais, 1996.

ROLNIK, R. **A violência disseminada**: exclusão territorial e violência. São Paulo. São Paulo em perspectiva. v. 13, n. 4, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88391999000400011&script=sci_arttext> Acesso em 15 de janeiro de 2014.

ROLNIK, R. **O que é cidade**. 3ª Ed. São Paulo: Coleção Primeiros Passos, 1994.

ROSS, P. R. Educação e trabalho: a conquista da diversidade frente às políticas neoliberais. In: BIANCHETTI, L.; FREIRE I. D. **Um olhar sobre a diferença**: Interação, trabalho e cidadania. São Paulo: Papyrus, 1998.

SACKS, O. **O olhar da mente**. Tradução de Laura Teixeira. São Paulo: Companhia das letras, 2010. Trad: Laura, 2010.

SANT-ANNA, R. M. Políticas públicas para mobilidade: desafios para a Psicologia. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicologia e mobilidade**: o espaço público como direito de todos. Brasília: DF, 2010.

SANTOS, E. L.; CHALHUB, A. **Psicologia Ambiental: Conceções e Métodos de Trabalho**. 2012. Disponível em: <<https://psicologado.com/atuacao/psicologia-ambiental/psicologia-ambiental-concepcoes-e-metodos-de-trabalho>> Acesso em: 16 de fevereiro de 2014.

SAWAIA, B. B. Introdução: exclusão ou inclusão perversa? *In*: SAWAIA, B. B. (Org.) **As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 07-15.

_____. **O Calor do Lugar: segregação urbana e identidade**. São Paulo em perspectiva: questões urbanas, os sentidos das mudanças. São Paulo: Vol. 9 / 2 /abr-jun/ 20-24, 1995.

_____. **Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social**. *Psicologia & Sociedade*; 21 (3): 364-372, 2009.

SENNETT, R. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SEQUEIRA, A.; SILVEIRA, M. J. **A saúde mental na inserção social da pessoa com cegueira adquirida**. *Análise Psicológica*. v. 3, n. 20, 2002. p. 449-470.

SPINOZA, B. **Ética demonstrada segun el orden geométrico**. México: Fondo de cultura econômica, 1996.

TUAM, YI-FU. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1983.

VALSINER, J. **Fundamentos da Psicologia cultural: mundos da mente mundos da vida**. RS: Artmed, 2012.

VEIGA, J. E. **A vida de quem não vê**. Rio de Janeiro: J. Olimpio, 1946.

VIEIRA, M. E. ET AL. **Universidade e Sustentabilidade: práticas em Psicologia Ambiental**. XV Encontro Nacional da ABRAPSO, anais, 2009. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/301.%20universidade%20e%20sustentabilidade.pdf>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2015.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991a.

_____. **Fundamentos de defectologia**. Havana: Pueblo y Educación, 1997.

_____. **La Imaginación y la Arte en la Infancia**. 6 ed. Madrid: AKAL Basica de Bolsillo, 2003. cap. 1, 2 e 3.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991b.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a), como voluntário (a), a participar da pesquisa “**Corpo e sensibilidade: vivências urbanas não visuais na cidade de Fortaleza**”, que faz parte da dissertação de mestrado em Psicologia da pesquisadora. Neste estudo pretende-se conhecer os sentimentos e emoções de pessoas com deficiência visual em relação à cidade em que vivem.

Para participar você deve ser uma pessoa com deficiência visual (cegueira ou baixa visão), maior de 18 anos de idade. Sua colaboração consistirá inicialmente em fazer uma figura que represente a sua cidade, utilizando massa de modelar ou argila, e em seguida responder a algumas questões acerca desta figura e da cidade a que ela se refere. Você não terá nenhum custo para participar deste estudo, nem será remunerado por sua colaboração, bem como não correrá qualquer risco ou sofrerá constrangimento em consequência de sua participação neste trabalho.

Sua colaboração é muito importante, mas você pode concordar ou não em participar, podendo também desistir de participar a qualquer instante, sem que isso lhe traga algum prejuízo. Sua identidade não será divulgada, e os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Você pode solicitar mais informações sobre a pesquisa a qualquer momento, entrando em contato com a pesquisadora Ana Kristia da Silva Martins, por meio do telefone (85) 3366-7648; pelo e-mail anakristia88@yahoo.com.br; ou na Avenida da Universidade, 2762, Benfica – Fortaleza.

Ademais, esta pesquisa atende aos critérios estabelecidos na resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamentam os procedimentos éticos em pesquisas com seres humanos. Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – COMEPE/UFC, pelo telefone (85) 3366.8344, ou no endereço Rua: Coronel Nunes de Melo, 1127, Rodolfo Teófilo – Fortaleza.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, fui informado (a) sobre os objetivos e procedimentos desta pesquisa e preencho os critérios para participação. Declaro que minhas dúvidas foram esclarecidas e que concordo em participar desta pesquisa de modo livre.

Fortaleza, _____ de _____ de _____.

Ana Kristia da Silva Martins

Assinatura da pesquisadora

Assinatura

ou digital do (a) participante



APÊNDICE B – INSTRUMENTO GERADOR DOS MAPAS AFETIVOS
(Adaptado a partir de Bomfim, 2010)

SUJEITO Nº. _____

Primeiramente, obrigada pela sua colaboração.

1) Para iniciar você deverá utilizar os materiais propostos ou outro de sua preferência, para expressar a sua forma de ver, representar ou sentir a cidade em que você vive.

2) As seguintes perguntas fazem referência a representação da cidade feita por você. Não existem respostas certas ou erradas, boas ou ruins, mas sim, suas opiniões e impressões.

2.1) Explique brevemente que significado a sua representação tem para você.

2.2) Descreva que sentimentos a sua representação lhe desperta.

2.3) Escreva 6 palavras que resumam seus sentimentos em relação a representação feita por você acerca da sua cidade.

Abaixo, você encontrará algumas perguntas sobre a sua cidade. Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas, mas sim a sua opinião.

3) Caso alguém lhe perguntasse o que pensa sobre a cidade em que você vive, o que você diria?

4) Se você tivesse que fazer uma comparação da sua cidade com algo, com o que você a compararia?

5) Você anda sozinho? Como você se sente?

6) Descreva dois caminhos que você percorre sozinho (utilize nomes de lugares de origem e de destino, detalhes que chamem a sua atenção durante o trajeto, características que permitam identificar estes lugares, etc). Indique também para que finalidade você percorre estes caminhos.

7) O que você mais gosta na sua cidade?

8) O que você não gosta na sua cidade?

9) O que você gostaria que existisse na sua cidade?

10) O que você mudaria na cidade em que você mora?

11) Você gostaria de morar em outra cidade? Qual? Por que?

11.1 O que te faz feliz?

11.2 O que te faz triste?

12) Você pertence a algum grupo ou associação?

12.1 Caso sim, que tipo?

- a) Esportivo
- b) Religioso
- c) Político
- d) Artístico
- e) outro: Qual?

13) Indique qual seu nível de deficiência visual (total ou parcial).

14) Há quanto tempo você tem deficiência visual?

15) Você fez treinamento em orientação e mobilidade?

16) Há quanto tempo você fez treinamento em orientação e mobilidade?

17) Com que frequência você anda sozinho(a) em Fortaleza? (Sempre/ Quase sempre/ Às vezes/ Raramente/ Nunca)

18) Qual seu principal meio de locomoção em Fortaleza (ônibus, carro particular, taxi, trem, moto, caminhada, bicicleta, outro)?

19) Dados pessoais:

19.1) sexo:

19.2) Idade:

19.3) Você estuda?

19.3.1) Qual seu nível de escolaridade?

19.4) Você trabalha?.

19.4.1) Caso sim, em quê?

19.5) Qual a renda familiar média da sua família?

19.6) Qual sua cidade de origem?

19.7) Em que bairro de Fortaleza você mora?

19.8) Quanto tempo você mora em Fortaleza?

APÊNDICE C – MAPAS AFETIVOS



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Uma estrutura de massinha de cores misturadas. Uma linha de massinha enrolada de forma espiral formando uma estrutura redonda com um buraco no meio.

Identificação	Nº. 2 Feminino 18 anos Estagiária Fortaleza Baixa Visão Congênita
Estrutura	Metafórica
Significado	Uma calçada bastante alta contendo buracos.
Qualidades	Acessibilidade limitada, buracos, descaso, pontos bonitos, aconchegante, aspectos políticos e administrativos a desejar.
Sentimentos	Revolta, tristeza, horror, desrespeito.
Metáfora	Um trem em alta velocidade.
Sentido	A cidade trem em alta velocidade é aquela em que a destruição revela-se através da acessibilidade limitada, dos buracos na calçada e do descaso, os quais apesar dos pontos bonitos e de ser aconchegante, promovem sentimentos de revolta, horror, tristeza e desrespeito.



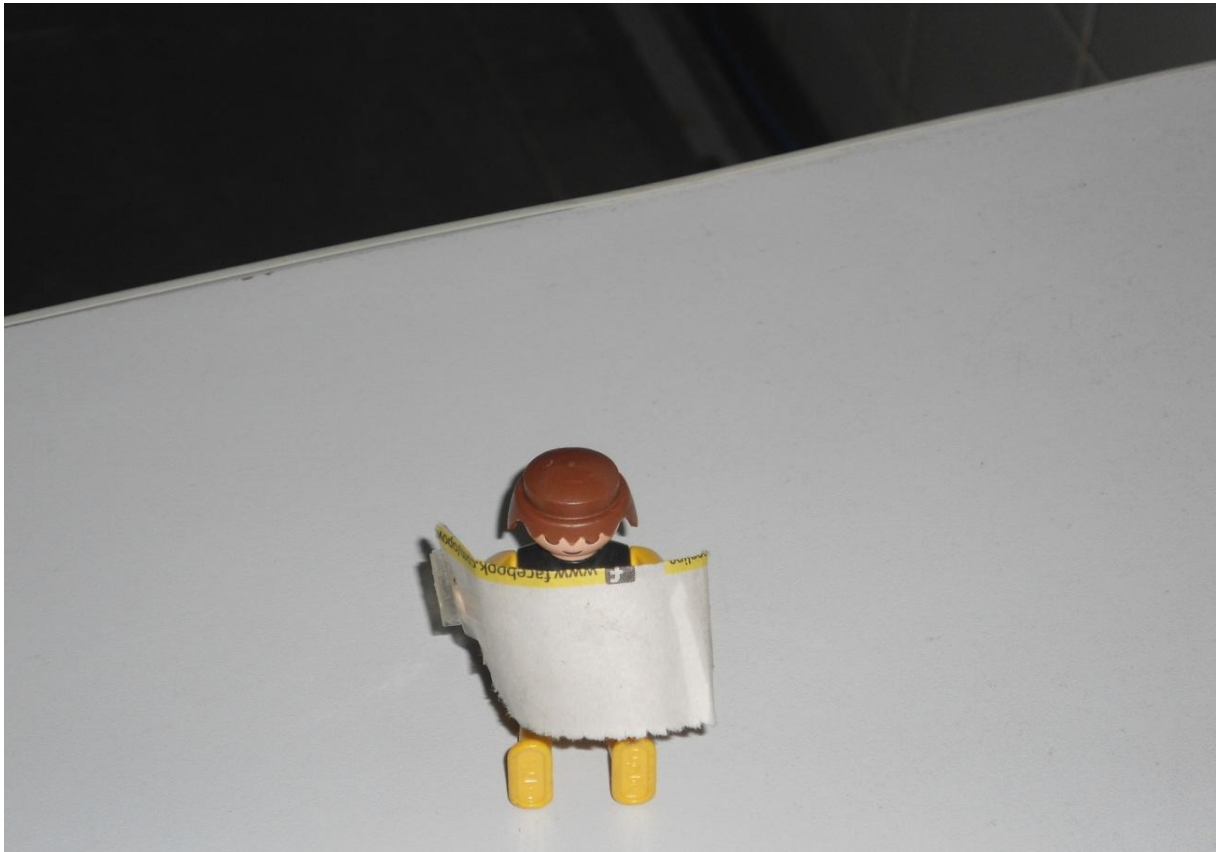
Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Uma construção de massinha de modelar de várias cores (amarelo, branco, vermelho, azul e marrom). Uma linha de massinha com uma coluna amarela em uma ponta, com uma bolinha verde no centro e uma coluna vermelha na outra extremidade.

Identificação	Nº. 3 Feminino 18 anos Assistente administrativo Fortaleza Cegueira Congênita
Estrutura	Metafórica
Significado	Tem um significado de muita importância pois já que eu não posso ver e desenhar com lápis eu posso criar outros métodos e mostrar a minha imaginação.
Qualidades	Facilidade, criatividade, cidade bela, pontos positivos e negativos, devia ser um pouco mais acessível.
Sentimentos	Carinho, felicidade, paciência.
Metáfora	(Sem resposta)
Sentido	A cidade representada transmite agradabilidade, pois apesar da necessidade de mais acessibilidade desperta sentimentos de carinho, felicidade, paciência e vontade, sendo também uma cidade bela.



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Uma folha de papel verde sobre a qual está um boneco pregado sobre massinha. Fita adesiva transparente sobre a folha. Um carrinho de brinquedo em uma direção paralela a do boneco. Atrás do carrinho de brinquedo uma estrutura de massinha amarela e azul sem formato definido.

Identificação	Nº. 7 Feminino 22 anos Superior Incompleto Revisor de Braile Senador Pompeu Cegueira Congênita
Estrutura	Metafórica
Significado	O que eu tentei representar com a massa de modelar foi uma cidade onde o trânsito é imenso, tem muitas pessoas pra atravessar na faixa de pedestres, mas não é possível porque não tem sinalização, e muitas placas no meio da rua, que muitas vezes o deficiente visual, ele não percebe e infelizmente ele acaba se machucando por falta de informação.
Qualidades	Trânsito imenso, muitas pessoas para atravessar, não tem sinalização, muitas placas no meio da rua, falta de informação, cheia de buracos, cheia de obstáculos, horrível, Acessibilidade zero, estresse, muito bonita, muito proveitosa, falta de estrutura, estressante.
Sentimentos	Sentimentos muito ruins.
Metáfora	[...] uma casa muito antiga, sendo que esta casa estava cheia de objetos desnecessários, onde as paredes estavam se deteriorando, onde as paredes estavam todas desestruturadas prontas pra cair.
Sentido	A cidade casa antiga se deteriorando produz sentimentos muito ruins diante dos obstáculos e dificuldades, os quais tornam a acessibilidade zero. a destruição presente nessa cidade atinge principalmente os deficientes visuais, que ante ao trânsito imenso, à falta de estrutura, às placas no meio da rua e os buracos, não tem informação suficiente para usufruir com qualidade de uma cidade que também é muito bonita e proveitosa.



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Um boneco sentado segurando um pedaço de jornal.

Identificação	Nº. 8 Masculino 30 anos Médio Incompleto Não trabalha Fortaleza Baixa Visão Adquirida
Estrutura	Metafórica
Significado	A cidade de Fortaleza para mim tem um significado de tristeza.
Qualidades	Cidade muito boa para viver, cidade mal administrada.
Sentimentos	Tristeza, revolta, repugnância, vergonha, insatisfação, ódio.
Metáfora	Eu compararia com uma semente de mostarda uma semente perfeita porem uma semente pequena. Fortaleza uma cidade que poderia ser perfeita porem é uma Cidade onde os Governantes eles tem mentes pequenas.
Sentido	A cidade semente de mostarda manifesta seus contrastes, pois ao mesmo tempo que é um local muito bom para viver e que poderia ser perfeito, é mal administrado, sendo tal contraste acompanhado por sentimentos de tristeza, revolta, repugnância, vergonha, insatisfação e ódio.



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Um balão de festa junina feito de jornal.

Identificação	Nº. 14 Masculino 48 anos Médio Incompleto Não trabalha Itapajé Cegueira Adquirida
Estrutura	Metafórica
Significado	Lembrei quando eu era criança junto com os colegas, e a gente brincava de soltar balão.
Qualidades	Recordação, tato, sensibilidade, sensível, falta de segurança, falta de hospitais, falta de educação, falta de mais apoio dos governantes.
Sentimentos	Felicidade, (satisfação/capacidade de fazer algo), injustiça, indignação.
Metáfora	Cidade sem freio, sem limites dos nossos governantes.
Sentido	A cidade sem freio é aquela em que a recordação da infância, o tato e a sensibilidade contrastam com a falta de hospitais, falta de segurança, falta de educação e falta de apoio dos governantes, observadas atualmente.



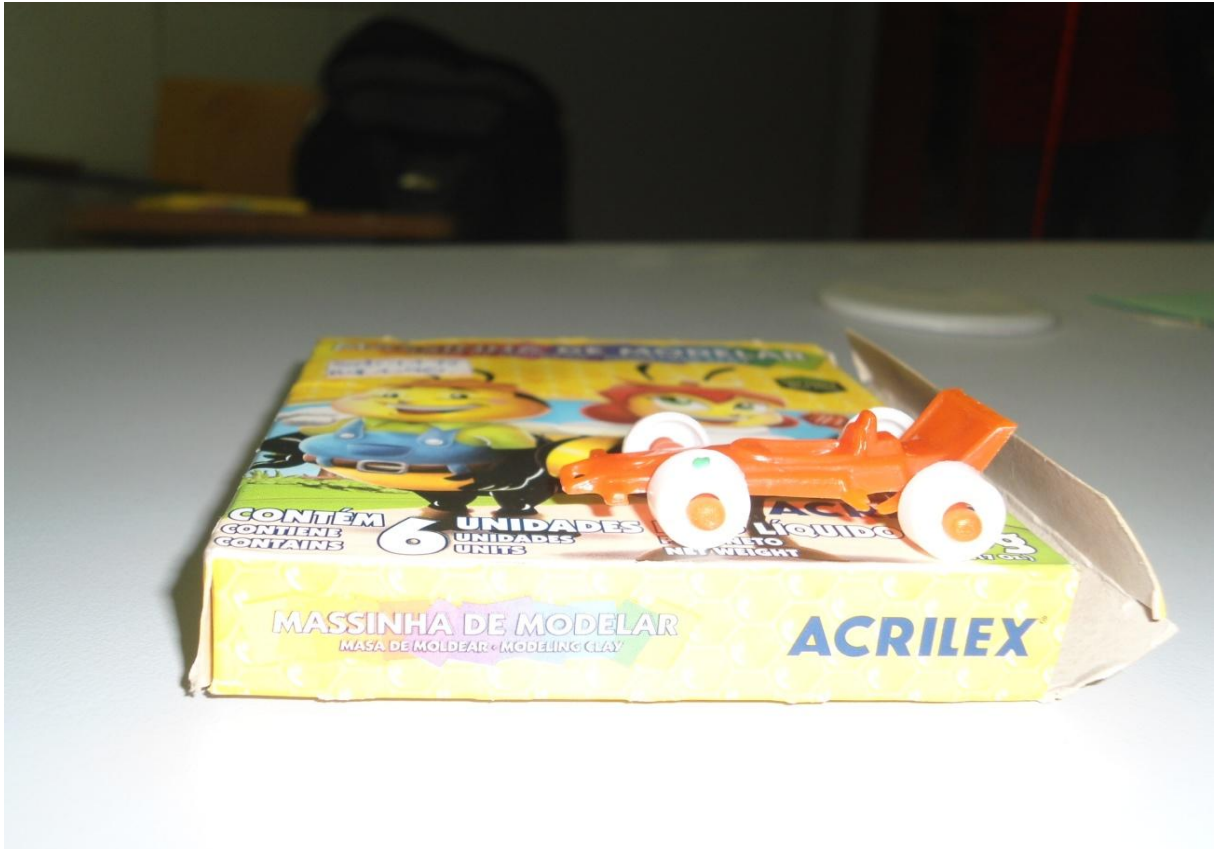
Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Duas tiras de massinha amassadas depois das quais encontra-se um boneco e na frente do boneco, massinhas e um pedaço de papel amassado. Ao lado das tiras de massinha um boneco em pé e na frente dele um canudo, depois do canudo dois carrinhos. Um canudo fixado com massinha e dobrado em formato de I invertido. Atrás do canudo dobrado, encontra-se outro canudo. Na ponta dos canudos deitados, um carrinho.

Identificação	Nº. 17 Feminino 21 anos Médio Incompleto Não trabalha Fortaleza Baixa Visão Adquirida
Estrutura	Metafórica
Significado	Foi que tem muitas calçadas q a Gente anda, que tem muito lixo, muita Gente coloca lixo no chão, a gente vai tentar atravessar a rua os carros não respeitam o sinal.
Qualidades	Muito lixo nas calçadas, cidade abandonada, Carros não respeitam cidadão, pessoas não tem respeito, cidade boa, difícil andar na rua.
Sentimentos	Desrespeito, desprezo, medo de andar na rua.
Metáfora	Com o Rio de Janeiro, tantos carros também.
Sentido	A cidade Rio de Janeiro é aquela em que o lixo nas calçadas e o desrespeito dos carros para com os pedestres, faz com que ela pareça uma cidade abandonada, onde é difícil de andar, promovendo sentimentos de desrespeito, desprezo e medo de andar na rua, o que indica sua insegurança.



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Vários pedaços de massinha verdes, azuis e vermelhos, amassados sobre uma folha verde, e ainda sobre a folha, pedaços de palitos de madeira e de canudos de plástico.

Identificação	Nº. 18 Feminino 33 anos Médio Completo Massoterapeuta Macapá Baixa Visão Congênita
Estrutura	Metafórica
Significado	Representa a nossa cidade cheia de buracos e lixo.
Qualidades	Buracos, lixo, fedorenta, feia, lama, grande.
Sentimentos	Desrespeito.
Metáfora	Nossa cidade não pode ser comparada pois ela é suja.
Sentido	A cidade suja é aquela em que o lixo, os buracos e a lama, tornam-na feia e fedorenta, expressando sua destruição, a qual é interpretada como desrespeito ao cidadão.



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Uma caixa de massinha de modelar sobre a qual está um carrinho de brinquedo.

Identificação	Nº. 21 Feminino 35 anos Superior Completo Psicóloga Fortaleza Cegueira Congênita
Estrutura	Metafórica
Significado	A minha representação foi uma calçada cheia de carros e na própria caixa tem como se fosse um obstáculo, um buraco na tampa em cima, é um obstáculo. E um boneco representando uma pessoa com alguma deficiência. Eu quis representar a dificuldade da pessoa com qualquer tipo de deficiência e ao mesmo tempo o descaso da sociedade com o pedestre.
Qualidades	Dificuldade, descaso, cidadão com direitos não representados, obstáculos, gente, calçada, carro, barulho, violência, pessoas de bem.
Sentimentos	Raiva, medo, sentimento de querer fazer alguma coisa, mas sem saber por onde começar.
Metáfora	Um forno, muito quente.
Sentido	A cidade forno muito quente é aquela em que a insegurança manifesta-se através dos obstáculos, do descaso e do desrespeito com o pedestre e com os deficientes, provocando raiva e medo.



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Uma estrutura de massinha disforme, com um pedaço de vela pregado no centro. Uma caixinha preta pregada no topo da vela. Sobre a massinha, ao lado da vela, um boneco segura um pedaço de palito na mão como uma bengala. Ainda sobre a estrutura, um carrinho de brinquedo. Afastado da estrutura, um pedaço de palito.

Identificação	Nº. 23 Feminino 22 anos Superior Completo Revisor de Braile Fortaleza Cegueira Congênita
Estrutura	Metafórica
Significado	Achei muito importante fazer essa representação pois, eu pude mostrar para as pessoas uma das situações estressantes que eu como deficiente visual passo no meu dia a dia.
Qualidades	Estressante, falta de educação, dificuldades, obstáculos, superação, inacessível.
Sentimentos	Indignação, desrespeito.
Metáfora	Um grande labirinto cheio de obstáculos que não tem qualquer indicação de como se localizar lá dentro ou de como achar a saída.
Sentido	A cidade labirinto é aquela em que a insegurança é observada através das dificuldades, da falta de educação e dos obstáculos, tornando-a estressante e inacessível para os deficientes visuais, gerando sentimentos de indignação e desrespeito.



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Sobre uma folha de papel verde, está um boneco deitado sobre metade de um carrinho de brinquedo. Acima da cabeça do boneco, uma bolinha de massa de modelar marrom. Abaixo dos pés do boneco, um carrinho de brinquedo e um pedaço de massinha marrom. No centro da folha uma bola de algodão, à esquerda do algodão, três bolinhas de massa marrom, nas quais duas estão com pedaços de palito espetados.

Identificação	Nº. 24 Feminino 22 anos Superior Incompleto Revisor de Braile Fortaleza Cegueira Congênita
Estrutura	Metafórica
Significado	Representei obstáculos que os cegos enfrentam nas ruas de Fortaleza.
Qualidades	Adaptação, perigos, obstáculos, dificuldade, problemas, muito bonita, sem acessibilidade.
Sentimentos	Tristeza, agonia.
Metáfora	Um espaço cheio de obstáculos.
Sentido	A cidade espaço cheio de obstáculos é aquela em que a insegurança reside no fato dela apresentar muitos obstáculos, dificuldades, perigos e problemas para os cegos, que não tem acessibilidade, o que produz sentimentos de tristeza e agonia.



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Uma caixa de palitos de fósforo sobre a qual está um carrinho de brinquedo, encostada em uma caixa de massinha de modelar que está na vertical.

Identificação	Nº. 26 Masculino 44 anos Superior Incompleto Não trabalha Fortaleza Cegueira Adquirida
Estrutura	Metafórica
Significado	São todas as barreiras que nós encontramos no nosso dia a dia, sejam as arquitetônicas ou o desrespeito aos nossos direitos.
Qualidades	Barreiras, preconceito, lutas, conquista, falta de acessibilidade.
Sentimentos	Desrespeito.
Metáfora	O caos.
Sentido	A cidade caos é aquela em que a destruição manifesta-se através da falta de acessibilidade arquitetônica e do desrespeito aos direitos de todos, expressos através das barreiras e do preconceito.



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Três bonecos alinhados lado a lado, em paralelo a uma fileira de cinco carrinhos de brinquedo.

Identificação	Nº. 27 Feminino 38 anos Médio Incompleto Assistente Administrativo Brasília Cegueira Congênita
Estrutura	Metafórica
Significado	Eu expressei o caótico trânsito de Fortaleza.
Qualidades	Trânsito caótico, estresse.
Sentimentos	Medo, egoísmo, luxúria.
Metáfora	Um circo, porque a gente se diverte e se distrai, ao mesmo tempo que se estressa.
Sentido	A cidade circo é aquela em que o trânsito caótico, o estresse, o medo, o egoísmo e a luxúria revelam o contraste presente em sua estrutura diante da simultânea possibilidade de divertir-se nela.



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Um copo de café com um palito de fósforo fixado com massinha ao lado do qual está um prendedor de roupa, um boneco, um palito de fósforo em pé fixado por massinha, outro copo de café, e mais três palitos de fósforo fixados por massinha. Em frente a isso, vários carrinhos. Em frente ao primeiro copo de café, pedaços de canudo em forma de esquina e quatro bonecos em pé.

Identificação	Nº. 32 Masculino 27 anos Superior Incompleto Assistente Administrativo Fortaleza Cegueira Congênita
Estrutura	Metafórica
Significado	De uma avenida com vários carros, com pessoas esperando um semáforo fechar para passar.
Qualidades	Caos, espera, trânsito caótico, atraso, falta de humanismo, cidade maravilhosa, pessoas que querem ajudar, pessoas que pensam mais em si.
Sentimentos	Ansiedade.
Metáfora	Sinceramente, não sei.
Sentido	A cidade que não sabe com o que comparar é aquela em que a insegurança gera ansiedade, pois diante de seu estado caótico, o deficiente visual não sabe se poderá ou não contar com a ajuda das pessoas, cada vez mais individualistas.



Fonte: Elaborado pelo respondente. Descrição: Vários palitos de madeira juntos, sobre os quais estão três carrinhos de brinquedo. Na extremidade esquerda está uma bola de massinha vermelha. Ao lado dos palitos um boneco em pé e ao lado do boneco, mais dois carrinhos de brinquedo.

Identificação	Nº. 36 Feminino 30 anos Médio Completo Revisor de Braile Fortaleza Cegueira Congênita
Estrutura	Metáforica
Significado	As dificuldades que o cego tem de se locomover em determinadas calçadas que não existem, carros atrapalhando, buracos, lixo, enfim sem nenhuma acessibilidade.
Qualidades	Dificuldades, calçadas inexistentes, buracos, lixo, nenhuma acessibilidade, desafios, coisas boas.
Sentimentos	Amor, alegria, medo, esperança, superação.
Metáfora	Um mar quentinho, porque eu gosto muito, mas é perigoso.
Sentido	A cidade mar quentinho é aquela em que as coisas boas estimulam sentimentos de alegria, amor, esperança, contudo o contraste evidencia-se pela falta de acessibilidade, o lixo, os buracos, os carros nas calçadas e as dificuldades que os cegos enfrentam para se locomover, as quais são acompanhadas pelo medo e pela necessidade de superação de desafios.

APÊNDICE D – MATERIAIS DA PESQUISA: FOLHA TÁTIL

Observação: Na versão impressa deste trabalho, partes dos materiais utilizados na pesquisa foram colados nesta folha, de modo a proporcionar aos leitores a experiência de tocá-los.

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CEARÁ/PROPE/SQ



PA RECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Copo e sensibilidade: ulteriores ribanas não oukras na cidade de Fortaleza

Pesquisador: ANA KRISTIA DA SILVA MARTINS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 22159914.3.0000.5054

Instituição Proponente: Departamento de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 560.209

Data da Relatoria: 27/02/2014

Apresentação do Projeto:

Projeto de Mestrado do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, desenvolvido pela discente Juliana Maria Pereira Diógenes, sob orientação da professora doutora Zilma Áurea Cruz Bourim. O projeto pretende investigar os sentimentos e emoções de pessoas com deficiência visual em relação à cidade em que vivem. Para tanto propõe a utilização do instrumento gerador dos mapas afetivos (Bomfim, 2003) como recurso de acesso aos sentimentos e emoções da pessoa em relação ao seu ambiente. Este instrumento faz uso de desenho, seguido de perguntas referentes ao significado do desenho para o respondente; sentimentos por ele despertados; palavras-chave dos sentimentos gerados pelo desenho e pelas questões anteriores; o que pensa da cidade; comparação da cidade com algo; caminhos percorridos; participação em associações e dados sócio-demográficos. Eles serão mantidos, sendo realizadas as devidas alterações atentando para a singularidade dos sujeitos participantes, pois referir-se-ão a apresentação em massa de modoar e não a um desenho, como no questionário original. O instrumento será aplicado individualmente ou em grupos, conforme a disponibilidade dos participantes. O questionário será disponibilizado em braile, letra ampliada e em arquivo de texto para ser lido com auxílio de programas de leitura de tela para computador, de modo que cada sujeito tenha liberdade para escolher a forma com a qual tem mais familiaridade. O objetivo dessas múltiplas formas de aplicação é oferecer a todos os participantes a valorização suas

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1121
Bairro: Rodolfo Falcão CEP: 60.420-270
UF: CE Município: FORTALEZA
Telefone: (35) 3265-394 Fax: (35) 3225-292 E-mail: comep@ufc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CEARÁ/ PROPE SQ



Continuação do Formulário 066/2009

formas de expressão, a fim de estar adaptada às suas necessidades. Priorizar-se-á que os sujeitos respondam de modo autônomo as questões do instrumento, em bloco ou no computador, podendo, ainda, optar-se pela gravação em áudio de acordo com as habilidades manifestas pelo participante para utilização dos recursos disponíveis. A amostra será composta por 40 indivíduos de ambos os sexos, com deficiência visual, congênita ou adquirida há pelo menos 1 ano, maiores de 18 anos, que manifestem por escrito sua concordância em participar do estudo. Serão considerados, para critérios de inclusão na amostra, sujeitos que declinem de regrela ou baixa visão, não sendo exigidos exames médicos ou de declaração de terceiros para fins de comprovação da deficiência, sendo suficiente a explícita afirmação do participante sobre sua condição visual presente, registrada no termo de consentimento livre e esclarecido. A partir das respostas fornecidas às questões do instrumento gerador, será elaborada uma síntese, sendo este o mapa anêtnico, onde serão registradas as características sociodemográficas do sujeito, a estrutura de sua criação em massa de modelar, o significado atribuído a ela, os sentimentos relativos ao lugar, as qualidades do lugar, a metáfora elaborada e o sentido inerente do conjunto das respostas. A análise dos dados se dará feita tomando-se como referência as criações espaciais construídas pelos participantes da pesquisa acerca de sua cidade, e as respostas fornecidas às perguntas subsequentes serão submetidas à análise de conteúdo. As respostas serão ainda fragmentadas em unidades com sentido, de modo que sejam posteriormente agrupadas a fim de tomar em-se as categorias de interpretação dos resultados. Por fim, a combinação da análise interna, da coesão entre criação espacial e respostas e a análise externa, feita através da categorização das respostas, utilizará a referência do sentido atribuído pelo sujeito à cidade.

Objetivo da Pesquisa:

Geral: Conhecer os sentimentos e emoções de pessoas com deficiência visual em relação à cidade em que vivem.

Específicos: a) Avaliar que fatores facilitam ou dificultam o processo de apropriação do espaço público para os cidadãos com deficiência visual; b) Identificar a forma como pessoas com deficiência visual percebem seu entorno sócio-físico; c) Ampliar a aplicação do método gerador dos mapas anêtnicos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: A participação dos sujeitos será por meio de respostas a um questionário e da elaboração de uma imagem em massa de modelar, o que não oferece nenhum risco físico ou emocional.

Benefícios: Através da participação neste estudo os sujeitos poderão conhecer mais sobre a forma como tem de seu mundo e suas relações sociais e com o lugar onde vivem, sendo assim capazes de

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1127
Bairro: Rodolfo Falcão CEP: 60.420-270
UF/CE Município: FORTALEZA
Telefone: (85) 3225-2344 Fax: (85) 3225-2300 E-mail: comape@ufc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CEARÁ/ PROPEAQ



Contribuição ao Parecer 646269

adotar atitudes conscientes quanto a sua implicação com o entorno sócio-físico do qual fazem parte, refletindo também sobre suas necessidades e obstáculos à acessibilidade no ambiente urbano.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante para o campo da Psicologia Social e Ambiental, onde serão dados significativos para o campo das políticas inclusivas. Os objetivos estão claros e alinhados com a metodologia a ser empregada.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O pesquisador apresentou ao CEP: folha de rosto assinada pela Chefe do Departamento de Psicologia/UFC; cronograma atualizado (necessitando apenas ajuste de data de início na Plataforma Brasil); carta de encaminhamento do projeto ao CEP; CV Lattes; Termo de Consentimento Livre e Esclarecido TCLE e Orçamento financeiro detalhado.

Recomendações:

Concluído ou Pendências e Lista de Indicações:

Projeto de Pesquisa com atendimento aos princípios éticos, sendo que a única pendência documental é a atualização da data de início da coleta de dados na Plataforma Brasil.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

FORTALEZA, 18 de Março de 2014

Assinado por:
FERNANDO ANTONIO FROTA BEZERRA
(Coordenador)

Endereço:	Rua Cel. Nunes de Melo, 1127		
Bairro:	Rodolfo Fialho	CEP:	60.450-370
UF/CE:	Município:	FORTALEZA	
Telefone:	(85) 3228-3344	Fax:	(85) 3228-2309
		E-mail:	comape@ufc.br